

Semana



REVISTA DA

O dilema do café:

Nº 39 - 27 de setembro 58 - Cr\$ 10,00



LINHA SACO

VERSUS

LINHA LATA

MISS UNIVERSO

FAZ

CONFIDÊNCIAS

NO RIO

DOROTHY MALONE

FILMOU

NO CORCOVADO



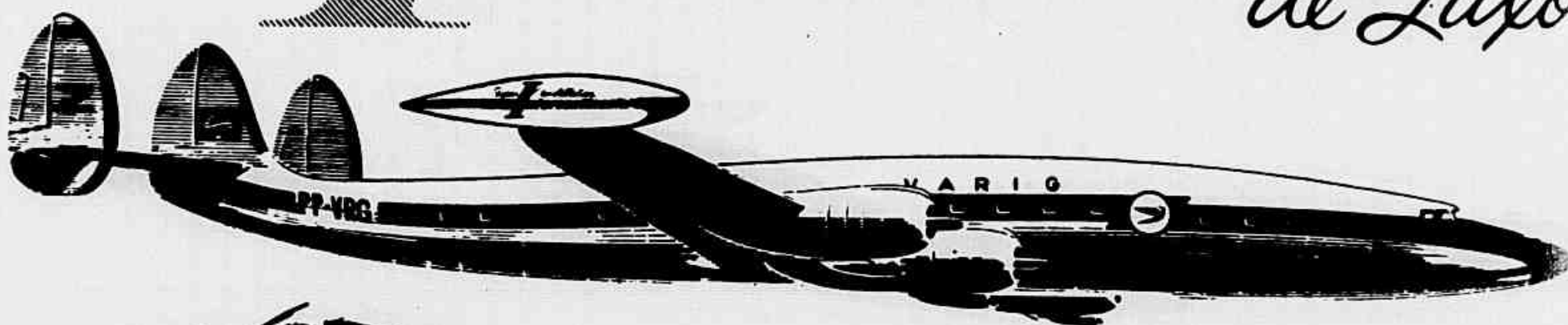
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

A CAPA

Auri Cayet

REPORTAGENS

Miss Universo no Rio	4
Abertura dos Jogos da Primavera	8
Trocando (Auri) revista por comédia	11
Bonecas também têm seu Long-Beach	19
Sônia Ebling (do Brasil) chorou ao ver a Acró- pole	23
Palavra da ciência sobre os problemas sociais do Brasil	32
Brasil veste saco dentro da bolsa de café	43
Convento do Carmo: tesouros reduzidos a cinzas	49
Beijos de Dorothy Malone em Jacques Bergerac	60

CINEMA

Sophia em Hollywood	14
---------------------------	----

NOVELA

Os galhos do Ceiro	28
--------------------------	----

MODA

Para os últimos dias de Frio	36
------------------------------------	----

CONTO

Jantar de pensão	40
------------------------	----

SOCIAIS

Kaleidoscópio	55
As Verdades de Mariazinha Maranguape	59

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro	10
Palavras Cruzadas	18
Literatura e Arte	26
A Revista há cinquenta anos	53
Humor	58

POLÍTICA

Trapézio	56
----------------	----

CRÔNICA

Descoberta da Azeitona	66
------------------------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Enderço Telefônico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior: Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

CONTATO

O café — essa base frontal da nossa economia, cuja alarmante perda de terreno nos mercados estrangeiros tanto nos tem inquietado — motiva a grande reportagem do presente número da Revista. No momento em que a bolsa de Nova Iorque completa setenta e cinco anos de existência — estuda Maurício Caminha de Lacerda, em “Café — linha-saco versus linha lata” — a situação melancólica em que se encontra o produto no exterior, e entrevista Rui Gomes de Almeida, que analisa alguns fatores determinantes do seríssimo problema.

ENQUANTO dois encouraçados, um porta-aviões e um navio-tanque americano despejam na cidade 3 500 guapos marinheiros, que invadem bares, fazem estrepolias, mas compensadoramente enriquecem de dólares o comércio — duas belezas internacionais aqui aportam na mesma semana — quase de surpresa. A primeira — Dorothy Malone — com a sua sensualidade e o seu talento de atriz; e a segunda — Luz Marina Zuluoga — com seu sorriso de doçura e suas formas exatas, que lhe valeram o título de Miss Universo.

Dorothy Malone (“Palavras ao Vento”), que veio ao Brasil acompanhada da família e do ator Jacques Bergerac, para filmar um documentário, negou-se, a princípio, a dar entrevistas — para desespero dos repórteres. Mas o nosso Hélio Polito conseguiu aplacar-lhe a intransigência, e acompanhá-la num giro através dos pontos mais pitorescos da cidade — que se tornaram ainda mais belos com a sua loura e sensual presença (como mostram as fotos da reportagem às págs. 60 a 65).

A outra beleza — essa já também famosa Zuluoga — que está dando um inesperado e súbito cartaz ao seu país — até então, para muitos, um vago nome no mapa da América (ah, o poder feminino!) — mostrou-se muito mais acessível — apesar das sérias dificuldades criadas pelos promotores de sua visita. Entretanto, a reportagem conseguiu acompanhá-la em sua visita ao país das vices — fixando flagrantes de sua presença em almoços e coquetéis — sempre ao lado da bela Colombo (reportagem às págs. 4 e seguintes).

OUTRO fato da semana que passou — esse trágico — foi o incêndio (motivado por um curto-circuito) que destruiu grande parte do Convento do Carmo, anexo à igreja do mesmo nome, situada no Largo da Lapa — e que reduziu a cinzas preciosas e irrecuperáveis relíquias. O aspecto desolador a que ficou reduzido o convento, depois do sinistro, mostra a reportagem às págs. 49 e seguintes.

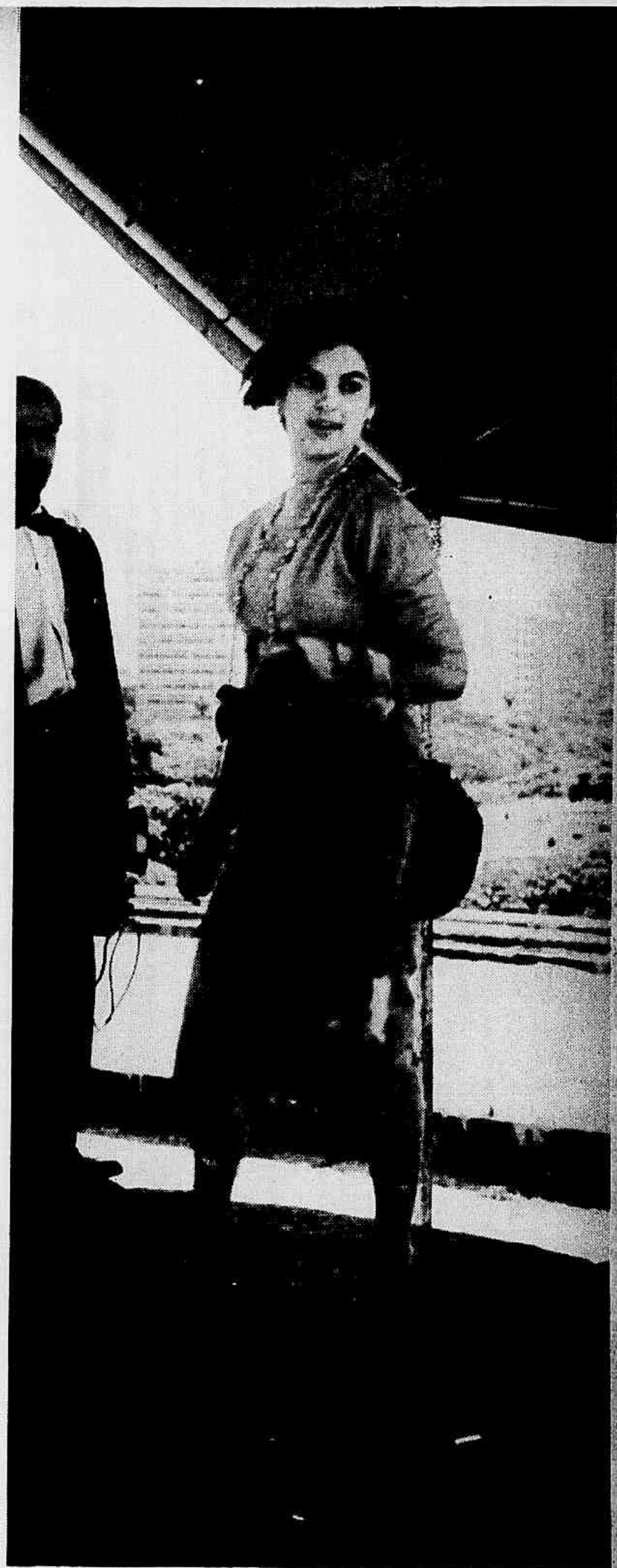


Luz Marina é uma garôta simples. A fama não modificou os seus hábitos de moça modesta. Concordou logo em posar em frente ao jôquei. Um certo Mr. Glen é que era a ovelha negra...

Visita de Miss Universo

dá título a promotor:

CAMPEÕES DA MAIS PERFEITA DESORGANIZAÇÃO



Miss Universo foi ao Outeiro da Glória. Não para provocar publicidade. Ao contrário. Ela queria rezar mesmo, e somente em uma Igreja sossegada isso seria possível.

SE VOCÊ É COMERCIANTE ou industrial e pretende algum dia fazer uma promoção, uma coisa anote desde já para não esquecer: jamais confie a execução dos seus planos nas mãos daqueles que se encarregaram da elaboração do programa de Miss Universo, entre nós. Ninguém lhes supera em capacidade de fazer as coisas tão mal. Se você é ainda pai e tem uma filha bonita, também não esqueça disso que vamos lhe dizer. É muito importante para ela. Nunca permita que participe de concursos de beleza onde estiver como um dos patrocinadores a mesma firma que promoveu a vinda de Luz Marina Zuluoga, ao Brasil. Eles se esquecerão que sua filha é humana, e como tal, necessita de horas de repouso. A exploração comercial vem em primeiro lugar. Se o sr., que também está lendo estas linhas, é diretor de uma empresa de navegação aérea, não aceite co-patrocinação de promoções com essa gente. Eles não cumprirão com o prometido. Em tempo algum.

Miss U é uma simpatia.

Antipático

era certo acompanhante.



Nunca Luz Marina dificulta as coisas. Ela atendia sempre com um sorriso a todos aqueles que pediam autógrafos.

Para fazer esta reportagem tivemos de seguir Miss Universo durante dois dias. Correndo a 100 quilômetros por hora.



Luz Marina possui um rosto de uma beleza impressionante.

E você leitor amigo, que não é nenhuma das coisas acima, mas representa muito para nós, e esperava uma magnífica reportagem com Luz Marina, não a terão desta vez. E não terão porque ninguém lhes poderia dar. As fotos que ilustram estas páginas, as fotos que ilustram ou ilustraram tôdas as páginas de outras revistas e jornais do Rio, só foram conseguidas porque temos uma boa imprensa. Viva, vibrante, audaciosa. Mas ninguém, honestamente, poderá dizer que entrevistou Miss Universo, com exclusividade. Nenhum órgão, honestamente, pode declarar que recebeu de parte dos promotores da vinda de Luz Marina, as atenções que merecia e que eles são obrigados a prestar, já que a nossa missão é BEM informar o público. Contar a ele, o que ele gostaria de ler. Publicar as fotos, que ele gostaria de apreciar. Este mesmo público que servimos e de quem eles dependem também, para vender os seus produtos de lambuzar a cara. Pois bem, amigos. Esta reportagem que gostaríamos de lhes dar, de lhes oferecer, com respostas a perguntas que vocês certamente fariam se tivessem a oportunidade de um bate-papo cordial com Miss Universo, não encontrarão nestas páginas. E se não encontram, se lhes decepcionamos de certo modo, não nos culpe desta vez. Não negligenciamos nunca, quando o SEU interesse está em jogo. Quando a SUA curiosidade deseja ser satisfeita. Responsável é um certo Mr. Glen, o que tem Weible no sobrenome, e é gerente da fábrica de pomadas, perdão, cosméticos, como eles chamam. Esse tal Mr. Glen, que não perdia oportunidade para segurar no braço da bela Luz Marina, é que era o chamado "dono da bola". Foi ele e o seu "staf" que o prejudicou, público amigo

JAMAIS, NOS LONGOS ANOS de experiência, assistimos um programa tão mal organizado. Milhões de coisas para serem feitas ao mesmo tempo. Uma infinidade de visitas protocolares e carnavais. E para a imprensa, nenhuma hora disponível, pela tarde. Porque as "manhãs livres", que estabelecia o programa, e nas quais os organizadores (?) pretendiam infantilmente destiná-las à imprensa, ninguém pôde contar com elas. E é lógico que não poderíamos contar mesmo, pois uma Miss é de carne e osso, e portanto, humana. Sujeita a desgastes físicos. Deitando alta madrugada, explicável é, que teria de dormir até quase o meio-dia. E como ao meio-dia o programa rezava um almoço, compreendese da mesma forma, que não sobriaria tempo para reportagens. Raciocínio lógico e intuitivo, mas que só não entrou na cachola do tal Mr. Glen e seus igualmente ingênuos assistentes.

Miss U

Não
tidos
espaço
O sábado
logo "r
com p
Os
relógio
se pas
espera
carros
Finalm
pessoal
E algu
"Por f
Precisa
fome.
Sempre
távamo
bom se
enfim
cavalhe
de vol
marcaç
todos o
cluiu o
Outr
rada.
diantei
Canoas
sagem
apenas
simo p
pacaba
que fiz
Restav
Porém
não co
frizar,
E a
cuja co
passada



Miss Universo posa, do alto da Glória, tendo o Rio de Janeiro a seus pés. A simpatia e a boa vontade, são as suas melhores armas.

Não vamos aqui comentar, dia por dia, os erros primários cometidos nessa promoção. Seria demais enfadonho e nem teríamos espaço para tanto. Nos limitaremos apenas, ao dia 20 de setembro. O sábado que estabelecia igualmente "manhã livre" (porque não logo "manhã para dormir") e um almoço no Esquilos, na Tijuca, com passeio pelos pontos pitorescos, à tarde.

Os convidados para o citado almoço, viram os ponteiros do relógio caminharem, andando num ritmo incessante. As horas se passaram, e nada de Miss Universo. Depois de longuíssima espera, ouvem-se as sirenas dos batedores. E logo atrás, dois carros com o grupo. Os fotógrafos apelam para umas chapas. Finalmente foram para lá, trabalhar. Luz Marina concorda. Ela, pessoalmente, nunca nega as coisas. Está sempre de boa-vontade. E alguns "flashes" são disparados. Chega um cavalheiro e diz: "Por favor, deixem-na agora. Depois vocês terão tempo bastante. Precisamos almoçar". Justo. Justíssimo. Todo mundo estava com fome. Até nós mesmos. Foi servido o almoço. Seguido de falação. Sempre aparece um "gênio" para dizer asneiras. Depois — comentávamos com os confrades — vamos poder finalmente, fazer um bom serviço. Fotos nas Furnas, no Corcovado, nos pontos pitorescos enfim — snhávamos nós. Santa boa fé. Novamente aparece o cavalheiro de terno claro, e vem com a bomba: "Agora vamos ter de voltar direto para o hotel, porque Miss Universo tem hora marcada com o cabeleireiro (15 horas)". Como? — protestaram todos da imprensa. "Isso mesmo. Regressaremos ao hotel" — concluiu o homenzinho.

Outra vez a sirena estridente e os dois carros em louca disparada. Saimos com o jipe na mesma velocidade. Tomando-lhes a dianteira, conseguimos fazê-los parar um segundo, nas estradas das Canoas. Fazia-nos falta uma foto que fixasse Luz Marina na paisagem do Rio. Mas o tempo só deu para operar duas ou três chapas apenas. Porque o tal do Mr. Glen gritava seguidamente, em péssimo português cheio de rr: "rápido, rápido". Das Canoas até Copacabana, por mais malabarismos (a 100 quilômetros por hora) que fizesse o motorista do jipe, não conseguimos fazê-los parar. Restava apenas a chance de algumas fotos em frente ao hotel. Porém igualmente não foi possível, porque os "donos da bola" não concordaram. ELES, não concordaram, fazemos questão de frizar, porque Luz Marina, não fez a menor objeção.

E a VARIG? Essa fabulosa companhia de navegação aérea, de cuja cooperação se deve a vinda de Luz Marina Zuluoga. Essa, foi passada criminosamente para trás. Não fizeram uma única menção

de seu nome, em todo o programa. Não lhe tiveram a menor consideração. E se esqueceram até, de reservar lugares para os seus representantes nos banquetes, e de enviar-lhes convites especiais para as recepções.

Quando protestávamos contra tôdas essas desorganizações, no "hall" do Copacabana-Palace, um terceiro homem (que não era o tal do Mr. Glen e nem o de roupa clara, do Esquilos) ponderou:

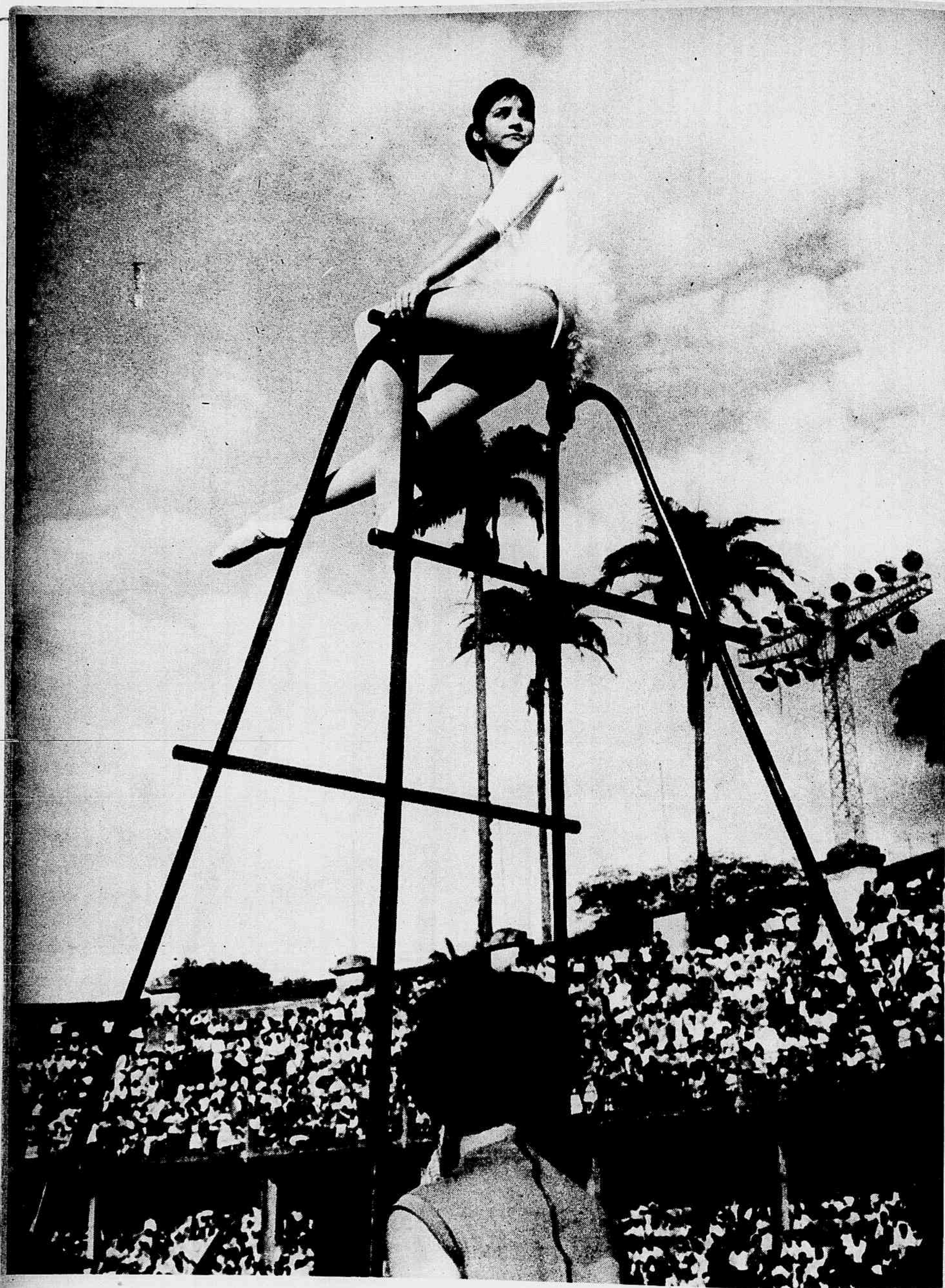
— O sr. sabe como são essas coisas. Quando se depende de moças, é difícil cumprir com o estabelecido. Principalmente horários.

— Ora, meu amigo — dissemos nós. Conhecemos Luz Marina desde Long Beach e ela nunca foi de criar casos, ou dificultar a imprensa.

— Não é por ela — remendou êle, como que querendo jogar a culpa por cima de Adalgisa Colombo.

A verdade entretanto, é muito outra. O mal, é a incapacidade para realizar BEM as coisas. A REVISTA DA SEMANA, trouxe ao Brasil uma Miss Uruguai, a Srta. Titina Aguirre. Precedida de grande publicidade, era aguardada com ansiedade por todos. Fêz tanto sucesso quanto a linda Luz Marina. No entanto a imprensa tôda fêz as fotos que quis, a entrevistou durante o tempo que necessitou. E ela, passeou pelo Rio o tempo suficiente para conhecê-lo bem, e divertir-se como desejava. Tudo funcionou "de acôrdo com o figurino" — como se diz na gíria. Tão somente porque elaboramos um programa, com aquilo que seria (como foi realmente) possível cumprir, **sem prejuízo de ninguém**. E todos aqueles que nos ajudaram na promoção, foram atendidos na forma como nos havíamos comprometido. As vêzes até melhor do que o combinado. E sem batedores, sem precisar ardar em excessiva velocidade. Somente usando a cabeça, quando elaboramos o programa.

Ouçã aqui, Mr. Glen: diz um velho refrão brasileiro, que "conselho e água benta, toma quem quer". Portanto o sr. tomará se quiser. Mas uma coisa vamos lhe dizer: leia um pouco sobre o que é **promoção** e estude, ao menos para ter uma idéia, o que significa Relações Públicas ou Relações Humanas. Talvez assim o sr. aprenda a tratar condignamente a imprensa. E prestará, no futuro, melhor serviço a sua fábrica de pomadas. Perdão, enganamo-nos uma vez mais, de cosméticos.



BELEZA E CÔRES MARCARAM A ABERTURA

O RIO ASSISTIU domingo 21, mais um monumental desfile dos tradicionais Jogos da Primavera, a quem os promotores chamam, exageradamente ou não, de "a maior olimpíada feminina do mundo". A verdade, porém, é que a iniciativa de Mário Filho ("Jornal dos Esportes"), merece os mais francos aplausos de todos. Pois está ajudando a aprimorar o físico das jovens que serão as mães do Brasil de amanhã. O fabuloso material fotográfico que os nossos repórteres colheram no desfile inaugural, domingo último, ilustrará a grande reportagem que publicaremos em nosso próximo número. Aguardem.



ABERTURA DOS JOGOS DA PRIMAVERA

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



1 — Grace Moore, famosa cantora lírica americana, morreu tragicamente:

- Num incêndio em sua residência?
- Assassinada?
- Num desastre de aviação?

2 — "O Judas em sábado de aleluia" é uma conhecida peça da autoria de:

- Artur Azevedo?
- Martins Pena?
- Antônio José, o Judeu?

3 — A mais alta queda d'água que se conhece são as de:

- Niagara, nos Estados Unidos?
- Vitória, na África?
- Kaletour, na Guiana Inglesa?

4 — Que defeito físico tinham em comum estes três poetas gregos:

- Tamiris?
- Demódoco?
- Homero?

5 — Geoso é um adjetivo que significa:

- Em que há geada?
- O mesmo que genioso?
- O mesmo que telúrico?

6 — A frase latina "Ne sutor ultra crepidam" (sapateiro, não vás acima da sandália) lembra:

- O pintor Apeles?
- O tribuno Catão?
- O poeta Dante?

7 — Júlia Lopes de Almeida, romancista e contista brasileira, morreu a 30 de maio de:

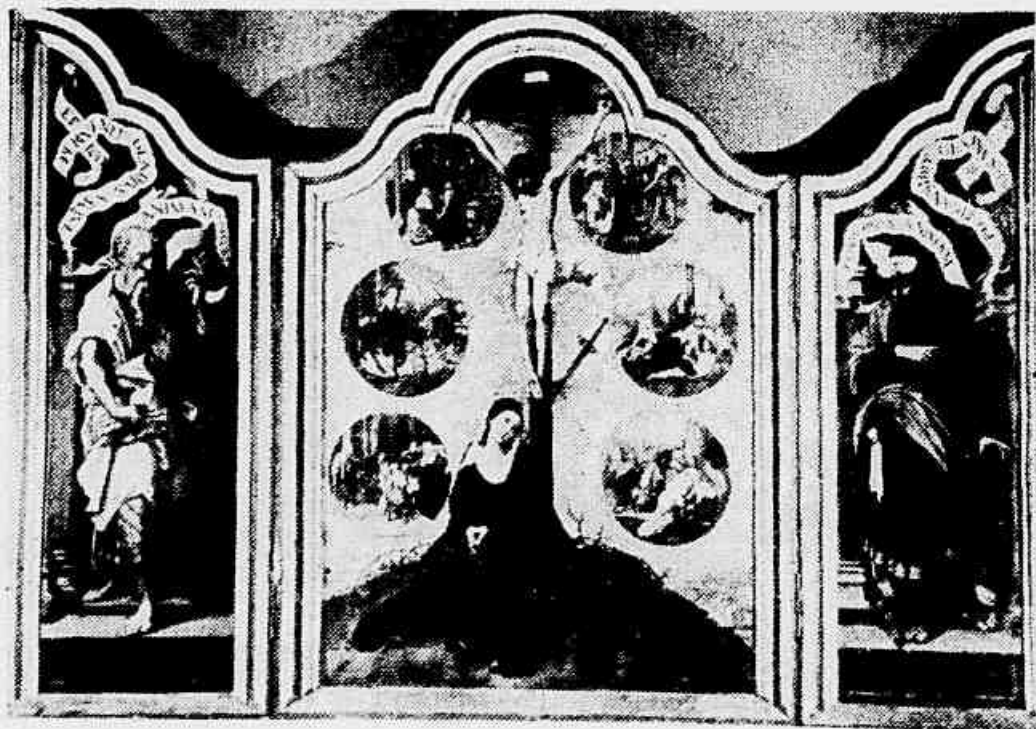
- 1918?
- 1926?
- 1934?

8 — A idade máxima a que podem chegar a águia e o cisne é de:

- 10 anos?
- 40 anos?
- 95 anos?

9 — A foto mostra reprodução de um retábulo de:

- Murilo?
- Van Orley?
- El Grecco?



RESPOSTAS DO TESTE: 1) Num desastre de aviação; 2) Martins Pena; 3) Kaletour, na Guiana Inglesa; 4) Eram cegos; 5) em que há geada; 6) o pintor Apeles; 7) 1934; 8) 95 anos; 9) Van Orley.

CARTAS

ILUSTRAÇÃO

"Fiquei decepcionadíssimo em não ver o meu nome na ilustração do conto de Hero Figueiredo — "Assombração", na revista do n.º 38. Como era o meu segundo trabalho publicado, o senhor imagine o estado em que fiquei. Acredito que o desenho tinha algum valor, já que foi aproveitado. Por que, então, a ausência da assinatura?"

Lobianco — R. Aquidabã, 30, DF



§ A decepção foi geral. Foi um descuido técnico, lamentável, que passamos imediatamente a reparar, reproduzindo aqui a citada página, ao lado do seu nome: **LOBIANCO**.

O Editor

BLITZ

"O dr. Eudoro parece ter mudado radicalmente de política. O que agora diz está em pleno desacôrdo com o que pensava há algum tempo atrás. E, de resto, qual foi o proveito das "blitzes"? Nenhum. Não passaram de três ou quatro investidas ordinárias aos bares da zona sul, visando prender menores, para satisfazer a opinião pública num momento convulsionado, como bem acentua a introdução da reportagem. Agora que água foi posta na fervura do Juizado, tudo ficou como dantes..."

Agostinho Jackson — D.F.

PAPEL

"Pena que o papel não esteja à altura da excelência da matéria — tanto no que se refere à atualidade dos assuntos, como também à qualidade do texto e das fotografias."

Cássio Seabra — Salvador, Ba.

ELOGIO

"... as legendas das reportagens de M. C. de Lacerda — sucintas, expressivas, muito bem boladas. A calhar a repercussão sobre a reforma rural."

Dr. Wolfrang Nunes — Marília, S.P.

AUTORIA

"... a ausência de assinatura em algumas excelentes reportagens, como aquela sobre Marpessa Down. Não compreendo o motivo de trabalho tão bom sair sem assinatura. Se por um lado, isso mostra o alto nível do corpo redatorial da R.S., por outro espicaça a curiosidade das leitoras, como eu, que querem conhecer a paternidade dos artigos de que mais gosta. Sinceramente, acho que a Revista devia dar o nome aos bois. Não é que eu queira chamar os seus repórteres de bois, é apenas um modo de dizer. A rigor, pelos modos com que sabem tratar as garôtas, deveria chamá-los de "tourinhos" (essa, é extensiva ao Polito)..."

Lourdinha Rizzini — S. Paulo

§ Seu tourinho se chama Hugo Sérgio e a paternidade da reportagem vinha registrada no Contato. Na verdade, é um menino modesto e por isso esconde anonimamente os seus lavôres artísticos. Mas diante dessa carta entusiástica, não nos responsabilizamos por mais nada. É capaz de — se nos distrairmos — ele querer até assinar os anúncios...

O Editor

ATRASSO

Na Comédia Humana do número que traz a Julie Joy na capa, no tópico "Macabras casualidades", há o seguinte trecho: "o diretor rumeno Sandor Maac faleceu há seis dias. Maac representaria seu país no próximo Festival a realizar-se no mês vindouro". Ora, o dito diretor faleceu há dois meses e o citado festival já se acabou há bastante tempo... Fiquei surpreendida com o atraso da notícia, já que a Revista está primando pela sua absoluta atualidade."

Solange Murta — D.F.

A CAPA



**Trocando (Auri) revista por comédia
prejudicados foram os homens**

A CAPA



A MOÇA DA CAPA

DEIXOU

O BIQUÍNI DAS

REVISTAS

PELA SAIA JUSTA

DAS COMÉDIAS



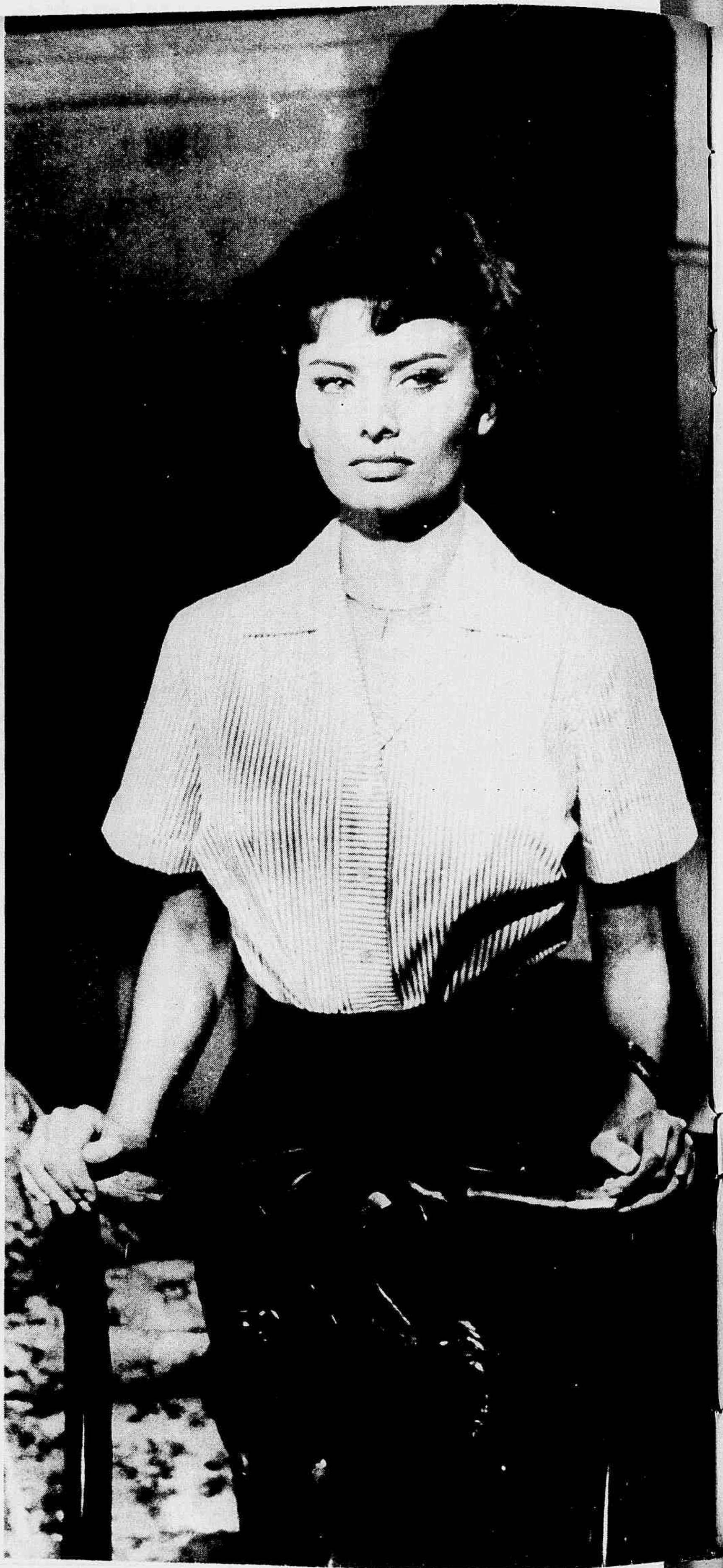
AOS TANTOS DIAS do mês tal, do ano de mil novecentos e trinta e quatro, nasceu em Teresópolis uma criança do sexo feminino que tomou o nome de Maria Aury de Conte Gil Nobre Cahet. Anos depois, a dita criança, já então moça, veio residir com a sua família no Rio. Pretendia fazer vestibular para arquitetura. Enquanto estava aguardando os exames, foi a uma boite chamada Casa Blanca. Foi e gostou do show que fôra preparado pelo Silveira Sampaio e o Teófilo de Vasconcelos. Aí, convidaram a moça para trabalhar nêle. Ela aprovou a idéia e aceitou. Havia porém o problema da idade. Mas isso foi resolvido com uma certidão falsa e ela começou logo a trabalhar. Nos primeiros dias ela ficou completamente apavorada. Usava um biquininho, tão biquininho, que era preciso o pessoal empurrá-la para entrar em cena, pois a sensação que tinha era de que estava completamente nua. Mas depois foi se acostumando, e o público com ela também. Passou então a trabalhar com o Carlos Machado, como modelo, dêses que entram e saem do palco, sem dizer uma palavra. Já então encurtara o seu nome, que passou a ser somente Aury Cahet.

Depois a **moça da capa** resolveu deixar o teatro de revistas, para tentar o de comédia. E para azar daqueles que gostavam de olhar, de primeira fila, o seu corpinho bonito, acabou preferindo mesmo, êste tipo de teatro. E ingressou (1956) na Cia. da Tônia Carrero, onde está até hoje.

Na peça "Ôlho Mecânico" (Teatro Mesbla) Aury faz o papel de uma enfermeira. Uma enfermeira que usa um vestido tão apertado, que tem de andar aos pulinhos. E acaba se casando com um cantor de rádio, que herdara a fortuna de uma velha solteirona. Mas o cantor casara com uma outra, ao mesmo tempo, o que vem criar uma situação complicadíssima, mas que diverte bastante. E Aury Cahet está ótima no papel de enfermeira, e da esposa também.



Sophia em Hollywood





Dos braços de Rossano Brazzi, Sophia passou depois aos de John Wayne — o trio enfrentando os árabes, à procura de uma cidade perdida, em "A Lenda dos Desaparecidos".

SOPHIA LOREN já havia igualado a linha de popularidade de Gina Lollobrigida — e, portanto, se avantajado a Silvana Pampanini, Silvana Mangano e outras representantes do neo-erotismo italiano — quando vários produtores de Hollywood lhe fizeram as melhores propostas, vivamente empenhados em contratar com exclusividade a campeã do busto. Nenhum a conseguiu com exclusividade, mas são muitos os que estão ganhando milhões de dólares à sua custa — pois na Itália, na América, no mundo todo, cada dia é maior o cartaz de Sophia.

O primeiro filme americano da estrêla italiana foi **Orgulho e Paixão** (The Pride and the Passion), rodado em grande parte na Espanha pelo produtor-diretor Stanley Kramer. Como uma guerrilheira de ânimo inquebrantável, Sophia hesitava, no lado romântico da aventura, entre Frank Sinatra, o chefe do movimento contra a invasão das forças napoleônicas, e Cary Grant, oficial inglês ligado aos patriotas espanhóis e perito no manejo do "maior canhão do mundo". Antes de **Orgulho e Paixão**, que demorou a ser editado, foi exibido o segundo filme da atriz, **A Lenda da**

CINEMA



Em "Orgulho e Paixão", foi guerrilheira espanhola, entre Cary Grant, oficial inglês, e Frank Sinatra, líder da resistência à invasão napoleônica.

O prêmio de Veneza, vem mostrar que o prestígio de Sophia na Europa

Estátua Nua (Boy on a Dolphin), produzido pela Fox nas ilhas do Mar Egeu e no qual, como robusta e voluntariosa pescadora grega, Sophia ficava no centro do duelo arqueológico travado entre Alan Ladd e Clifton Webb.

Só estes dois filmes, até agora, são conhecidos no Rio. Sophia, entretanto, já terminou vários outros, mais ativa do que qualquer atriz de seu porte — porque todos os estúdios, certos do extraordinário impacto de seu nome na bilheteria, surgem com as propostas mais tentadoras.

CINCO FILMES E UM PRÊMIO

Em pouco mais de um ano, Sophia Loren foi a heroína de cinco fitas, todas realizadas no regime da superprodução:

A Lenda dos Desaparecidos (Legend of the Lost), da Batjac (United Artists) — aventura no deserto da Líbia, dirigida pelo veterano Henry Hathaway, figurando a estrela entre John Wayne e seu compatriota Rossano Brazzi;

Desejo (Desire Under the Elms), da Paramount, em que Sophia, como heroína de Eugene O'Neill, cria a discórdia entre pai (Burl Ives) e filho (Anthony Perkins), sob a direção de Delbert Mann, o homem que fez Marty;

Houseboat, comédia produzida (na Paramount) pela dupla Melville Shavelson — Jack Rose, com Cary Grant (novamente) ao lado da atriz italiana;

A Chave (The Key), que Sophia foi fazer em Londres sob as ordens de Sir Carol Reed — um drama romântico, desenvolvido durante a II Guerra Mundial, com William Holden e Trevor Howard entre os vários donos da chave do apartamento que dá acesso aos encantos da heroína;

A Orquídea Negra (The Black Orchid), produção (na Paramount) de seu marido Carlo Ponti, com Anthony Quinn no principal papel masculino — e direção de Martin Ritt.

Desses cinco filmes, o mais expressivo, ao que tudo faz crer, é **A Chave**, que vem recebendo da crítica estrangeira todos os elogios que foram recusados, por sinal, a **Desejo** — e que tem na direção ainda o nome respeitável de Carol Reed. Foi, porém, com **A Orquídea Negra** que Sophia Loren conquistou o prêmio de "melhor atriz" no recém-terminado Festival de Veneza. Quando ela saiu da Itália, menos de dois anos atrás, ninguém a considerava capaz de uma façanha como aquela. Nem os observadores mais atentos, que já vinham notando o desembaraço da estrela em vários filmes, sobretudo em comédias como **A Bela Moleira e Bela e Canalha**.

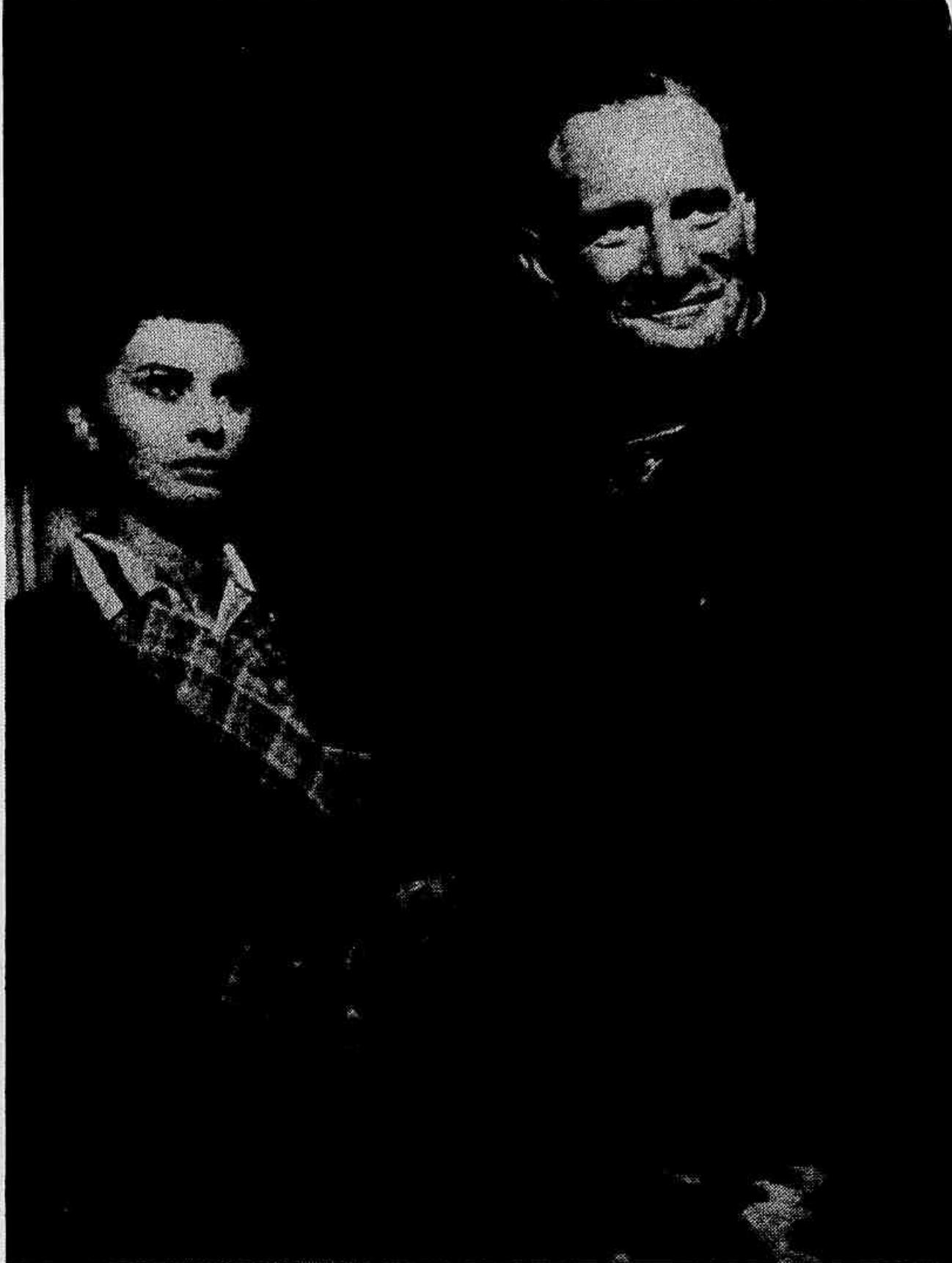
O prêmio de Veneza — e justamente no ano em que o regulamento do Festival era mais rigoroso do que nunca — vem mostrar que o prestígio de Sophia Loren na Europa já se avizinha do de Anna Magnani — isso no que diz respeito ao talento. Na guerra do "sex-appeal", apesar das modificações impostas a sua maneira de vestir, até a seu penteado, Sophia mantém destacada posição, na linha de frente em que se encontram Marilyn Monroe, Brigitte Bardot, Kim Novak, Martine Carol e Gina Lollobrigida.

MICRO-BIOGRAFIA

Nascida em Roma, no dia 20 de setembro de 1934, seu verdadeiro nome é Sophia Scicolone. Sua mãe era atriz, tendo vencido um concurso por sua semelhança com Greta Garbo. Sophia não herdou essa semelhança, mas, aos 16 anos, participou de um concurso de beleza, em Nápoles, classificando-se em segundo lugar. Pouco



Cem Anthony Perkins, seu genro em "Desejo", a versão da famosa peça de O'Neill. Sophia, em grande forma, está no centro do triângulo, entre pai (Burl Ives) e filho.



"A Chave", que Sophia fez na Inglaterra, é uma história romântica tendo a guerra como pano de fundo. Vários homens na vida da heroína, entre os quais Trevor Howard (no clichê).

já se avizinha do de Anna Magnani

depois, estreou no cinema com uma "ponta" em *Cuori sul Mare*. Inscreveu-se em outro concurso, o de Miss Itália, no qual obteve o prêmio (de consolação) de Miss Elegância. Num filme medíocre, *A Sereia do Mar Vermelho* (Africa sotto i mari) — e só há pouco, aliás, apresentado no Rio — a beleza de Sophia chamou a atenção dos mais importantes produtores e diretores italianos, especialmente a de Carlo Ponti, que, depois de inúmeras demarches, conseguiu o que queria: desde o ano passado é seu marido.

Entre suas melhores fitas, devem ser citadas: *Ouro de Nápoles*, cujo último episódio a apresentou como a mais bela de todas as vendedoras de pizzas, sob a direção de Vittorio De Sica; *A Bela Moleira*, ao lado de De Sica (só ator), Marcello Mastroianni e Paolo Stoppa; e *Bela e Canalha*, ainda com Mastroianni e De Sica, é uma despreziosa, mas divertida comédia de Alessandro Blasetti.

INTERVÊM O MARIDO

Há pouco, Carlo Ponti, sem esconder o descontentamento ante a maneira com que Hollywood vinha utilizando sua esposa, decidiu dar novo rumo à carreira de Sophia. Além de assumir a produção de *A Orquídea Negra*, declarou que a estrêla não aceitará mais papéis que não se adaptem perfeitamente a seu temperamento artístico.

Já se tornavam necessárias essas precauções. Fazendo filme após filme, sem descanso, qualquer artista, por maior que seja seu valor, sofre um desgaste de prestígio, embora isso não se reflita imediatamente na bilheteria de suas fitas. Com a nova orientação, Sophia Loren não aparecerá tantas vezes na tela como o vinha fazendo. Mas virá em melhores papéis e após intervalos que tornarão mais ansiosos os seus admiradores.



Pescadora do Mar Egeu, em "A Lenda da Estatua Nua", Sophia enfrentou a fleuma de Clifton Webb, contrabandista, enquanto namorava o arqueólogo Alan Ladd.

PROBLEMA N.º 52 — PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: 1. Chefe etíope — 4. Jornada, partida — 7. O mesmo que outo — 8. Possuir — 9. Raiva — 10. O mesmo que guri — 11. Assinalara — 13. Armadilha para apanhar animais silvestres; arapuca — 17. Sorriu — 18. Semelhante — 19. Cano de moinho; óxido de cálcio — 20. Nome de mulher — 21. Quer bem — 22. Título abissínio.

VERTICAIS: 1. Mau; que não presta — 2. Seduziriam — 3. Produzir bem — 4. Planta, o mesmo que itauá — 5. Desmoronamento; ruína — 6. Cantiga — 12. Uma das ilhas Lucaias ou Baamas — 13. Cofre, tesouro — 14. Preleção — 15. Ligar — 16. Fileiras.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 51

PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: Ra — aceai — am — adail — liame — Sil — idi — nar — gleucômetro — Ur — sape — iras — lira — onix — ri — monoceronte — ofa — cna — oir — rosas — fusão — as — regas — SS.

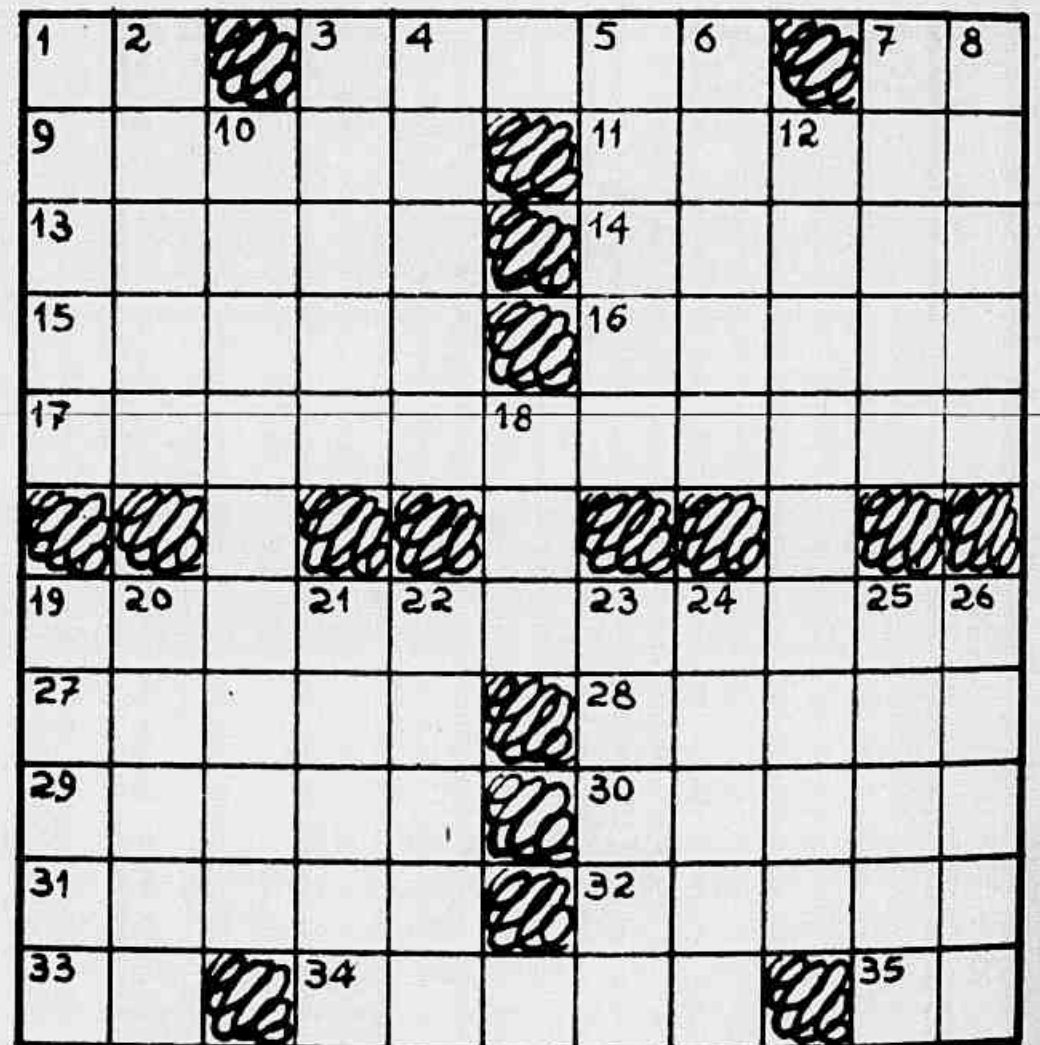
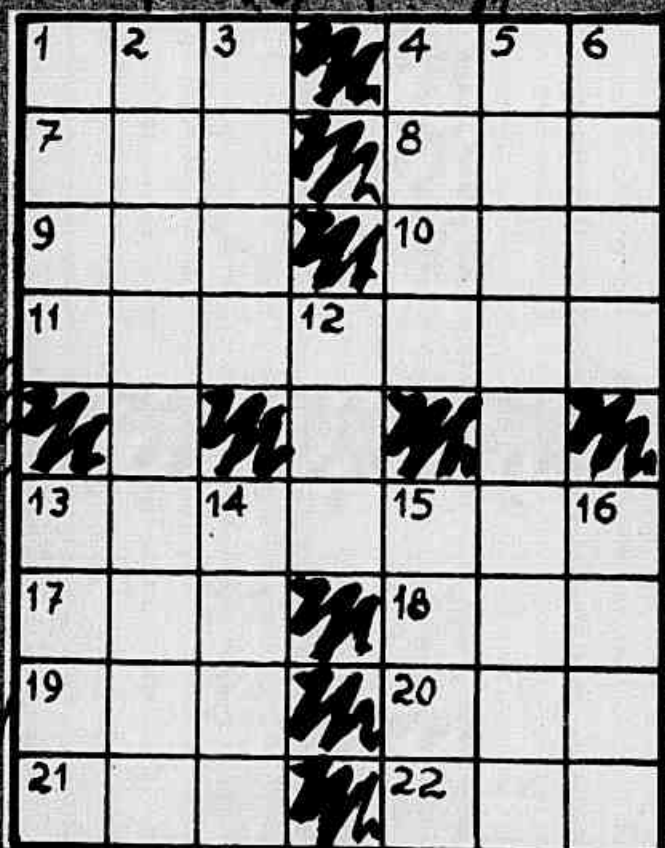
VERTICAIS: rasga — adil — ai — clic — alimal — II — amar — meros — aleuronas — anterinos — dós —

Urano — Épiro — sicose — amora — xen — feros — ofós — rafa — tiás — ar — Us.

PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: nas — ida — ola — mor — acifilo — ato — aca — ara — eis — arenosa — ter — ror — asa — así.

VERTICAIS: noa — alcáceres — sai — imita — dolorosos — aro — fa — alera — Sn — ata — ora — Ari.



PROBLEMA N.º 52 — PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: — 1. Prefixo: direção, tendência — 3. Saciam — 7. Entre nós — 9. Arvoredo frutífero — 11. Pessoa doente e velha (pl.) — 13. Dera aviso em voz alta — 14. Solução de pedra-ume (pl.) — 15. Arder; queimar-se — 16. Direito que os franceses pagavam aos argelinos e tunisianos pela pesca do coral — 17. Propagandistas — 19. Operários que nas fundições entram nas caldeiras quentes para consertá-las — 27. Partidário — 28. Árvore do Brasil, de que os indígenas faziam os utensílios de mesa — 29. Abrandar — 30. Sentir grande fome — 31. Pequeno cabo náutico — 32. Ave pernalta da família dos Ralídeos — 33. Símbolo do samário — 34. Barco de pesca usado na costa portuguesa, entre Senzimbra e Setúbal — 35. Corifeu.

VERTICAIS: 1. Colocar no chão — 2. Carolo — 3. Padreador — 4. Ação de mentir — 5. Sacerdote encarregado da guarda dos livros sagrados de Manaque e Goru, legisladores dos Siques — 6. Arilo da noz-moscada — 7. Multa — 8. Tostas — 10. Próprio do homem — 12. Tecido de lã, macio e lustroso — 18. Sífilis — 19. Lugar onde os mestres de armas davam as lições (pl.) — 20. Lírio do campo — 21. Ventila — 22. Permaneci — 23. Dia do nascimento — 24. Cabo que içava uma vêrga, vela, bandeira — 25. Acerta — 26. Arbusto que nasce em terrenos alagados pelas cheias (pl.).

smo
nhar
ante
lher
Des-
aias
igar

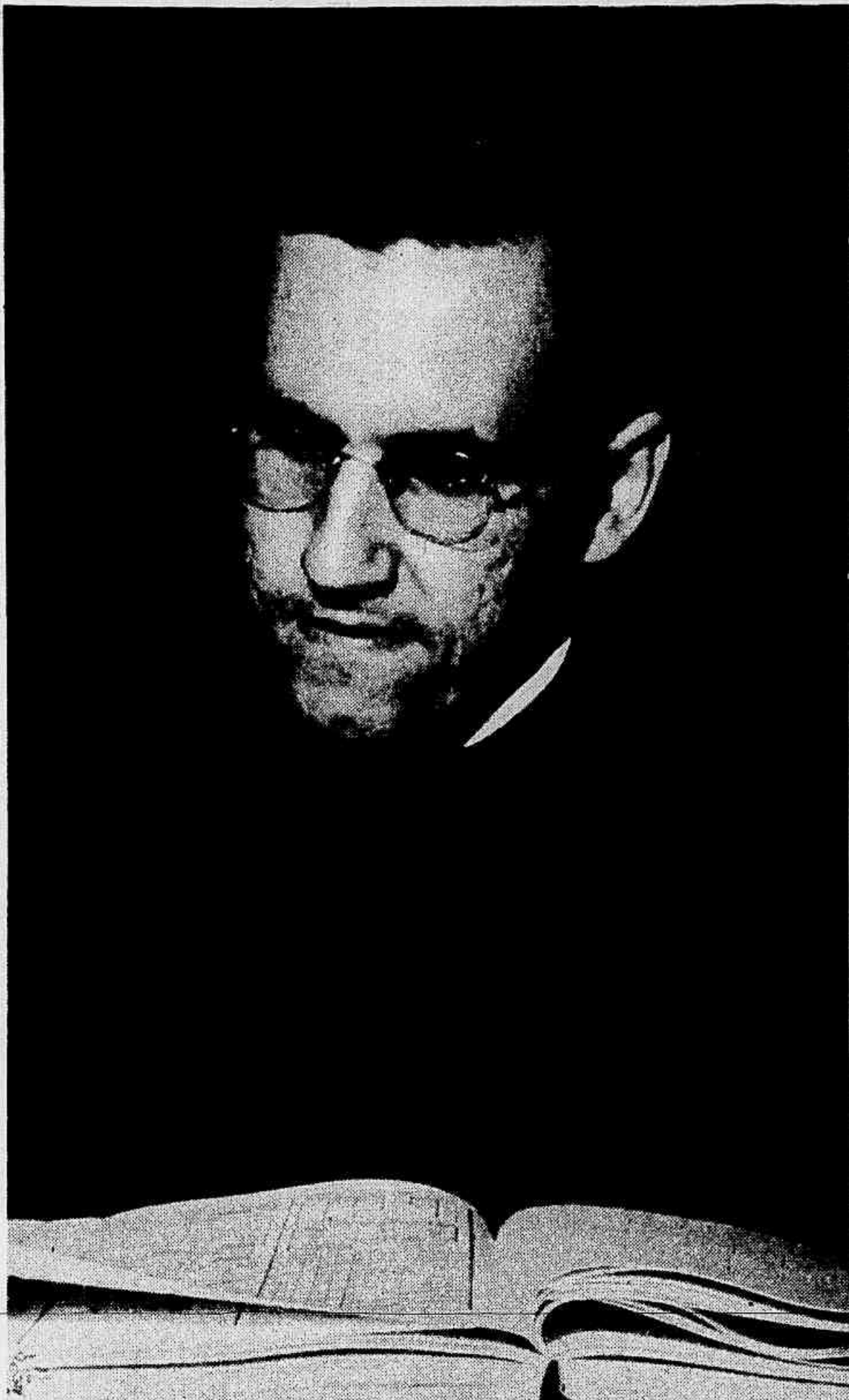
BONECAS

ofós
Us.
ida
s
asa
lca-
olo-
a

TAMBÉM TÊM

SEU

LONG BEACH



Padre Didier instituiu o concurso, com o fim de obter fundos para construir sua paróquia. Passou dois meses mecanizando a passarela.



Sa-
soa
So-
Di-
ela
nas
27.
tam
nde
da
arco
bal
dor
rda
ues
Pró-
Si-
ões
neci
eia,
nos

As concorrentes foram vestidas pelas costureiras dos respectivos bairros, que também disputam um título.



BONECAS



NEM SÓ PARA Adalgisa e outras bonequinhas de carne foram criados os concursos de beleza. Desta vez as bonecas (mesmo) vão desfrutar de todo o prestígio long-beachiano das moças de coroa e cetro. Se bem que o Long Beach das semelhantes de Emília seja completamente carioca: atêrro da Avenida Beira-Mar, coração do Parque dos Estudantes. Mas nem por isto a "Revista da Semana" se furtaria a realizar a cobertura do acontecimento, quando menos para dar treino à sua equipe de futuros Hélios Politos — O D.E. dos pobres... E, na realidade, a competição implica num autêntico desfile de elegância. Quando dizemos desfile não estamos usando força de expressão. As bonecas, aos pares, se deslocam numa passarela rolante, para serem admiradas de mais perto suas charmosas figurinhas. Todos os que vão vê-las têm o direito de adquirir votos e lá mesmo depositá-los nas urnas, que darão a conhecer, no fim de outubro, a vencedora do concurso. A eleita receberá o título de Miss Distrito Federal pois cada concorrente é embaixadora de um bairro ou subúrbio da cidade. Sendo que alguns bairros ainda recebem a ajuda dos clubes nêles situados. É o caso da Miss São Januário, por exemplo, que segura mui manhosamente nos dedinhos um escudo do Vasco da Gama, atraindo assim fãs de duas categorias: do bairro e do clube.

Paralelamente ao Concurso de Bonecas se estabelece uma segunda competição — a de modistas. Cada bairro delegou uma costureira para vestir sua representante. Várias bonecas apresentam trajes bastante ricos, custeados pelas próprias costureiras. Diga-se de passagem que a linha saco não compareceu. Além das duas campeãs — boneca e modista — o Concurso designará por



UMA BONECA PODE SER
SUA. - ENTRE NO CONCURSO de PONTOS
PEÇA INFORMAÇÕES...

sorte um votante, que será premiado com a Miss Distrito Federal em gesso e macela.

Tudo isto nasceu de uma idéia do Padre Nelson Didier, com a finalidade de angariar fundos para a construção da nova matriz da Paróquia de São Sebastião, no Engenho de Dentro. O Padre Didier no ano passado já demonstrou suas qualidades de artesão de primeira água, exibindo no mesmo Parque um Presépio de Natal todo mecanizado. Este ano, a campanha prosseguirá em novembro com a reabertura do Presépio, agora com uma série de melhoramentos, como por exemplo peixes nadando no mar, anjinhos se mexendo no céu... O Padre Didier construiu-o sozinho e os que viram a obra podem fazer idéia da dimensão do seu esforço. O desfile das bonecas mecanizadas, cuja elaboração apresenta problemas bem menores e inclusive aproveita o motor do presépio em sua movimentação, só ele durou dois meses para ser aprontado.

A isto não dariamos o nome de trabalho, mas de sacrifício. Para o Padre Didier, contudo, éle representa a possibilidade de ver um dia sua nova igreja de pé.

Detalhe curioso do concurso é que não apenas a garotada aflui ao pavilhão das bonecas do Parque. Também os marmanjos, sózinhos, sem o pretexto de "levar as crianças para ver" comparecem em péso, torcendo, comprando votos para a eleição da candidata do seu bairro. As apurações, já iniciadas, estão sendo feitas semana a semana, e a primeira apresentou Miss Laranjeiras como líder, seguida de perto por suas adversárias de Madureira e Santa Teresa.

Cada bairro tem

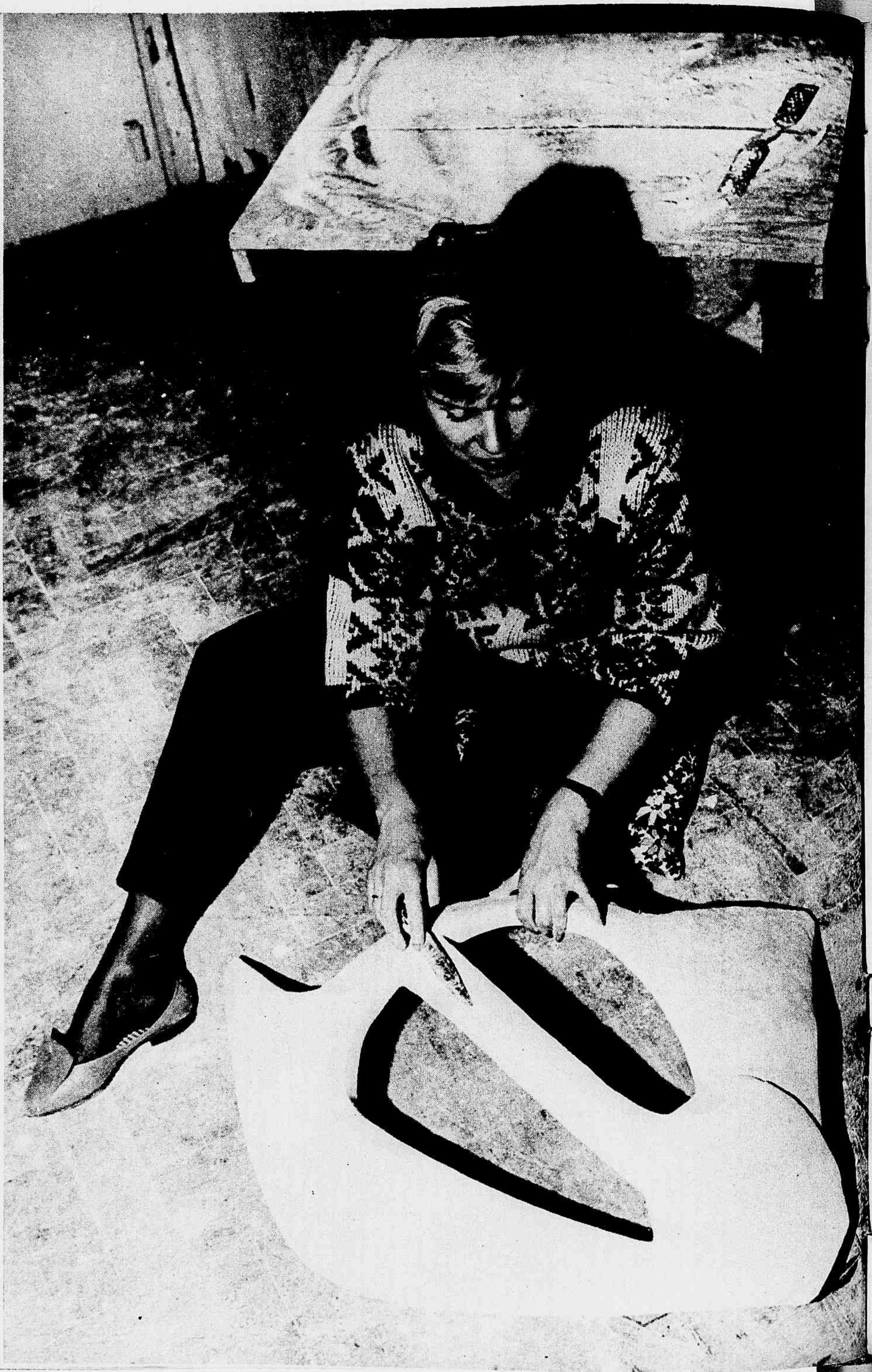
sua miss.

Laranjeiras, Madureira e

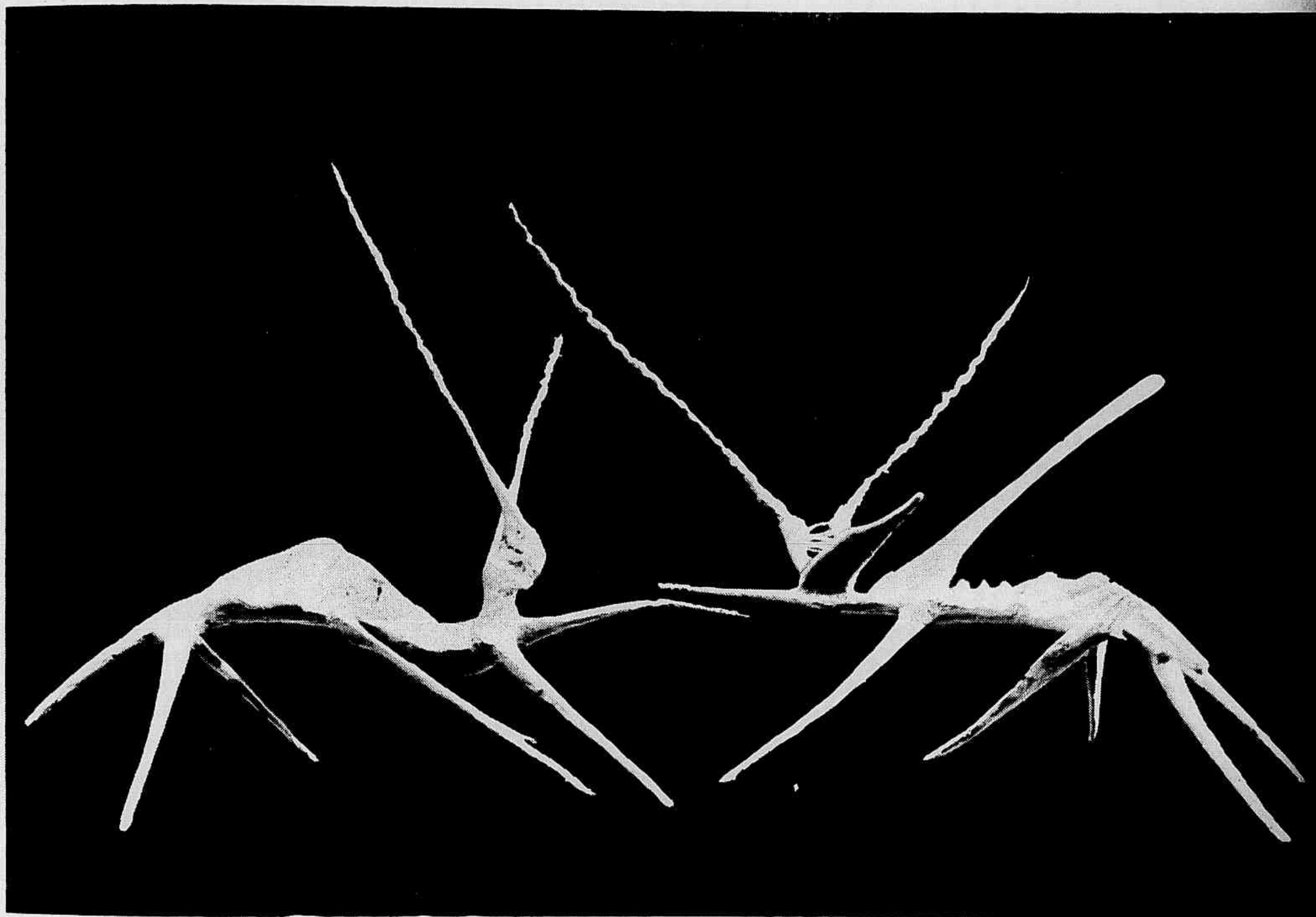
Santa Teresa

venceram

na primeira apuração.



SÔNIA EBLING (DO BRASIL), CHOROU QUANDO VIU A ACRÓPOLE (DE ATHENAS)



PRÊMIO DE VIAGEM A EUROPA: "essa viagem de estudos foi responsável pela transição que atravesso da fase figurativa para a abstrata".

FOMOS SURPREENDER Sônia Ebling no seu pequeno atelier situado num velho casarão da rua Real Grandeza. Lá estava ela, as mãos sujas de terra, metida numa calça grosseira — tão atenta ao trabalho, que não nos viu chegar. Mas confessamos aqui a nossa surpresa diante de sua figura — loura, bonita, esbelta — baseada no fato de que tínhamos dela, uma idéia diferente. E sua feminilidade surgiu, principalmente, quando começamos a fotografá-la:

— Sou vaidosa! — advertiu, com um sorriso. Não sou fotogênica, mas quero sair bonita! — E prosseguiu, numa explicação: "Nunca esqueço o conselho do velho mestre Corona, meu primeiro professor: "Sônia,

seja mulher antes de ser escultora!" E ele tinha razão..."

É assim Sônia Ebling — laureada no Salão Moderno de 1955 com o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, e que acaba de voltar de Paris: franca, simpática, nos pondo imediatamente à vontade. Entretanto, apesar daquela simplicidade, é ela uma de nossas primeiras artistas plásticas, e não ignorávamos que, antes de obter o mais cobiçado prêmio do Salão, já tinha conseguido grande repercussão entre nós através de exposições em vários Estados do Brasil e em três Bienais do Museu de Arte Moderna de São Paulo, só não estando presente à última — exatamente por se encontrar na Europa, em gozo do prêmio de viagem.

A EUROPA NÃO FOI PARA MIM UM AMOR À PRIMEIRA VISTA

— Mas já sei que o senhor, como todos os outros repórteres, quer saber onde nasci e tudo o mais sobre a minha vida — diz Sônia, deliciosamente, auxiliando-nos o trabalho. Sou gaúcha, casada e sem filhos. Quanto à idade — sorri — não digo, porque poderia ser mais moça do que sou...

Perguntamos à escultora se gostou da Europa e se pretende voltar. Sua resposta é decisiva:

— Sim. Voltarei à Europa. Vim de lá mais liberta, mais eu mesma, mais tímida, talvez, mas também — embora isso possa parecer contraditório — mais corajosa. A Europa foi para mim uma grande lição. Não tive por ela, entretanto, um amor à primeira vista. Sentia falta da família, dos amigos, do Rio. Chorava de saudades, e enquanto passeava pelas calçadas, no inverno, procurava raios de sol que me lembrassem o Brasil...

A fisionomia de Sônia adquire, em seguida, uma expressão quase infantil:

— Mas havia as compensações: eram as descobertas que eu ia fazendo, por mais insignificantes que fôssem... Por exemplo: as latas de leite de Portugal... lindas, de cobre vermelho, e as suas formas... que formas!

A escultora continua, num tom de evocação:

— As cabinas de telefone, todinhas de vidro, de onde se podia ver as cenas de rua, enquanto se falava... As mulheres do povo, com seus vestidos e meias pretas, com seu ar muito digno, a conduzir nas cabeças as cestas de peixe... Todos esses detalhes, aparentemente insignificantes, tinham para mim efeitos inesperados!

E Sônia continua descrevendo as primeiras impressões dos países que visitou:

— Foi na Espanha que vi pela primeira vez um campo de papoulas... E na Alemanha, a neve a cair — sentindo seu barulhinho sob os pés — e em Paris, no inverno, as árvores nuas, pretas, sem uma única folha. Aquilo, sim, eram esculturas vivas brotadas da terra...

E tudo isso — prossegue Sônia — sem falar nas maravilhas de Galerias e Museus. Atravessaria o Atlântico outra vez, mesmo que fôsse somente para ir a Florença rever as obras de Miguel Ângelo. E, lá estando, iria dar uma voltinha pela "ponte Vecchio"...

De repente, a escultora olha para o repórter — e sorri:

— Mas estou me perdendo em divagações. Contarei um pouco dos meus estudos, direi de Zadkine, que foi meu mestre, da visita que fiz a Germaine Richer, tão gentil (ela estava doente e me recebeu em seu quarto) — das exposições individuais dos grandes mestres vistas em Paris, como Pevsner, Chadwick, H. Moore, Arp, Giacometti, Zadkine — sem falar nas mostras coletivas. Mas não pense que na Europa só se vêem obras-primas em matéria de arte. Vê-se também, como aqui, muita coisa que de arte tem apenas o nome...

E Sônia recorda que, em 1956, na Bienal de Veneza, encontrou entre muita coisa excelente, horrores de academismo...





As árvores nuas, no inverno parisiense, eram,
para mim, esculturas vivas brotadas da terra...

A VISÃO DA ACRÓPOLE — A MAIOR EMOÇÃO DE SUA VIDA

— Visitei muitos países — prossegue Sônia a uma pergunta do repórter — mas a maior emoção de minha vida eu a tive em Atenas, ao ver a Acrópole. Confesso que fiquei emocionada, e chorei — mas chorei de verdade... E lá passei a voltar diariamente, enquanto durou minha estada na cidade. Ficava horas esquecidas a contemplar o que, para mim, foi o que de maior já se fez em matéria de arte e de arquitetura...

A nova pergunta, Sônia Ebling passa a falar do próprio trabalho:

— Quanto a mim, expus em Paris, no Museu Rodin e no Museu de Arte-Moderna — aí, por duas vezes. Fui também convidada para expor na Bienal de Arte Trieneta de Padova, na Itália, bem como em algumas galerias particulares de Paris.

— E como se deu com seu professor Zadkine?

A princípio nos estranhamos... Tivemos mesmo alguns atritos. Na primeira vez em que trabalhei em seu atelier, enquanto um belo modelo posava — eu fazia uma girafa, o que não fui muito do agrado do mestre... Depois, porém, tornamo-nos bons amigos, a ponto de, no fim do curso, dêle receber um livro com a seguinte dedicatória: "A Sônia Ebling, uma muito boa escultora e um muito bom ser humano"...

Perguntamos à artista se poderia viver, exclusivamente, de seu trabalho como escultora:

— Poder, poderia — embora com alguma dificuldade. Entretanto, não devo me queixar da falta de venda de meus trabalhos. Vendo bastante, "estou na moda", como diriam as más línguas... O fato, porém, é que a escultura exige um gasto mensal obrigatório de dez mil cruzeiros — no mínimo — pois só de atelier — e Sônia faz um gesto, exibindo o compartimento em torno — pago cinco mil, sem falar nas demais despesas, que não são pequenas...

— E como passou na Europa com os 500 dólares mensais que o governo lhe dava, correspondentes ao prêmio?

— Davam bem para viver. Somente que eu, como escultora, fui obrigada a dispendar mais do que outro qualquer artista plástico, devido às despesas vultosas com fundições de bronze, embalagens, transporte, e coisas assim.

— Uma última pergunta, Sônia: a sua estada na Europa lhe trouxe alguma influência sobre a maneira de sentir e exprimir-se em arte?

— Naturalmente que sim. Se me sinto atualmente mais liberta, expresso-me também mais livremente. Quanto ao meu trabalho — estou numa fase de transição entre o figurativo e o abstrato.

E, assim, terminou nossa entrevista com Sônia Ebling, que imediatamente voltou ao seu trabalho, por nós interrompido — visto que, dentro em pouco, deverá ela apresentar-se em mostra individual, que está sendo aguardada com ansiedade nos meios artísticos — pelo que representaria como resultado de suas aquisições em sua temporada de 2 anos na Europa.

LETRAS E ARTES

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

CRÔNICA DE LITERATURA

VIAGEM TAMBÉM PARA ESCRITORES

JÁ VARIAS VÉZES, nessa mesma coluna, mencionamos a disparidade existente entre o tratamento dispensado aos artistas visuais e aos escritores brasileiros, no que diz respeito aos prêmios que se atribuem a uns e outros: enquanto os primeiros recebem todos os anos, do Governo, nada menos de quatro prêmios de viagem ao estrangeiro e quatro de viagem pelo país, e de particulares grande quantidade de recompensas em espécie, os escritores têm de se contentar com distinções muito menos importantes, que de quando em vez um órgão governamental ou um particular lhe queiram atribuir. Os maiores prêmios para escritores, entre nós existentes, são o da Academia Brasileira de Letras, para conjunto de obras, e o do Instituto Nacional do Livro, para a melhor obra do ano. Ambos, significativamente, levam o nome de Machado de Assis. Podem acaso esses prêmios — cuja dotação é de cem mil cruzeiros cada — ser comparados aos milhares de dólares de cada prêmio de viagem ao estrangeiro, anualmente concedidos nos Salões de Arte oficiais?

É claro que não estamos contra tais prêmios a artistas, embora muitas vezes fiquemos a pensar se trará real vantagem à arte brasileira uma peregrinação ao estrangeiro, da parte de um artista nacional; o que desejamos é que o Governo venha a conceder, sempre que possível, também a escritores tais recompensas. Um escritor precisa viajar e conhecer outros recantos que não os em que vive habitualmente, e é conhecida a frase de Rilke, segundo a qual para se escrever um só verso é necessário se ter percorrido muitos lugares, privado com muitos seres e de tudo isso ter guardado um pouco.

Achamos, porém, que tais prêmios de viagem a escritores deveriam possibilitar-lhes não o conhecimento de terras estranhas, mas o íntimo contato com seu próprio país — com esse Brasil tão grande e dispar, tão pouco conhecido, infelizmente, mesmo dos que têm a total obrigação de o conhecer: em verdade, é o conhecimento de sua própria terra que propicia ao escritor uma obra mais válida, mais autêntica, mais livre das eternas influências alienígenas que de quando em quando ameaçam transformá-la num eco grotesco, porque falso, do que se faz alhures.

De prêmio semelhante, não lucra não só o escritor brasileiro, que mais escritor, porque mais brasileiro, ficaria: lucraria, também, o país, percorrido em todos os sentidos, esmiuçado, analisado por olhos capazes e "in loco". Recordamo-nos, por exemplo, das obras do admirável Henry Miller geradas de uma peregrinação levada a efeito, durante os anos de guerra, de ponta a ponta dos Estados Unidos; obras que são um libelo terrível, é verdade, que denunciam em termos veementes, indignados, a vida hipócrita do norte-americano médio — mas que terão influido, sem dúvida, para ao menos uma tentativa de melhoria naquele "statu quo". Pois para se resolver um problema, nada mais lógico do que primeiro conhecê-lo, por mais espinhoso que se nos apresente.

Aí fica a sugestão. Que um órgão como a União Brasileira de Escritores, á pouco criado e em meio a tantas esperanças, sobre a mesma medite. E se possível, a transforme em algo de palpável.



Ascendino



Sabino

ROTEIRO DOS LIVROS

O SALTO MORTAL, de Ascendino Leite (Martins, São Paulo, 1958. 175 páginas) — Segundo romance do autor, paraibano (o primeiro A Viúva Branca, lançado em 1953, no Rio), jornalista. A ação: duas jovens universitárias, Volúcia e Alina, desde a primeira mocidade fortemente impressionadas pelo prestígio do poeta E., acabam por conhecê-lo. O poeta (cuja figura deixa transparecer certos traços de homossexualidade) torna-se a paixão de ambas, e o romance termina pelo seu suicídio, em companhia de Volúcia. O romance (com certos trechos tomados de empréstimo à poesia de Jorge de Lima) é escrito num tom solene, cheio de intenções simbólicas. Mesmo os nomes de alguns personagens são símbolos (Volúcia, por exemplo, é a jovem voluptuosa, sedenta de amor). A leitura é difícil, e muitas vezes as falas dos personagens (sempre esmagadas pelo raciocínio do próprio narrador) soam falsamente. Quando, por exemplo, o personagem Volúcia, mal saída da adolescência, tem de comentar com a amiga Aline uns poemas de

E. publicados numa revista, nesses termos é que o faz (página 27): "Será que eu nunca poderei compreender essas imagens, essas palavras? E, no entanto, é como se elas me fizessem ver todas as coisas, não só o que dizem na sua ardente e tumultuosa poesia, mas o que está por trás delas, aquilo que os outros chamam de irrealidades, mas que a gente sabe que estalam e resplandecem sob os nossos sentidos, como obras maravilhosamente acabadas". É inegável porém, a presença, em **O Salto Mortal**, de um prosador correto — prosador em que não raramente o poeta procura revelar-se. Resta fazer uma alusão à capa, de Dan March — impressa num vermelho que nos sujou mãos e roupas...

A CIDADE VAZIA, de Fernando Sabino (Agir, Rio de Janeiro. Segunda edição, 1958. 276 páginas). — A primeira edição do presente volume apareceu em 1950. Transcorreram oito anos, durante os quais FS certamente evoluiu, para se transformar no autor de um romance — **O Encontro Marcado** — que é, sem dúvida, obra de um escritor de real talento. **A Cidade Vazia** encerra crônicas sobre a vida em New York durante os anos de 1946-1948, em que nela viveu o autor. Crônicas humorísticas, algumas, outras repassadas de lirismo, ou de melancolia. Diversa a descrição da vida norte-americana que nos dá FS, por exemplo, dos retratos amargos, terríveis, que dela traça Henry Miller. Muitas de tais crônicas de FS, de resto, traem a pouca idade do autor, ao escrevê-las, ou a finalidade jornalística a que se destinavam de início, e não deveriam nunca ter sido recolhidas em livro. Todas possuem o seu valor, porém, distraindo e até (mas raramente) fazendo pensar. A capa é de Athos Bulcão.

FEL DA TERRA, de Lausimar Laus (Edição Particular, Rio de Janeiro. 1958. 115 páginas). — Onze contos da autora, que ao que parece estréia em livro. Alguns achados, outros maus momentos ("o nariz vermelho como um pimentão maduro". "sua

vida era mesmo uma desventura"). O conto "O Responso", por exemplo, é uma piada; no conto "Um Natal na Noruega", a narrativa de um drama da guerra; em "Um Caso do Outro Mundo", a história fantástica de Luísa Trenée e de seu filho negro... Ainda falta à contista Lausimar Laus longo caminho a percorrer.

THE TWELVE PROPHETS OF ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA, de Hans Mann (Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1958. Coleção Imagens do Brasil, dirigida por José Simeão Leal). — Eis um livro destinado a maior e mais justa das repercussões. Focaliza os doze profetas esculpidos, pelo **Aleijadinho** e seus discípulos, para o santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo. Hans Mann, fotógrafo cuja fama é já hoje internacional, incumbiu-se da parte documentária, verdadeiramente soberba. O texto espanhol é de Mann e Graciela Rojas Herrera; o português, de Carlos Drummond de Andrade; John Knox verteu a ambos para o inglês. Esse estudo virá contribuir poderosamente para o maior conhecimento (mormente na Europa e nos Estados Unidos) da obra de Antônio Francisco Lisboa, o maior escultor do Brasil, e um dos artistas religiosos mais impressionantes que jamais existiram. A edição é de grande beleza gráfica, e está passando por ser a mais bem cuidada de quantas já lançou aquele ativíssimo Serviço.

NÃO É TÃO FÁCIL VIVER, de Christine Arnothy (Itatiaia, Belo Horizonte. 1958. 255 páginas). — Literatura do gênero **O Diário de Annie Franck**, a de CA fixa a vida levada pela autora, então menina, durante a ocupação nazista da Hungria, sua terra natal. **Não É Tão Fácil Viver** compõe-se de duas partes: **Tenho Quinze Anos e Não Quero Morrer**, e **Não É Tão Fácil Viver** propriamente dita. A tradução é de Oscar Mendes. A primeira parte mereceu o "Prêmio Verdade", de 1954.



O síndico dos tecelões (Rembrandt).

ROTEIRO DAS ARTES

QUEM FOI REMBRANDT (Museu Nacional de Belas Artes) — Essa mostra foi organizada na Holanda, e percorrerá durante dois anos o Brasil. Já fôra antes apresentada em Curitiba, com bastante êxito. No Rio, inaugurou-se dia 11 do corrente, com sessão solene, exibição de documentário ("Rembrandt, Pintor do Homem", de Haanstra), e afinal visita às reproduções. Essas, em número de cento e cinquenta, mostram com detalhe e fidelidade obras de Rembrandt, e documentos a ele relativos (a exposição dá uma dimensão fiel do artista, e do homem). Vinte e dois painéis, com legendas em português, compõem a exposição. Um catálogo especial para a ocasião foi impresso e distribuído.

ROSINI PEREZ ("Piccola Galleria" do Instituto Italiano de Cultura) — Esse artista gravador, cujas mostras anteriores foram levadas a efeito no Clube Ginástico Português e na "Maison de France", expõe também na galeria há tempos inaugurada à praia do Flamengo, no local em que funciona o Instituto Italiano de Cultura.

CRÔNICA DE ARTE

O CASO DO MONUMENTO

O CONCURSO PRÓ-MONUMENTO aos Campeões Mundiais de Futebol, patrocinado pelo SESC, teve por vencedor o escultor Bruno Giorgi, escolhido dentre vários candidatos. Classificaram-se em segundo e terceiro lugares Renato Migueiz e Dante Croce. Menção Honrosa foi atribuída a Moacir de Figueiredo.

Acontece que o segundo colocado, alegando estar desde o início o júri (Antônio Bento, José Pedrosa, Henrique Mindlin, Murilo Miranda) inclinado a premiar Bruno Giorgi, assim escolhendo um nome, não uma obra como devera, protestou pelos jornais contra o que lhe parecia uma injustiça. Logo se dividiram as opiniões, e, como acontece em tais momentos, falou-se muito, raciocinando-se muito pouco. Até chegaram a ser expostos os projetos classificados nos quatro primeiros lugares, no salão do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, para julgamento público. Mesmo os jogadores mundialmente famosos após o Campeonato na Suécia foram chamados a opinar sobre as obras em questão, e o fizeram sem nenhum acanhamento...

A verdade é que o projeto de Bruno Giorgi merecia vencer o concurso. Não que seja alguma maravilha, até pelo contrário: é obra de diminutos méritos artísticos, de uma simplicidade que quase chega a ser... simplória. Mas os demais concorrentes enviaram trabalhos ainda menos bons.

Não é quanto à qualidade estética das obras apresentadas, porém, que desejamos fazer reparos; mas sobre o que se está transformando em feio hábito dos artistas brasileiros, de em quase todos os certames artísticos terminarem por acusar o júri de incompetência, parcialidade ou o que fôr. Foi assim no Salão de Arte Moderna, assim acaba de ser agora. A ter de continuar a escrita, será difícil, quando não impossível, dentro em breve, formar qualquer júri para concursos ou salões artísticos, entre nós. Afinal de contas, qual será a vantagem que um jurado leva, além de ser acoimado, invariavelmente, de desonesto, ou na melhor das hipóteses, de incapaz?

OS GALHOS

RESUMO: Depois de acompanhar o crescimento dos filhos, a velha viúva Nabira assiste, enternecida, o desenvolvimento do neto mais velho — Sérgio. Seu sonho, agora, é vê-lo casado. E entre as prováveis pretendentes, pensa em sua neta que vive no Líbano — Jasmine — e conclui que será ela a companheira ideal para o rapaz. Por carta, convida Yasmine para visitar o Brasil. Yasmine embarca. E um dia chega ao pôrto de São Luís, onde a avó paterna, cercada por toda a família, a espera radiante de felicidade.

NABIRA LAMENTAVA A inabilidade de ter sempre falado a Sérgio de sua idéia de casá-lo com Jasmina. Não devia ter-lhe dito nada. Assim o rapaz encararia com naturalidade a vinda da jovem ao Maranhão e teria ido recebê-la cordialmente como os outros primos. Ele andava irritado, achando ridícula a atitude da avó. De nada adiantou Nabira falar várias vezes em sua presença, da próxima viagem à Europa com a netinha libanesa, tentando fazê-lo acreditar esquecido, seu intuito em casá-los. Sérgio percebia claramente o que havia por trás de tudo aquilo.

Os parentes, menos diplomatas do que Nabira, lançavam-lhe indiretas. Mesmo os elementos da colônia, habituados ao costume de mandar buscar no Líbano parentes para casarem com os filhos ou as filhas, perguntavam-lhe com freqüência se a priminha vinha para ele.

DO CEDRO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

Sérgio detestava a sensação de uma trama tecendo-se à sua volta com a conviência de todos, empurrando-o para um destino indesejado. Agora então, vivia satisfeito com a amante loura e ardente que lhe encantava as noites e não tinha a menor vontade de casar-se. Seus negócios iam de vento em pôpa. De vez enquanto passava uns dias em São Paulo ou no Rio, divertindo-se em "boites" luxuosas com mulheres atraentes e sofisticadas. Pensava até ir à Europa, atolar-se nos prazeres de Paris. Não o pescariam tão cedo na tarrafa matrimonial, sujeitando-o à monotonia do casamento!

E casamento com quem? — com a prima do Líbano, imbuída de idéias retrógradadas, ansiando por um marido para enchê-la de filhos e uma cozinha bem grande onde passasse a vida fazendo "quibes" e pastéis? Nunca! Se algum dia se casasse, seria com uma mulher maliciosa, alegre e extremamente feminina que tornasse menos pesados os grilhões matrimoniais.

A proporção que se aproximava o dia da chegada da prima, Sérgio ia-se emburrando mais, a ponto de Nabira temer sua fuga do sobrado, mudando-se para a casinha da rua de S. Pantaleão onde instalara a amante. A avó não lhe dizia nada. Estava muito humilde e doce, nervosa e apavorada, temendo que deixasse o lar. Mas tal não aconteceu. Sérgio não daria a confiança de sair de casa, por causa da intrusa que lhe seria indiferente.

A véspera do grande dia, o sobradão ficou em reboleço, as mulheres fazendo doces para a festa de apresentação de Jasmina à colônia. Fátima e Sandra, filhas de Abdo, enfeitavam as salas de flores e preparavam com carinho o quarto da viajante. Puse-



Disse em árabe, de sua impressão de conhecê-los há fantástica a força do sangue.

ram cortinas de labirinto do Ceará nas três janelas e uma colcha de brocado sírio cobrindo a cama, na pitoresca e alegre mistura oriental-nortista usada no vetusto sobradão.

Combinavam-se os grupos que se formaria em demanda do aeroporto. Quem iria no carro de quem, quem traria Jasmina. Nabira arriscou:

— Sérge, ocê bode leva a família Kury no carro de ocê. Fles faz quiston de busca mina netina.

Sérge mirou-a com frieza, a sobranceira esquerda sensivelmente arqueada:

— Eu não posso ir ao aeroporto, minha avó. Tenho um compromisso exatamente à hora da chegada do avião.

— Mas se o vião trazá ou édiántá?

— Meu compromisso será exatamente à hora da chegada do avião.

Nabira não insistiu. Deus a livrasse de irritá-lo ou melindrá-lo. Georgette comentou que era falta de educação não ir receber a moça.

— Pode ser falta de educação, mamãe. Mas protocolos não me interessam. Só me abalo para receber alguém que eu queira muito bem.

Nabira perguntou-lhe humilima:

— Mas ocê vem para a festa, Sérge? Vem pro jantá?

— É lógico, não janto sempre em casa? Que horas é a tal festa? As nove horas também tenho um compromisso...

— A festa é cedo, Sérge. Ocê fica só uma bucadina...

Sérge amoleceu-se e beijou a velha:

— O.K., vovó, ficarei uma "bucadina". Fico mais pela avó do que pela neta. Fico para alegrar minha namorada preferida.

E foi assim que Sérge e Jasmina só se conheceram à noite...

Quando o rapaz entrou na sala precedente à de jantar, na qual a família e os amigos mais íntimos esperavam que este fosse anunciado, houve um momento de "suspense". Instintivamente os olhos saltavam de Sérge para Jasmina e um silêncio inesperado e chocante prolongou-se. Georgette e Samir devoravam o filho com os olhos, ansiosos por adivinhar a impressão que ELA lhe causara. Desejavam loucamente vê-lo casado. Temiam que se degradasse na eterna vida de farras e dissipações.

É lógico que Jasmina adivinhou de imediato quem era ele. Ficou feroz consigo mesma porque, contra sua vontade e seus hábitos, corou horivelmente. Também, não era para menos, com tanta gente a observá-los. Sérge não pareceu um pinga constangido. Foi apertar-lhe a mão, dizendo-lhe uma das raras palavras que conhecia em árabe — arlôsarla! (seja benvinda!). Depois, sentou-se ao lado da avó, acendendo, com as mãos muito firmes, um cigarro. Mas no íntimo estava abalado. A moça tinha uma beleza estranha, quase agressiva no contraste dos imensos e negros olhos e dos cabelos bem mais claros.

A conversação foi se restabelecendo. Jasmina misturava o francês e o árabe. Sérge comentou:

— Vó Nabira vai viver no sétimo céu, tendo com quem falar árabe toda hora. Minha gente, precisamos ensinar português à nossa prima. Senão os tolos como eu não terão o prazer de conversar com ela.

Nabira, Samir e a mulher sorriram felizes. Sâmia e Georgette se levantaram para providenciar o jantar. Sâmia avisou:

— Vamos para a mesa, pessoal, senão os convidados ainda vão nos encontrar jantando.

Nabira parecia, mais do que nunca, uma velha rainha. Ergueu-se majestosa e contente. Sérge curvou-se numa mesura e deu-lhe o braço para conduzi-la à cabeceira que, por imposição do neto ainda criança, fôra definitivamente reservada para ela.

Que alegria, que barulheira! Brindes se sucediam em árabe, feitos pelos membros da família Kury, uma das mais ligadas a Nabira, no Maranhão. Jasmina controlara-se ficando muito segura de si, rindo perfeitamente à vontade. Perguntava o que queria dizer isso ou aquilo em português, repetindo as palavras com assento gozado. A sobremesa, levantou-se para falar. Palmas e gritos arrebataram.

Disse em árabe, de sua impressão de conhecê-los há muito tempo. Era fantástica a força do sangue. Em cada um deles, observara traços e gestos familiares e sem exceção de nenhum, possuíam cada qual o sentimentalismo e a exuberância da família, vindos certamente do romântico e venturoso casamento dos avós, prematuramente desfeito pela morte do avô Nassim.

Comoveram-se todos porque mesmo os jovens que não falavam, entendiam bem o árabe. Nabira chorou. Sérge emocionou-se profundamente. A prima era simples, inteligente e simpática.

A moça contou então que lá no Líbano, na família e mesmo na aldeia, Nabira era sempre citada. Era uma figura lendária representando a vitória dos primeiros emigrantes que após teríveis sacrifícios haviam encontrado no Brasil, um lugar ao sol e, a esperança daqueles que ainda pensavam em emigrar. Sentia-se orgulhosa de estar entre os parentes brasileiros, naquela casa imensa, luxuosa e alegre, coroa de glória de sua avó.

Sérge levantou-se nesse momento e abraçando violentamente Nabira, tentou dizer a Jasmina, em francês:

— Elle est notre reine. Nossa rainha. Nous l'appelons la Reine de l'Angleterre.

Palmas. Lágrimas. Risos. Pediram silêncio para que Jasmina pudesse continuar. Com lágrimas na voz, não pôde dizer muito. Apenas que quando voltasse ao Líbano, em companhia da Rainha da Inglaterra, a homenagearia tanto quanto possível. Escreveria no jornalzinho da Universidade sobre suas emoções, conhecendo a segunda pátria dos libaneses. O retrato da avó ficava sempre no lugar de honra na casa de seus pais, entre os do Czar e da Czarina e faria questão de colocar sobre ele uma bandeirinha do Líbano e outra do Brasil.

Alguém gritou:

— Isso! Assim vai parecer mesmo uma rainha.

Outro perguntou porque tinham em casa retratos dos pobres imperadores russos, mortos há tanto tempo. Ninguém respondeu. Formou-se uma grande balbúrdia. Muitos beijaram Jasmina e Sérge beijou-a também. Nabira, Samir e Georgette trocaram olhares esperançosos.

Mas os convidados para a recepção vinham chegando. Passaram à sala de mobília dourada, cortinas de brocado, tapetes persas no chão e infinidade de retratos de casamentos, batizados e festas de aniversário, pendentes das paredes. Sérge já dissera a avó

á
muito tempo. Era



ette
vão
neu-
lhe
neto
abe,
s a
gura
eria
com
s e
uito
êles,
um,
ília,
vós,
am,
u-se
a.
ismo
ária
ter-
sol
tia-
casa
ente
eine
mina
uito.
inha
veria
endo
e no
da
a do
bres
deu.
na e
aram
aram
ersas
estas
avó

ser feio e de mau gosto cobrir as paredes de fotografias da família, ela porém lhe respondera que coisa alguma ornaria melhor a sua sala de cadeiras douradas, do que os rostos dos entes amados. Sérgio destacava-se na célebre galeria, metido no seu primeiro "summer".

Nabira apresentava a neta, a nota do orgulho vibrando-lhe na voz. Os convivas louvavam a beleza de Jasmina. Uns diziam que ela trouxera nos cabelos, o sol do Líbano. Outros comentavam que seus olhos eram maiores do que as azeitonas gregas e sua boca, doce como a de Sherazade. Os velhos louvavam-na em árabe, contentes de poder mostrar-lhe não haverem esquecido nem um pouquinho da língua pátria. Inábeis, cumprimentavam a família pelo próximo casamento. Sérgio irritou-se. Jasmina, olhando o primo intencionalmente, declarou bem alto, não ter vindo para casar-se. Dentro de três meses a avó e ela viajariam pela Europa e depois iriam juntas para o Líbano. Nabira não pôde deixar de concordar. O velho Kury perguntou-lhe desconfiado, se naquela idade, pretendia voltar só, do Líbano para o Brasil.

— Porquê non, lê? Océ pensa ieu mulhé duente, tôla! Ieu bode vem muito bem de vião. Minia netina bota ieu lá, éromoça toma conta de ieu, ieu veim batê diretino in Maranhon. Lê! Ano basado non fui passeá na Genrtina?

Sérgio decidiu sair às nove horas. Primeiro, porque comprometera-se com Maria, a amante loura e esperta. Depois porque queria deixar claro e patente que se Nabira fizera planos matrimoniais para Jasmina e ele, deles não tomara conhecimento. Despediu-se com a gentileza que o fazia tão simpático, dizendo lamentar profundamente deixar a reunião agradabilíssima. Mas... tinha um trabalho urgente a realizar no escritório. Ria dubiamente, de propósito, para que o imaginassem indo para uma alcova discreta em vez das vazias salas da casa comercial. Despediu-se da prima com malícia e riso, iluminando-lhe os olhos verdes, empregando seu péssimo francês de um ginásio mal feito, dizendo-lhe abandonar a festa em sua honra, por motivos muito sérios. Piscando matreiramente um dos olhos, falou-lhe da necessidade de lutarem juntos contra a idéia fixa dessa gente em casá-los. Naturalmente, sendo ela bonita como era, havia deixado um namorado no Líbano. Quanto a ele, não queria saber tão cedo de casamento.

Jasmina sentiu uma dor aguda no amor próprio e achou-o grosseiro. Riu, entretanto, com pretensa alegria, respondendo-lhe que ambos se uniriam para combater as horríveis idéias da avó e da família. Sérgio insistiu na indagação a respeito de ela ter ou não deixado um namorado no Líbano. Jasmina não respondeu. Chamou-o de indiscreto e sorriu com estudada doçura, como se a recordar-se de felizes lembranças.

As dez e meia os convidados dispersaram-se. Na província dorme-se cedo. Partiram comentando a fartura de doces e bebidas e o capricho de Sérgio em sair no meio da festa, desafiando certamente a vontade da avó. Não compreendiam como o rapaz não se impressionara imediatamente com a prima bonita, envolta no fascinante halo de ter vindo do Líbano adorado e encantador.

Ao se despedir de Nabira, o velho Kury murmurou-lhe ao ouvido que se Sérgio não quisesse Jasmina, ele a queria para seu filho mais novo. O rapaz não tirara os olhos dela, durante o jantar. Nabira irou-se e teve ímpetos de bater no rosto enrugado do grande amigo. Disse-lhe arrogantemente que se Jasmina e Sérgio

não se casassem, a moça voltaria para o Líbano. Não a mandara buscar de tão longe, para entregá-la a qualquer um. O velho susceptibilizou-se e foi embora sem mais dirigir a palavra à amiga de anos.

Ficou só a família na sala desarrumada, cheirando violentamente a rosas e angélicas. Espreguiçavam-se sonolentos, exaustos do dia muito movimentado. Jasmina foi mirar a galeria de retratos e talvez se tivesse detido um pouco mais, frente ao de Sérgio que, ainda muito jovem, orgulhoso de sua primeira roupa a rigor, já tinha na fisionomia traços de independência, arrogância e malícia. O retrato irritou-a. Virou-se bruscamente falando que ia dormir. Beijou cada um e, com especial carinho a avó, que amara depressa. As primas levaram-na ao quarto de cortinas de labirinto cearense e colcha oriental. A jovem deitou-se cansada, mas não dormiu logo. Mirava através da janela aberta, a cumieira de um sobradão colonial revestido de azulejos, onde o luar insidia, dando uma luminosidade leitosa aos mosaicos. Pensou que naqueles azulejos, havia reminiscências mouras. A religião muçulmana proíbe a reprodução de linhas da natureza. Suas figuras decorativas são sempre baseadas na geometria, harmonizando retas e curvas, ângulos e arcos. Jasmina levantou-se e foi espiar o sobrado. Parecia envolto numa renda de pedra. Sentiu-se dentro de um mundo estranho e belo. Ruazinhas estreitas e românticas... Ao longe, uma paisagem pontilhada de palmeiras. No quarto, os móveis que se lhe afiguravam exóticos, a colcha berrante, parecida com as do seu lar distante, as cortinas delicadamente feitas a mão, onde ninfas de dedos entrelaçados pareciam dançar quando o vento as sacudia... Atirou-se de novo no leito largo e gostoso. Pensou no primo. Sérgio tinha uma atração sutil, porém forte. Como podia ser tão seguro, tão decidido nas suas atitudes? Veio-lhe a súbita vontade de desarmá-lo, de rasgar sua capa de invulnerabilidade. Seria uma vitória extremamente agradável, apaixoná-lo aos poucos, sem que percebesse, para depois dizer-lhe friamente que voltaria ao Líbano, onde a esperava um antigo namorado. Decidiu-se a realizar o plano maligno. Adormeceu serenamente, acariciada pelo vento de S. Marcos, embalada pelo choro de um violão muito brasileiro, dedilhado com tristeza.

Nabira fez questão de esperar acordada, a volta de Sérgio. O rapaz chegou às três da madrugada. Estava absurdamente irritado porque a amante não conseguiu compensá-lo da falta que lhe fizera o ambiente feliz e vibrante deixado em casa. Se não fôsse pelas enjoadas insinuações do pessoal e pelo olhar da avó, pulando insistentemente dele para Jasmina como se quisesse aproximá-los, teria ficado. Adorava aquelas festas singelas e felizes, em que cantavam canções do Líbano e a avó dançava frequentemente com uma garrafa na cabeça, à moda muito antiga, balançando as ancas e os braços sem que a garrafa se desequilibrasse. (Seriam grotescos os bailados da Nabira gorda e de cabeleira de neve, se não houvesse em seu rosto o encantamento de quem recordam a juventude perdida.)

A amante fôra melosa em excesso e insinuara-lhe, entre subterfúgios, o fato de se comentar na cidade que sua avó, sempre metida a governá-lo, mandara buscar no Líbano, uma "carcama-

(Continua na pág. 47)

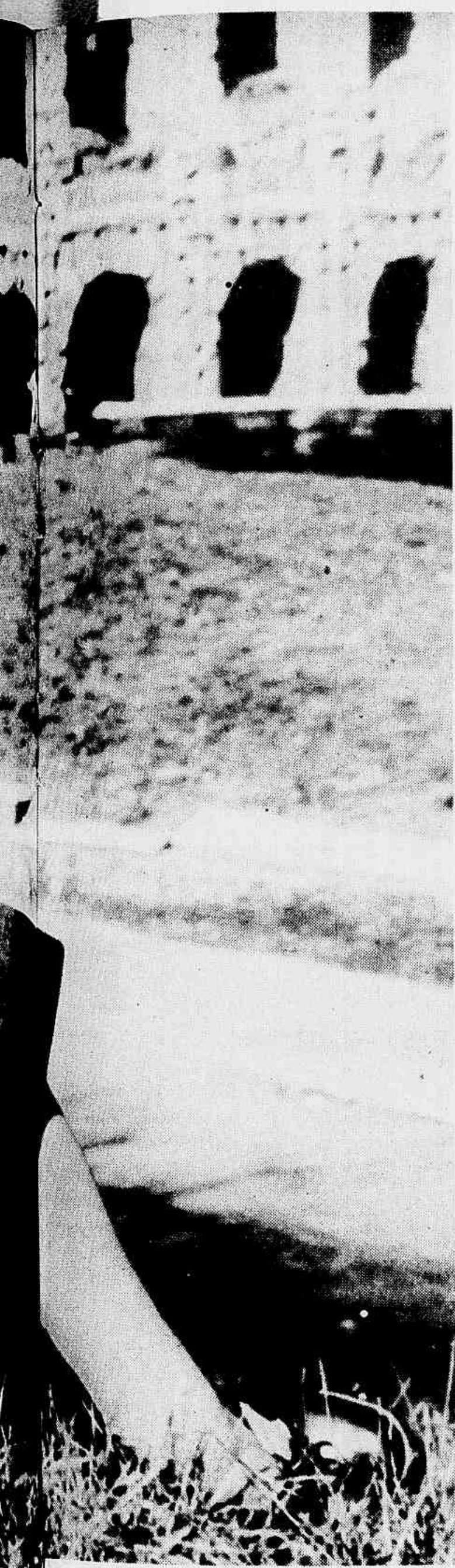


O romantismo desta cena esconde um futuro imprevisível: talvez, o colapso de um casamento, provocado, entre outros fatores,

PALAVRA DA CIÊNCIA SÔ PROBLEMAS SOCIAIS DO

CARLOS A. NASCIMENTO

FALANDO DE COISAS SÉRIAS



es,
pelo desnível educacional.

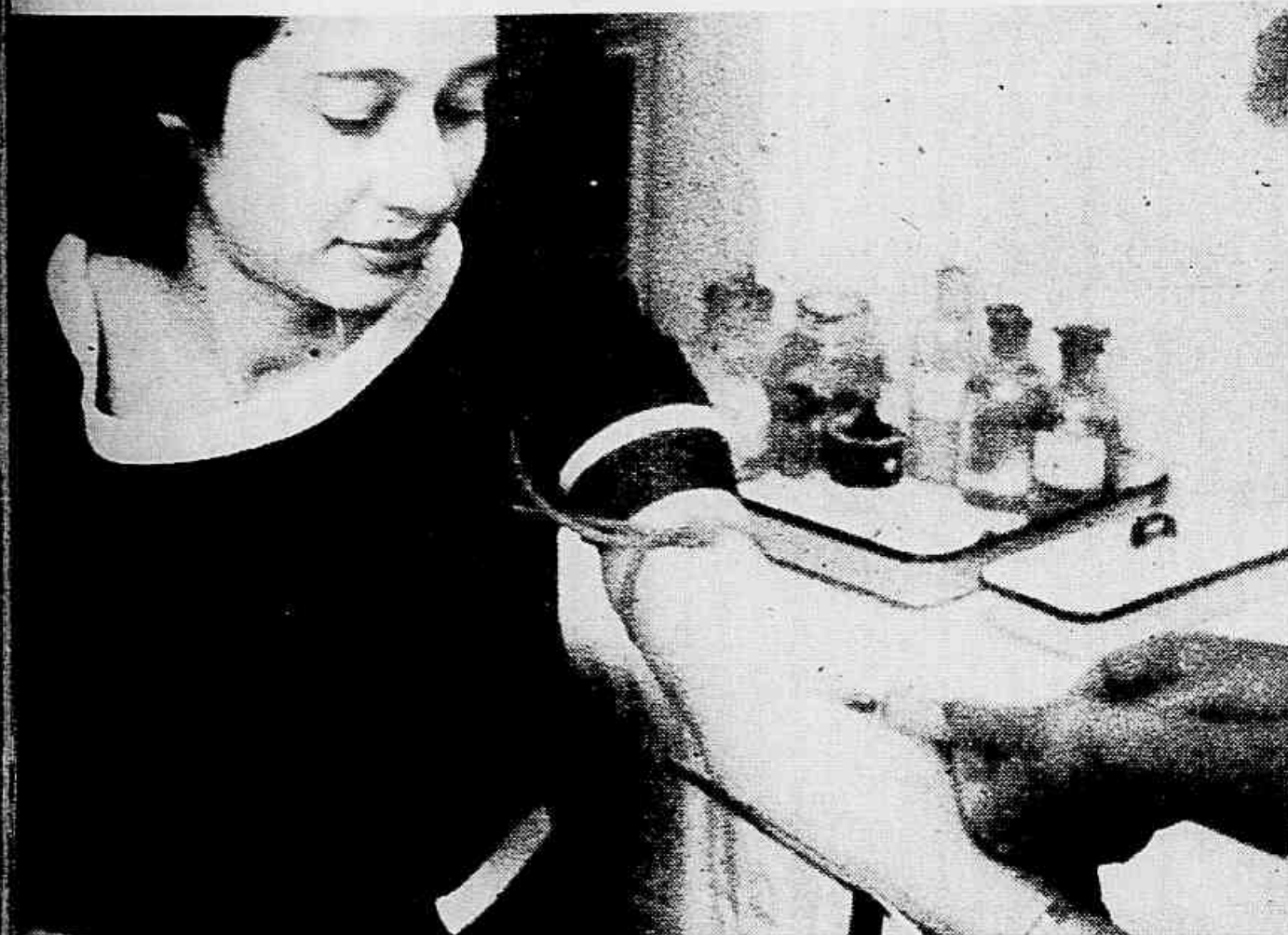


A maioria dos noivos desconhece a procedência dos próprios sentimentos. A rotina matrimonial mostrará a verdade — muito tarde, porém.

Ô BRE OS
O BRASIL

A TODOS AQUELES que não podem amar, aos doentes morais, aos aleijados psíquicos e aos que vivem presos aos pesados grilhões dos complexos e das frustrações dedicamos o presente artigo. Quantos casais de felizes namorados que de mãos dadas passeiam pelos jardins da cidade fazendo juras de amor; quantas esperanças e ilusões encerram aqueles dois seres e quantas vezes o sonho da felicidade conjugal se transforma num pesadelo logo nos primeiros dias da lua-de-mel? Quantas mulheres sofredoras irão carregar sua "via crucis" ao lado de um marido brutal e ignorante dos problemas da sensível alma feminina? Quantos desajustes? Quantos desquites irão ter fim na justiça? Quantos órfãos de pais vivos irão perambular pelas ruas das cidades? Quantos Cássios e quantos Promessinhas irão encher os cárceres? Quantas mães de delinqüentes precoces irão derramar lágrimas sentidas por verem seus filhos apontados como monstros inimigos da sociedade? Quantos dramas pungentes se escondem por trás de uma

FALANDO DE COISAS SÉRIAS



Exame pré-nupcial: importante fator para a estabilidade do futuro lar e do desenvolvimento normal da criança.

sentença de juiz? Quantas maldades são praticadas no mundo por criaturas envenenadas por concepções errôneas da vida? E por que acontecem essas coisas? Por que criminosos imberbes são diariamente presos pela polícia? Por que crianças de 5 a 6 anos vaguem pelas ruas das cidades como se pode ver numa das fotos reproduzidas aqui?

Goethe, uma das maiores expressões da cultura universal de todos os tempos, dizia há mais de um século: "A maior felicidade do homem é ter investigado o investigável e venerar serenamente o ininvestigável". E foi procurando investigar as causas do fenômeno que fomos ao encontro da ciência. Ela nos ensina que o amor é um conjunto de fenômenos cerebrais que constituem o instinto sexual. Tudo gira em torno desse núcleo central que se chama sexo. Um famoso criminalista alemão acreditava que todas as ambições humanas tinham como ponto de partida o sexo. Acrescentava ainda que todos os crimes praticados tinham sempre um fundo sexual. Até as guerras entre nações têm o sexo como causa. Daí, ignorar o sexo, considerá-lo como tabu, escondê-lo como uma coisa hedionda seria o mesmo que se falar em bombas "limpas" de radiações atômicas.

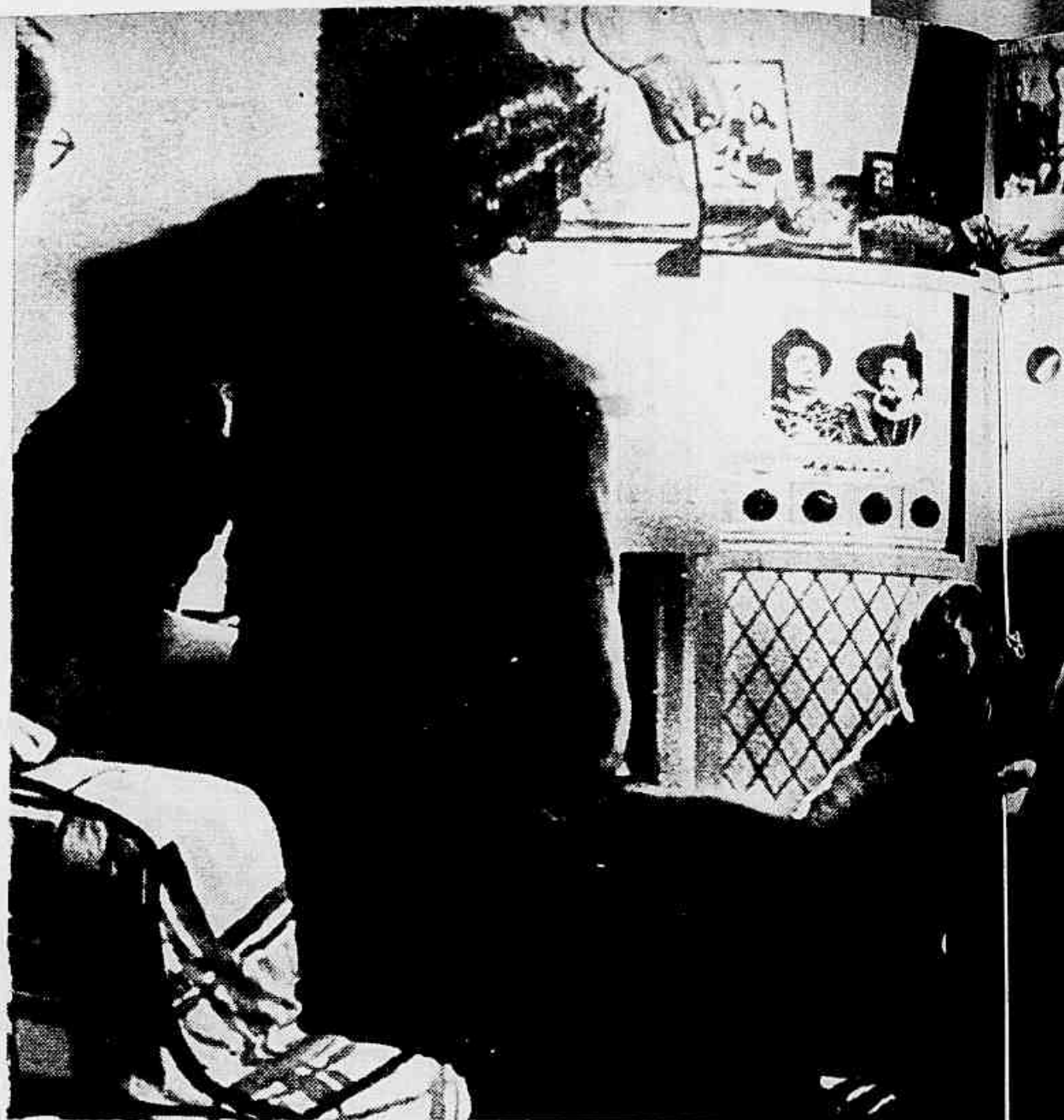
Quem melhor poderia nos auxiliar nessa pesquisa para o esclarecimento público do que um cientista que chefia uma das maiores organizações médico-sociais do mundo? Fomos procurar o dr. Salles Netto, chefe do Serviço Municipal de Eugenia. O dr. Salles é o homem que tem como rotina de trabalho os dramas conjugais e a preparação dos jovens para o casamento. Sua organização fica situada na rua do Resende, 137, e seus serviços são inteiramente gratuitos, pois trata-se de uma instituição municipal.

O HOMEM É O MAIS ELVAGEM DE TODOS OS ANIMAIS

Inquerido sobre o momentoso problema da juventude e o surto de desajustes conjugais, assim se expressou o nosso entrevistado:

— No Brasil, a maioria da população sofre os efeitos de uma crise total, em que a penúria econômico-financeira e o desnível educacional aniquilam as reservas morais e impedem que o poder de recuperação se faça sentir com a rapidez necessária. Sabendo-se que a parcela maior tende a absorver a menor, não será difícil vaticinar o que ainda de pior nos está reservado, se providências prontas e definitivas não forem desde logo tomadas. Dentre essas medidas destacamos três da mais premente necessidade:

1 — a necessidade de se ampliar os cuidados psíco e somáticos do exame pré-nupcial, de forma a se dedicar idêntica atenção ao



Uma família feliz: algo que se torna cada vez mais raro, nos dias que atravessamos.

preparo psicológico para a estabilidade do lar, em função da felicidade dos pais e do desenvolvimento normal da criança;

2 — acompanhar a dinâmica matrimonial surpreendendo e atacando os desajustes em precocidade e oportunidade;

3 — promover a educação dos sentimentos como o melhor veículo de equilíbrio conjugal.

No que se refere a educação dos sentimentos, vale mencionar uma frase de Voltaire: "Nós escondemos, aperfeiçoamos e abrandamos o que a natureza pôs em nós". Essa frase encerra uma verdade incontestável, pois o homem é o mais selvagem de todos os animais. Se dermos um cãozinho a uma criança de 3 a 4 anos, sem a indispensável recomendação, o "anjinho" jamais lhe faria um carinho: se não o atirasse pela janela do apartamento, pelo menos lhe enfiaria os dedos nos olhos. Urge, portanto, que se eduque, que se eduque sempre, desde o berço até a pretoria.

CASAMENTOS POR ESTADOS EMOCIONAIS NÃO SUBSISTEM AO TEMPO

O empirismo por que são tratados estes assuntos tem servido para desvirtuar a orientação matrimonial e desprestigiar o próprio instituto da família. Os candidatos ao matrimônio são tratados, via de regra, como mercadoria que se vende por atacado. Enfeitase, burila-se e neles se colocam o rótulo da etiqueta social em que não falta o O.K. da fábrica: CASADOS! Os pais da moça dão um suspiro; mais uma filha que "despacharam". O rapaz, sai por aí exibindo a aliança e dizendo, em tom de pilhéria: "agora sou um homem respeitável".

Tenho insistido em acentuar a inutilidade das preparações em grupo para o matrimônio e da igual improcedência dos métodos de tratamento dos desajustes calcados em formalismos desumanos. O problema é humano e tem sua origem na manifestação e interpretação dos sentimentos peculiares e cada homem e a cada mulher em função do interesse comum.

A maioria dos noivos desconhece a procedência de seus próprios sentimentos. Deixam-se levar por emoções que não subsistem no tempo e no espaço e quando a rotina matrimonial lhes mostra a verdade não encontram outro caminho que não seja o da incompatibilidade e conseqüentemente a separação. Ai estão as estatísticas que vêm confirmar essa minha assertiva. O número de desquites, entre nós, é superior ao de casamentos. Pergunto-me — acentua o dr. Salles — e o número dos que se separam à revelia da justiça? Se o conhecêssemos e o somássemos aos dos que se valem da lei, teríamos traçado o triste perfil da realidade brasileira.



— Ou se inicia desde já uma reforma de base, ou as gerações futuras não nos perdoarão os males que lhes reservamos.

O EQUILÍBRIO DO BINÔMIO ESPÍRITO-MATÉRIA

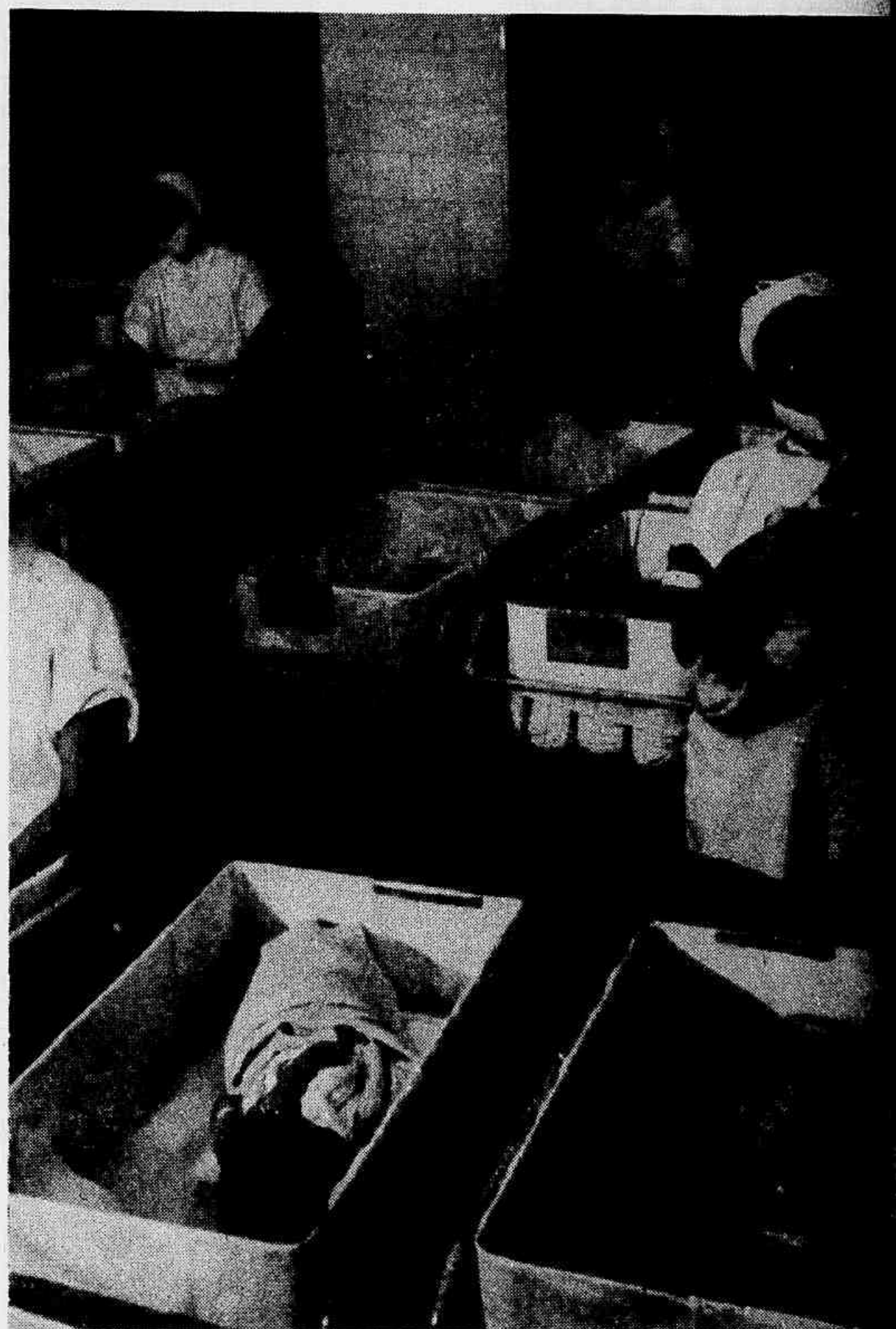
A tendência natural dos que orientam os futuros casais, por processos antipsicológicos e convenções, oriundos do desconhecimento do problema, é quase sempre a forçar situações, encaminhando soluções de superfície, tendentes a acomodar ou ajustar manifestações que não se originam da indispensável identidade recíproca dos sentimentos.

Como seria possível forçar ou impor uma atitude uniforme e duradoura a um sentimento de amor de natureza esquizóide, cuja característica é exatamente das mudanças inesperadas e abruptas do próprio potencial amoroso? Como se pode exigir altruísmo e desprendimento de um amor absorvente, egoísta e dominador, como seja o amor paranóico? Como esperar o equilíbrio do binômio espírito-matéria, quando nos deparamos com um amor hipomaniaco, todo ele oriundo de raízes predominantemente genitais? Não será impondo pura e simplesmente o ajuste de coisas tão diferentes que se conseguirá a felicidade conjugal. A tarefa consiste em diagnosticar antes do casamento e, se não for possível, tratar após o casamento. Mas, tanto a profilaxia como a terapêutica, como é fácil compreender, não podem ser empregadas superficial ou empiricamente a menos que se pretenda desmerecer ou depreciar a ciência. Tenho para comigo — continua o dr. Salles Netto — que este é um dos maiores e adversos dentre quantos fatores possam contribuir para o colapso da vida conjugal.

O PAPEL DO ESTADO

Estendendo suas observações ao campo social propriamente dito, o nosso entrevistado se detém na análise da conduta do Estado, acrescentando: quando responsabilizo o Estado pela situação que atravessamos, tenho presente a noção de que seu papel tem sido, até aqui, de uma profunda e irreparável infelicidade. Onde estão os recursos, o planejamento e a coerência de suas atitudes? Fala-se em menor transviado. Recolhe-se o menor tido como tal. Depois ele é devolvido à família ou entregue a um serviço de assistência. No primeiro caso ele volta ao ponto de partida, ao centro nervoso de seu desajuste. No segundo, a experiência não tem sido satisfatória ou animadora. Por outro lado, a família se funde, se desajusta, se desfaz e se torna a refazer, desta ou daquela forma, sem que lhe dê a menor assistência, seja de que tipo for a não ser as de ordem policial ou quando muito de caráter retificador.

Uma verdade — conclui o dr. Salles Netto — não pode ser omitida nessas considerações: ou se inicia desde já uma reforma de base, neste particular, ou as gerações futuras não nos perdoarão os males que lhes reservamos



Quantos órfãos de pais vivos irão perambular pelas ruas da cidade? Quantos Cássios irão, daqui, para encher os cárceres?

FEMININAS

PARA OS ÚLTIMOS DIAS DE FRIO





◆ Para dias mais frescos,
tailleur-suéter em tweed cor-de-
chocolate. Ombros arredondados,
ampliados devido ao corte.
Cintura folgada.



◆ Visto de frente e costas, um
original tailleur de tropical
prêto com borda de cetim. A
cintura é pouco marcada e a gola
apresenta decote em "v".



CUIDE DA BELEZA DOS PÉS

FAÇA TODOS os dias na ponta dos pés, cinco minutos. Estando de pé, faça repousar o peso do corpo, ora sobre a margem externa, ora sobre a margem interna do pé. Um minuto em pé.

◆ Coloque um lápis no chão e tente apanhá-lo com os cinco artemhos. Erga a perna dobrando o joelho e mova o pé de alto para baixo sem largar o lápis. Dois minutos.

◆ Empurre uma bolinha unicamente com a ponta do pé bem esticado para baixo: faça-a rolar para a frente, depois retornar para você. Dois minutos.

◆ Estique as duas pontas dos pés o mais longe possível para baixo, a seguir volte do mais longe possível para o alto sem mover o resto do pé. Dez vezes.

◆ Para que seus pés sejam macios e belos. Sentada, execute pequenos círculos da direita à esquerda, depois da esquerda à direita, deixando o tornozelo imóvel. Um minuto.

◆ Deitada, coloque uma bola de tênis entre seus pés. Brinque com ela fazendo-a rolar entre os dedos, atirando-a para o ar e apanhando-a com os pés. Dois minutos.

◆ Sentada. Segure com as mãos os artemhos e procure incliná-los para baixo forçando um pouco e sustentando com a outra mão a palma do pé. Evitará as câibras. Ainda sentada, estire a perna à sua frente, dobre os dedos dos pés e efetue círculos com um pé, no sentido das agulhas de um relógio e tendo os joelhos dobrados. Seis vezes.

◆ Vire os dois pés para o interior, artemho contra artemho. Separe-os sem levantá-los, de maneira a juntar os calcanhares. Reúna os artemhos, etc. Vinte vezes.

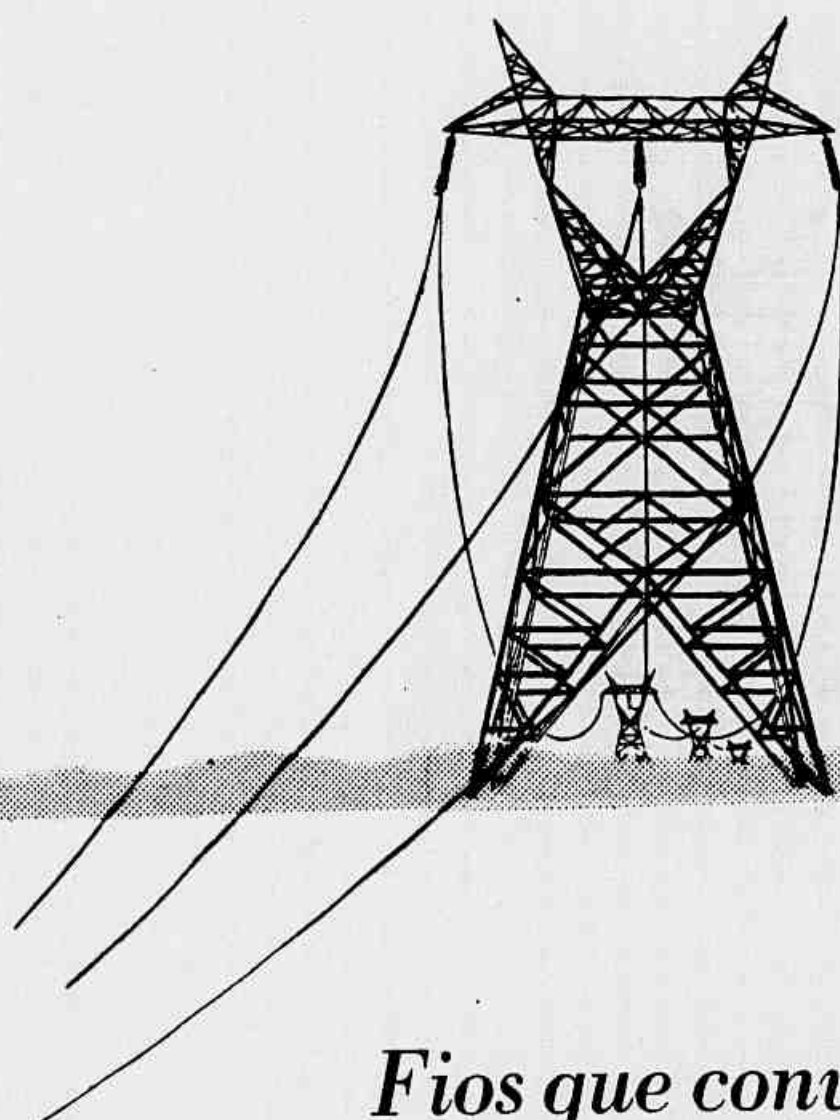
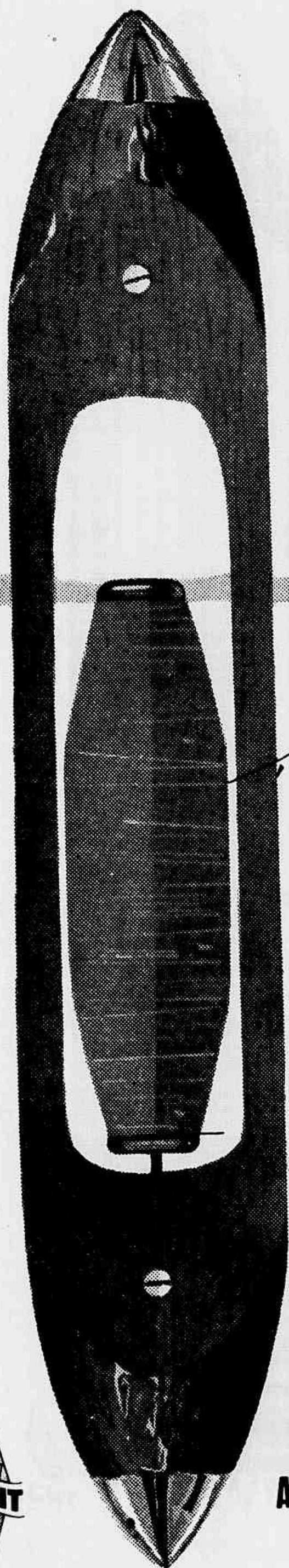


criação HERMÈS — Elegante
tailleur em tweed mescla
azul e branco. Pequeno decote em "v"
e cintura alta.

S

ado
ex-ar-
araem
narara
verpe-
di-que
ari-los
mãoerna
um

do-

Se-
ares.

*Fios que convergem
para um objetivo comum:*
PROGRESSO!

Pelos seus elevados padrões de técnica, beleza e qualidade, os tecidos brasileiros conquistaram justificado renome internacional.

A indústria têxtil, com uma produção anual já superior a 50 bilhões de cruzeiros, desempenha relevante papel na economia do País.

Parte substancial dessa indústria está localizada na região Rio-São Paulo, onde a energia elétrica contribuiu de maneira decisiva para o seu extraordinário progresso.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

JANTAR

ANDRÉ DE FIGUEREDO



R NA PENSÃO

SOPA DE FELIAO. Me vai na cozinha, não dá para
as esperanças. Meu Deus, tá lá uma sopa de feliao
for tenho um palpite de que ela não vai
ontem reclamou: "É... tá bom, tá bom, tá bom"
infeliz. Há três dias que tá com essa cara de
que apenas hoje, uma vez mais a sopa de feliao. Ju
não reclamarei mais nunca, nunca mais.

Aí vem a empregada com a sopa. Ela tá com
essa mulher de segurar a colher de sopa de feliao
dentro da sopa. Como vem fingindo que não
vinha sim. Me lembro bem. Quando ela vem com
este cheiro... sopa de feliao. Tá com aquela
os olhos. Oh! tá colocando pra dentro da
tira no rosto. Vou abrir os olhos. Não
Não posso abrir agora. Mas tá com aquela
ela. Está me telefonando. Não posso
nem. Mas tá me telefonando. Não posso
fria. Hum! Sopa de feliao. Tá com aquela
talvez. Ela tá com aquela cara de
livre de telefonar. Não posso
As coisas são? Podem muito bem
fria e os milhões de dólares
tinha aventuras para contar. Não
diz? Romântica, uma história de
é? que tá. Gosto da sopa de feliao
idéias, numa casa com uma
mice? Há muito que tá com
A sopa não está boa. Tá com
a vida. Como tá com a vida
beu. Só posso dizer que



Vou enlouquecer se este telefone não chamar.

devo comer? Arranjei, sim. Então aquilo não é namôro? Conversou comigo, me trouxe até a esquina, e quando se despediu bem que procurou reter minha mão na dêle. Por que puxei tão rápido a minha? Poderia ter deixado. Os rapazes não gostam de mocinhas tímidas. Isto fica bem lá em Santa Rita. Mas aqui? Arrôjo, todo mundo deve ser arrojado...

Dona Filirmina, não poderia tomar a sopa sem resfolegar tanto? Parece uma égua. Às vezes tenho vontade de trocar de mesa. Jantaria naquela do canto. Há três dias que tem uma vaga. Mas dona Filirmina ficaria ofendida. Ela é tão boa, tão compreensiva. Afinal, sofreu. Mas este seu tomar de sopa me aniquila os nervos.

Por que este telefone não chama? Há tempo que não toca. Capaz de estar quebrado. É isto: quebrou-se... não tem mais linha, é claro. Por que me surpreendo? Não aguardava eu um telefonema? É o suficiente para que não mais funcione. E talvez amanhã venha um funcionário da Telefônica e diga: "Vou mudar o telefone e o número". Se isto acontecesse então ele nunca mais me encontraria. Dificilmente saberia o número do novo telefone. Ah! Que isto não aconteça, meu Deus, meu Santo Antônio! Por que duas pessoas devem ser infelizes? Já não bastam os cegos, os aleijados, os solitários?... Por que aumentar o número de infelizes? Vou enlouquecer se este telefone não chamar. Enlouqueço, corro pelas ruas, grito... Que tenho eu?! Pronto, está tocando. É o telefone da pensão. Deve ser ele. São sete e quinze, ele já deve ter chegado em casa e logo me telefonou. Estava ansioso fala falar comigo... Ah! era para celina.

Como sou tôla, não poderia deixar de ser. Quase que o telefone é exclusivo dela. Como se pendura no fone. Imagino nos lábios dos namorados. Deve ser uma coisa horrível. Um escândalo. Mas que tenho eu a ver com isto? Ela não tem culpa de ser bonita e de os homens gostarem da beleza física. Não tem culpa. Ninguém tem culpa de nada. Qual a culpa de papai e mamãe de serem feios e eu também? Que culpa tem os homens de só se preocuparem com o rosto, os seios, as nádegas das mulheres? Meu Deus, quantos pensamentos escabrosos! Quanta coisa tenho pensado ultimamente. Quanta coisa. Oh! por que Celina não acaba com este telefonema? E se ele resolvesse telefonar agora? Linha interrompida. Ficaria nervoso. Tentaria mais uma vez. Novamente interrompida. Parece que estou vendo: chamaria um nome qualquer e não mais iria perder o tempo dêle comigo. Por que haveria de perder? Ele é bonito; mulheres não faltam. Afinal ele apenas conversou comigo dez minutos, no bonde, e me deixou ali na esquina. De que foi mesmo que falamos? Nem me lembro mais. Estava tão nervosa. O primeiro homem que se interessou por mim, desde que estou nesta cidade. O primeiro. O primeiro, e já faz três meses que estou aqui. Três meses, e que fiz eu? Eu, que vim de Santa Rita, com tantos planos. E que fiz, meu Deus? Amanhã, procurarei criar coragem e vou falar com Rachel de Queiroz. Mostrarei meu romance. Certamente ela vai ler. E se não gostar? Meu Deus, que me resta além de escrever? Escrever é tudo. Ah! não tenho coragem de falar com ela. Não, não tenho. Prefiro ficar com a ilusão de que sou uma escritora. Mas o meu livro não presta mesmo. Não, não presta. Como pude pensar que aquilo era um romance? Ah!, quando terminar a janta, rasgo-o. Nunca mais pegarei num lápis para escrever, nunca mais. Procurarei ser fútil, tôla... O mundo é para aqueles que não pensam.

Até que enfim, Celina largou o telefone. Oh! já está chamando novamente. Não disse que ele estava tentando me telefonar? A intuição feminina é uma realidade. Por que esta empregada não corre logo para atender?... Ah! ligação errada. Esse povo não tem o que fazer. Por que não presta atenção aos números que disca? Agora, fica dando susto na gente.

Preferível que ele não tivesse falado comigo. Estava descansada. Não estaria nesta espera louca, nesta apreensão... Jantaria calmamente, depois iria me deitar, leria, como sempre faço antes de dormir, o diário de Katherine Mansfield, choraria um pouco por causa da solidão e pegaria no sono. Acordaria amanhã, hora de ir para o escritório. Ah! não me entendo. Sonhei tanto com este telefone tocando para mim... um rapaz que me amasse e agora fico aborrecida porque tenho de aguardar um telefonema, esperar alguns minutos... Como deve ser bom amar, ser amada.

Um homem que me ache a mais importante das mulheres e que me diga: "Como pude viver tantos anos sem a conhecer?!" Ah! lá vem besteira novamente. Por que tenho tantas idéias tôlas? Os homens não prestam, as mulheres também não, ninguém presta, está tudo liquidado. Eu sou do século passado, ultrapassada...

Espera-se uma hora, depois da sopa, e o que vem? Arroz que parece papa, batata cozida, carne dura... Ai, ai, que vida! E tenho que escrever para mamãe dizendo: "Está tudo bem, mamãe. A vida aqui no Rio é uma maravilha. A comida da pensão, perfeitamente aceitável. Sua filha está forte e bem disposta..." Quanta mentira. Mas para que mandar dizer a verdade? Ela iria só ficar aborrecida, muito aperreada e triste. Nada poderia fazer. Bem que eu poderia ter ficado na cidadezinha. Tinha casado com o Jeremias e agora não estaria sofrendo tanto. Mas como podia eu suportar aquela vida bucólica? Como?! Bem que eu tentei; como tentei. Mamãe a esta hora deve estar lendo a Bíblia, papai examinando os livros da mercearia. Tudo tão calmo. Ah! se eu estivesse junto dêles lendo um livro qualquer... por ruim que fôsse seria melhor do que estar aguardando este telefonema, que talvez não haja. Mas ele tomou nota do número do telefone na caixa de fósforo. Meu Deus, agora me lembro duma coisa: ele escreveu apenas o número, não colocou o meu nome. Como irá saber que é o meu telefone? Ah! quando eles querem se lembrar, lembram-se.

Como foi interessante nosso encontro. Ele bateu duas vezes com a perna na minha. O bonde vinha cheio. Pedi desculpa delicadamente. Pagou minha passagem. Puxou conversa. Quando saltei me segurou o braço. Muita gente ficou olhando para mim. Pensaram ser meu namorado. Que povo idiota! Não pode ver um homem e uma mulher juntos, que não pensem ser namorados, amantes e sei lá mais o quê. Andamos um quarteirão e ele me perguntou: "Você mora sôzinha?". Disse apenas: "Hum!". Quando eu lhe respondi que morava num quarto de pensão com outra amiga. Por que terá feito aquela pergunta? Certamente queria saber que tipo de moça eu sou. Ainda bem que não moro sôzinha. Devo ter causado boa impressão. Mas por que ele não me quis trazer até em casa, preferindo voltar da esquina, dizendo que depois falava comigo? Como são distraídos os homens. Já ia embora sem levar o número do meu telefone. Esses homens são gozados. Andam mais com a cabeça nas nuvens do que nós as mulheres...

Este telefone toca pra todo mundo, menos para mim. Mas tenho certeza de que antes de comer a sobremesa ele vai me telefonar. As meninas vão ficar bêstas quando me virem atender o telefone. Vão perguntar: "Quem é? Como o conheceu?" Bisbilhoteiras! Ah! quando a empregada disser: "Dona Zilda, telefone!" Levantar-me-ei e atravessarei a sala, sem dar importância a ninguém. Falarei com ele e depois vou para o meu quarto. Como vai ser bom. O que irá ele me dizer? Falaremos sobre livros, cinema... As meninas vão morrer de inveja. Vão, sim. Oh! por que ele não me telefona logo? Meu Deus, a sobremesa vem e este telefone não chama. Não adianta mais pedir. E se tocasse agora? Meu Deus, fazei que isto aconteça. Juro que não farei inveja às meninas. Quando fôr atender o telefone, atravessarei a sala bem humilde, humilíssima até, meu Santo Antônio. Falarei calmamente, e se as meninas perguntarem digo que é meu amigo. Juro, por tudo quanto é sagrado, que serei boazinha. Ah! já estou cansada de tanto implorar. Ih! O telefone está tocando. Deve ser para mim. Não disse... não disse. A empregada está me chamando. Deus, quanto Te agradeço por teres ouvido minha oração, quanto Te agradeço! É ele, é ele...

— Alô! É você mesmo?! Não posso acreditar. Estava ansiosa. Sabe? quase morri. Por que não me telefonou logo? Devia estar ocupado. Preciso falar com você, preciso muito, muito mesmo... Hem? O quê? É a Zilda quem está falando!... Já se esqueceu de mim? Não acredito. A moça do bonde. Hem?! O quê? O senhor quer falar é com a Nilda? Ah! a empregada confundiu nossos nomes. Vou chamá-la. Um instante, por obséquio. Agora me lembro que o rapaz do bonde não sabe o meu nome! Oh desculpe... Desculpar o senhor? Não, não há de quê! Não tem importância, não tem importância nenhuma...

PASSARELA — Linha-saco versus linha-lata.



BRASIL VESTE LINHA-SACO DENTRO DA BÔLSA DO CAFÉ

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA



SR. RUY GOMES DE ALMEIDA — África vem aí!

"DESDE QUE SE INAUGUROU nesta nação a política oficial de intervencionismo no café", diz-me o sr. Ruy Gomes de Almeida, "o Brasil algumas vezes tem procurado provocar na Bolsa de Nova Iorque reações convenientes à sua política de preços vigentes para o produto". Ao que vem essa declaração? Vem a propósito de mais um aniversário da primeira transação efetuada, em 1882, com café brasileiro, na Bolsa de Café de Nova Iorque, para onde voltam agora a convergir as atenções de todo o País. A violenta crise que compromete a nossa posição — e liderança — no mercado mundial de café (o café daqui está dia a dia perdendo terreno, na Europa e dentro dos mesmos Estados Unidos, para os cafés africanos estimulados pelas intensas inversões de capitais feitas pelos norte-americanos nos cafezais da África, em detrimento da América do Sul, que assim com eles não pode competir) tem repercutido intensamente na Bolsa referida, que aliás não é só de café, mas também de açúcar, embora em relação ao Brasil a misturar esteja sendo, convenhamos bem amarga. O homem comum talvez não apreenda a gravidade da situação e a importância da concorrência do café africano. Em linhas gerais (e não técnicas), tudo se resume no seguinte: sendo o café o principal esteio da economia brasileira e não encontrando o Brasil comprador para ele, deixa de receber os dólares que aplicaria em benefício do seu desenvolvimento. E menos dinheiro (não é segredo), tanto para um povo quanto para um indivíduo, significa menos alimento, menos roupas, menos remédios, menos conforto, menos progresso, menos bem-estar.

Enfim, é como um fabricante de cestos pobre que os vendesse a dois cruzeiros cada, sem poder baixar o preço em face do custo da palha, e de repente descobrisse que todos os seus fregueses agora compravam os cestos fabricados por um rival ao lado, que, graças ao auxílio de um sócio rico, os fornecia ao público apenas por dez centavos.

DA BÔLSA AO SR. ALKMIM

Quem é Ruy Gomes de Almeida? As classes econômicas, não se faz mister apresentá-lo. Porém a opinião pública em geral, vá lá uma apresentação a título de cartão-de-visitas: um dos mais conhecidos líderes do comércio — e ainda um dos mais progressistas — entendendo de café, finança e economia mais do que muito político e do que muito professor. Esse homem moreno e despretensioso, que segura nas rédeas a centenária Associação Comercial e enfeixa nas mãos um imenso prestígio entre comerciantes e industriais, sabe mais de café (desde a sua mocidade em Carangola meteu-se nisso) do que a grande parte dos presidentes que têm passado pelo Instituto Brasileiro do Café. "Tanto e de tal forma", costumam dizer nos círculos cafeeiros, "que se antes tivesse dirigido o IBC talvez hoje o Brasil não se encontrasse, quanto à rubiacea, na aflitiva situação em que está. Somos, contudo, o país das contradições. E por isso, é apenas como presidente da Associação Comercial, e não como presidente do IBC, que o sr. Ruy Gomes me declara: "Se é verdade que o Brasil costuma jogar na



A PAPELADA — Alguém vai no embrulho?

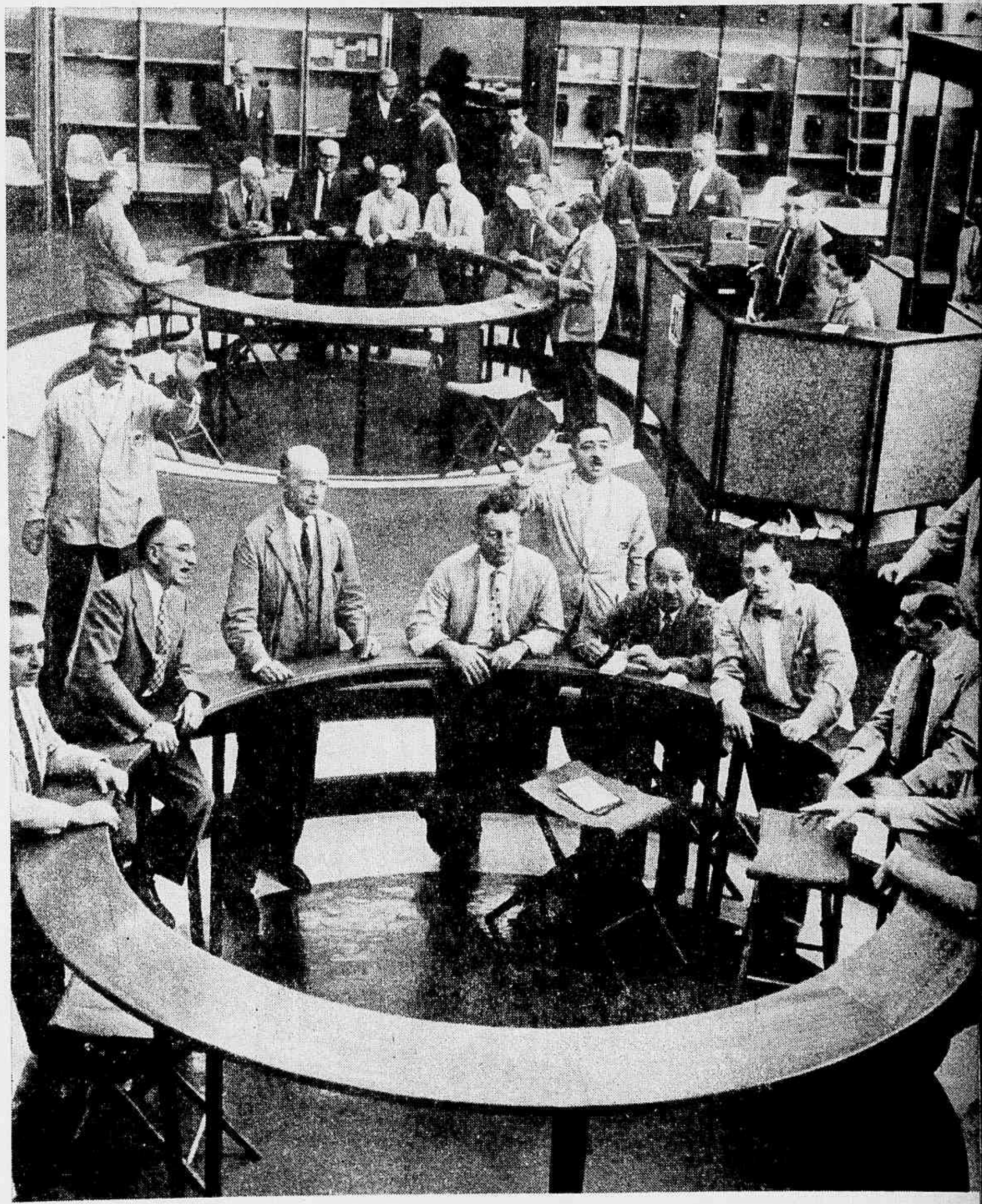
Bôlsa de Nova Iorque para obter reações favoráveis à sua política cafeeira? É. A Bôlsa, diga-se de passagem, não tem poderes para controlar a oferta ou a procura de determinado produto. Ela é o lugar onde, subordinados a determinadas normas de caráter predominantemente ético e muitas vêzes rígidas, os corretores fazem suas compras ou suas vendas de acôrdo com as ordens de seus clientes. Quando êsse cliente, embora atuando por interpostas pessoas ou entidades, como seria o caso do Brasil, tem algum poder sôbre a oferta do produto, é possível que exerça ela, em virtude dêsse contrôle de oferta, uma influência (passageira) de preços na Bôlsa, e utilize, para êsse fim, como qualquer outro cliente, os serviços de corretores."

Por que lhe fiz tal pergunta? Porque, quando ministro da Fazenda, o sr. José Maria Alkmim foi acusado (e não só acusado) de, por intermédio de duas ou três firmas privilegiadas, jogar na Bôlsa de Nova Iorque visando a favorecer uma situação artificial para o café. Afirmar-se que o então ministro deu a essas firmas muitos milhares de dólares com os quais elas intervieram na Bôlsa — e enriqueceram. Qual o prejuízo que daí adveio para

o Brasil? O assunto até hoje permanece incôgnita. "A crise cafeeira que enfrentamos", salienta R.G.A., "é consequência também de uma série de erros, que estendem suas raízes ao Convênio Cafeeiro de Taubaté, em 1906. Erros graves e recentes precipitaram os acontecimentos, agravados com a concorrência do café africano". Os erros foram por exemplo os do sr. Alkmim? Ora, para bom entendedor, meia palavra basta.

HISTÓRIA E TETO À PROVA DE SOM

A conversa escorrega para a história da Bôlsa de Nova Iorque e sua influência no mercado mundial. História curiosa. Nem todos conhecerão, então, o fato de que a primeira transação comercial levada a cabo pela Bôlsa cobriu um carregamento de duzentas e cinquenta sacas de "café do Rio estritamente de boa qualidade". Depois, mudando o nome para Bôlsa do Café e do Açúcar de Nova Iorque (**New York Coffee and Sugar Exchange**) e instalando-se no número 79 de Pine Street, no distrito financeiro da cidade, a organização expandiu-se ao ponto de tornar-se uma das mais



BÔLSA DE NOVA IORQUE — Para o café africano, não há discriminação racial.

importantes do cenário do comércio exterior norte-americano. A Bolsa, que acaba de completar 75 anos de existência, localiza-se em um arranha-céu de doze andares, modernissimamente equipado e até com teto à prova de som, para abafar o vozerio dos corretores.

Há 344 membros filiados à Bolsa, compreendendo um total de 22 países. O aumento da influência do café e do açúcar no mercado internacional pode ser avaliado levando-se em conta que, hoje, as operações comerciais desses dois produtos atingem na Bolsa sete bilhões de dólares, representando essas operações, na maioria das ocasiões, as principais fontes de renda dos países produtores.

No entanto, a Bolsa foi fundada justamente após o pânico econômico de 1880, quando as operações de café atingiram seu nível mais baixo. Naquela época, um grupo de jovens comerciantes divisou ao longe as possibilidades do mercado e resolveu organizar um centro de comércio nos moldes da Bolsa de Algodão de Nova Iorque e da Junta de Comércio de Chicago, que haviam transposto a perigosa fase do pânico e mantido seus negócios em relativo nível de estabilidade durante e após a crise.

Um recorde de velocidade: cada transação na Bolsa é tornada pública em questão de minutos.

ONDE APARECE O "HEDGE"

Além de suas outras funções, a Bolsa atua como meio de proteção comercial, em operações denominadas *hedge* ou seja a venda ou compra de títulos ou valores, contra compras ou vendas anteriores, para evitar um possível prejuízo. Distinguem-se dois tipos dessas operações conhecidas como *hedge*. Exemplo: no caso da compra de um *hedge*, suponhamos que um fabricante de doces (não esqueçam de que a Bolsa funciona também para o açúcar) deseja entrar na concorrência de um contrato para fornecimento de seu produto ao Exército. Não sabendo qual será o preço do açúcar no próximo ano, ele adquire um contrato de compra, acrescentando o valor dessa transação ao preço que vai submeter-se em um cálculo de compras futuras. Por outro lado — no caso da venda de um *hedge*, temos como demonstração o comerciante que adquire uma quantidade substancial de café brasileiro ou de açúcar cubano. O preço desses produtos pode baixar antes de que ele os coloque no mercado. A fim de proteger suas transações futuras, o comerciante vende os seus contratos à Bolsa. Se os preços caírem, poderá adquirir na oportunidade do fornecimento, pelos novos preços, quantidades equivalentes às do contrato e revendê-las sem o prejuízo da oscilação.

O mundo é sempre e cada vez mais dos espertos. A Bolsa, também.

O BRASIL NUM ESPELHO

Tem o Brasil sido prejudicado por esse sistema de funcionamento? Eis o que responde o sr. Ruy Gomes de Almeida: "Até agora nada se inventou melhor do que as Bolsas para medir as possibilidades da oferta e da procura. Uma instituição dessa natureza não prejudica nem beneficia por intenção própria, qualquer pessoa ou país. Ela apenas reflete uma situação que poderá ser boa ou má, mas que existe objetivamente".

Outros itens que ressaltou:

1 — "Não podemos formar ao lado dos que pensam que as nossas dificuldades cafeeiras são apenas de ordem interna. Não há negar que realmente há muito de verdade nisso, mas temos que reconhecer a existência de fatores externos, como a concorrência africana, que dificulta as soluções, a ponto de não podermos afirmar que não há solução boa".

2 — Tem-se exigido demais do café. "E os sinais evidentes de que ele já não suporta a carga aí estão". Só não verá quem não quiser.

3 — "São necessárias medidas urgentes para desafogar o ambiente cafeeiro nacional".

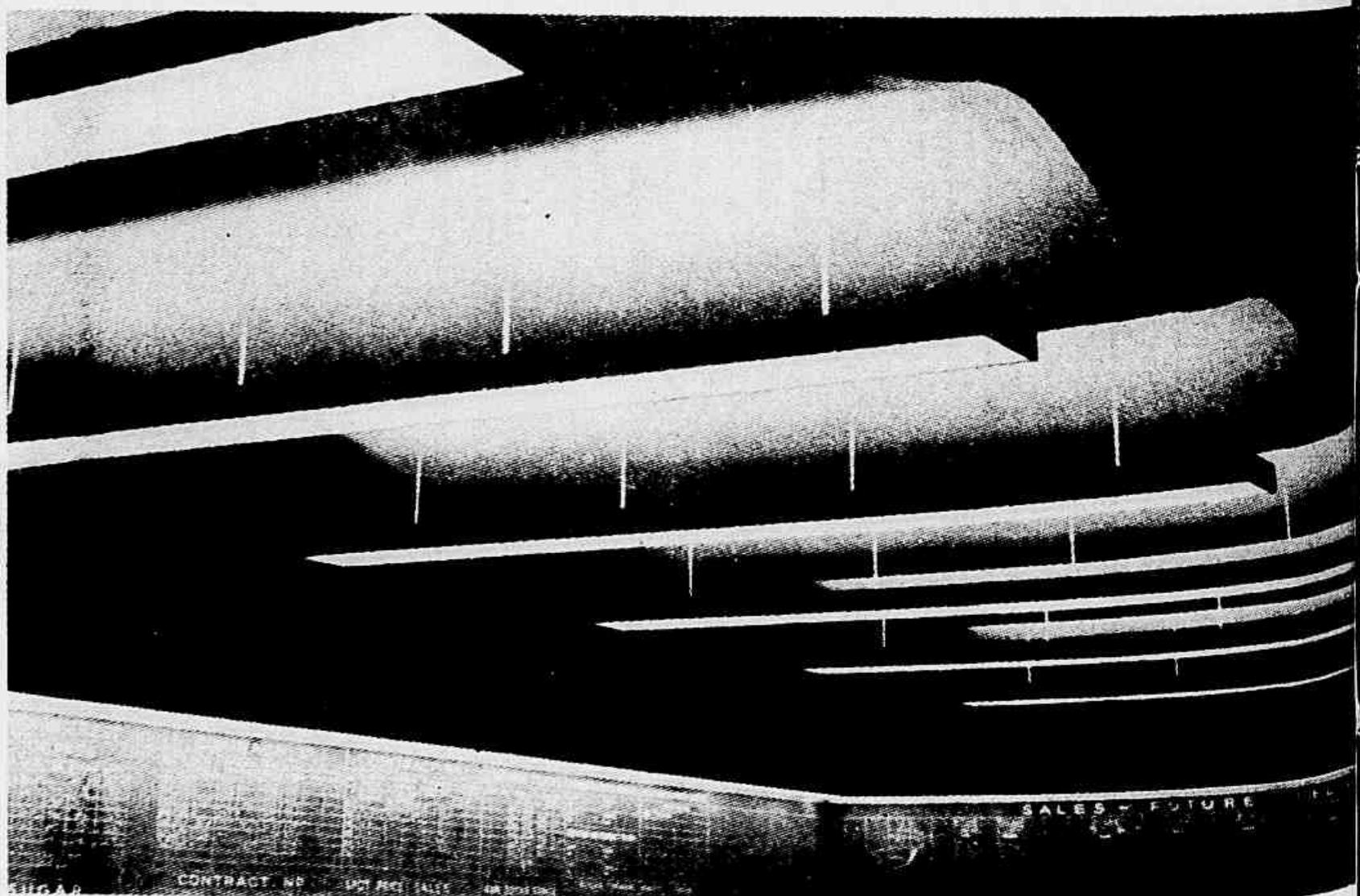
4 — O Brasil está perdendo milhões de dólares anualmente por não encontrar compradores para o seu café. Assim, em comparação com a exportação cafeeira efetuada em 1957, já deixamos de receber em 1958 (seis meses) nada menos de 150 milhões de dólares.

BÓLO DE VELAS E LINHA-SACO

Ora, com Bolsas ou sem Bolsa, é o que se conclui, a situação do café brasileiro anda de mal a pior. E no momento em que a Bolsa de Nova Iorque acende o seu bólo de velas, para comemorar mais um duplo aniversário — o de sua fundação e o daquela primeira transação comercial que realizou com o nosso café — uma firma norte-americana, a **Atlantic and Pacific Sea Stores**, que dispõe de dois mil supermercados nos Estados Unidos, lança duas marcas de café enlatado (uma a vácuo, outra do tipo solúvel) preparadas com café africano, por preço bem mais baixo do que o produto vendido em sacos pelo Brasil. Essas duas novidades já estão sendo muito bem cotadas na Bolsa de Nova Iorque, o que traduz mais uma seríssima ameaça ao consumo de café brasileiro nos Estados Unidos, nossos tradicionais e fortes compradores. Amigos, amigos, negócios à parte... O ditado é sempre verdadeiro.

Em suma: na passarela (chama-se assim a mesa redonda onde os corretores realizam suas transações) da Bolsa, é o café do Brasil quem desfila vestindo a linha-saco. Porém são os cafés africanos os que, com o dinheiro dos USA e mão-de-obra vil, ganham os bons negócios na linha da pechincha.

O Brasil veste linha-saco...



TETO A PROVA DE SOM —

E dólares para a prova de queixas.

iona-
"Até
ir as
na-
qual-
derá

Ossas
regar
reco-
afri-
rmar

s de
quem

am-

por
mpa-
amos
s de

ação
que
ome-
da-
café
ores,
ança
so-
paixo
novi-
que,
café
com-
mpre

onde
do
cafés
vil,



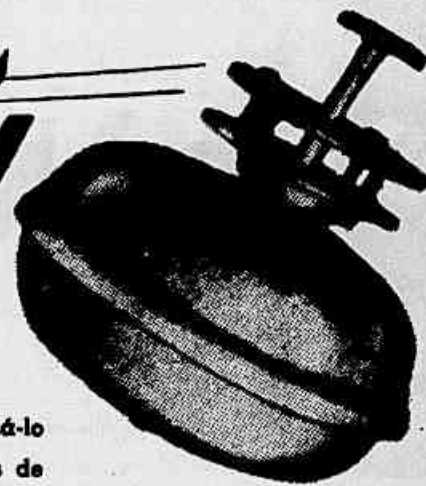
Café brasileiro :
mão estendida
para
o comprador.

CAMPAINHA

DIN-DON

**COMPLEMENTO AGRADAVEL
DE SUA BUZINA !**

- ★ Alerta o pedestre sem assustá-lo
- ★ Pode ser usada nas «zonas de silêncio»
- ★ Adaptável a todos os tipos de veículos
- ★ ECONOMIZA A BATERIA



NOVIDADES sempre uteis só na *Mil*
A milionária do Castelo

RUA MEXICO, 98-A — Tel: 22-1000

APRENDA A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso especia-
lizado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON n° 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BEL-HORMON
n° 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BEL-
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

**EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO**

**BAR RESTAURANTE
A LA CARTE,**

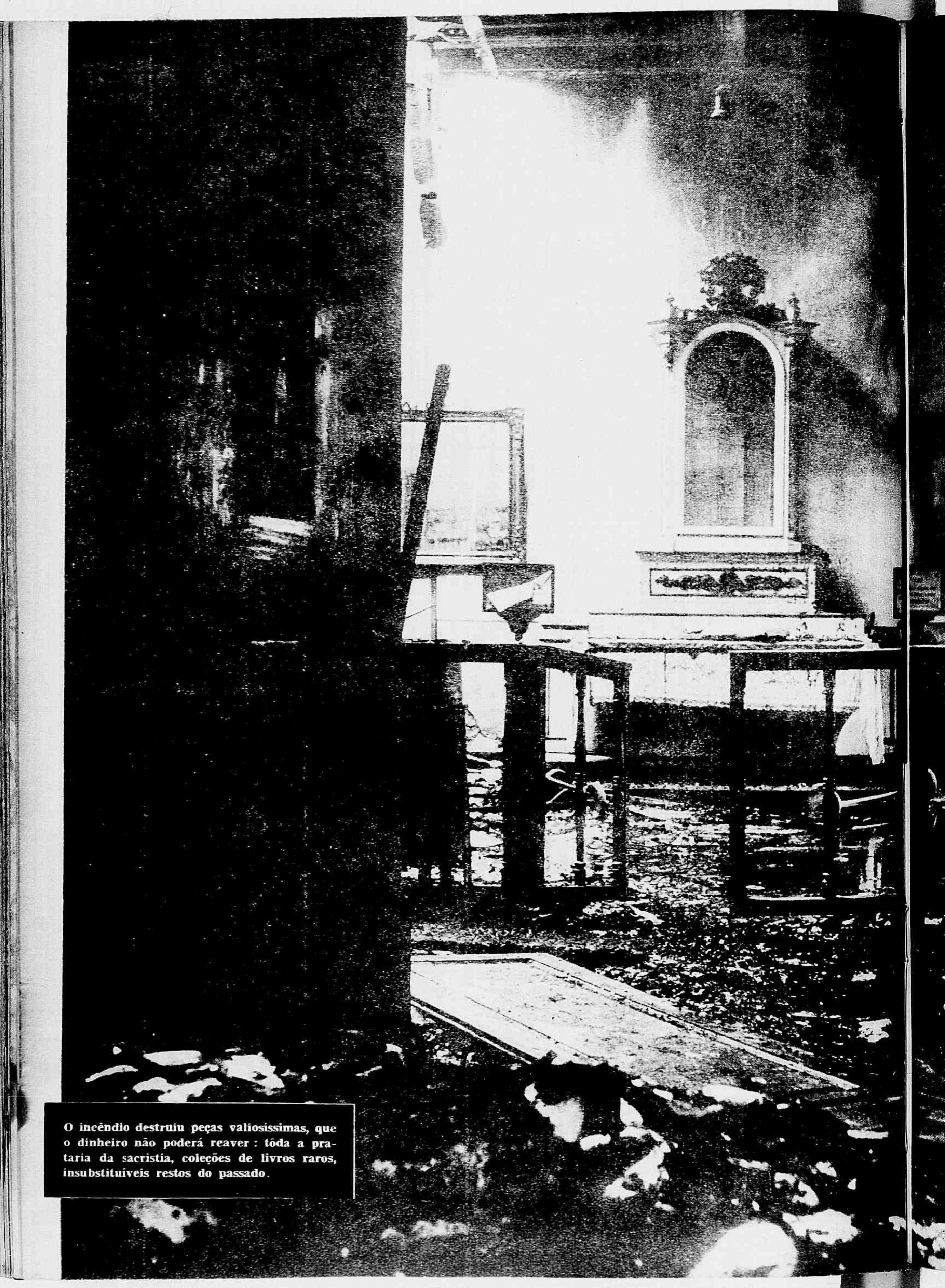
Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»





O incêndio destruiu peças valiosíssimas, que o dinheiro não poderá reaver: toda a prataria da sacristia, coleções de livros raros, insubstituíveis restos do passado.



INCÊNDIO NO CONVENTO DO CARMO

TESOUROS INCALCULÁVEIS REDUZIDOS A CINZAS

O RIO PERDEU no domingo um mundo de preciosidades históricas. Documentos de centenas de anos desapareceram na tragédia que reduziu a cinzas o Convento do Carmo, anexo à igreja de Nossa Senhora do Carmo, famosa pelas lendas sobre sua torre lateral única. Graças ao trabalho do Corpo de Bombeiros, a Igreja pôde escapar ilesa, nada sofrendo com o incêndio. No dia seguinte a missa era rezada como se nada houvesse acontecido. Mas o Convento, este foi inteiramente devorado pelas chamas. Dêle muito pouco, quase nada, hoje resta. A causa de tudo, ao que parece, foi um curto-circuito na instalação elétrica do primeiro pavimento.



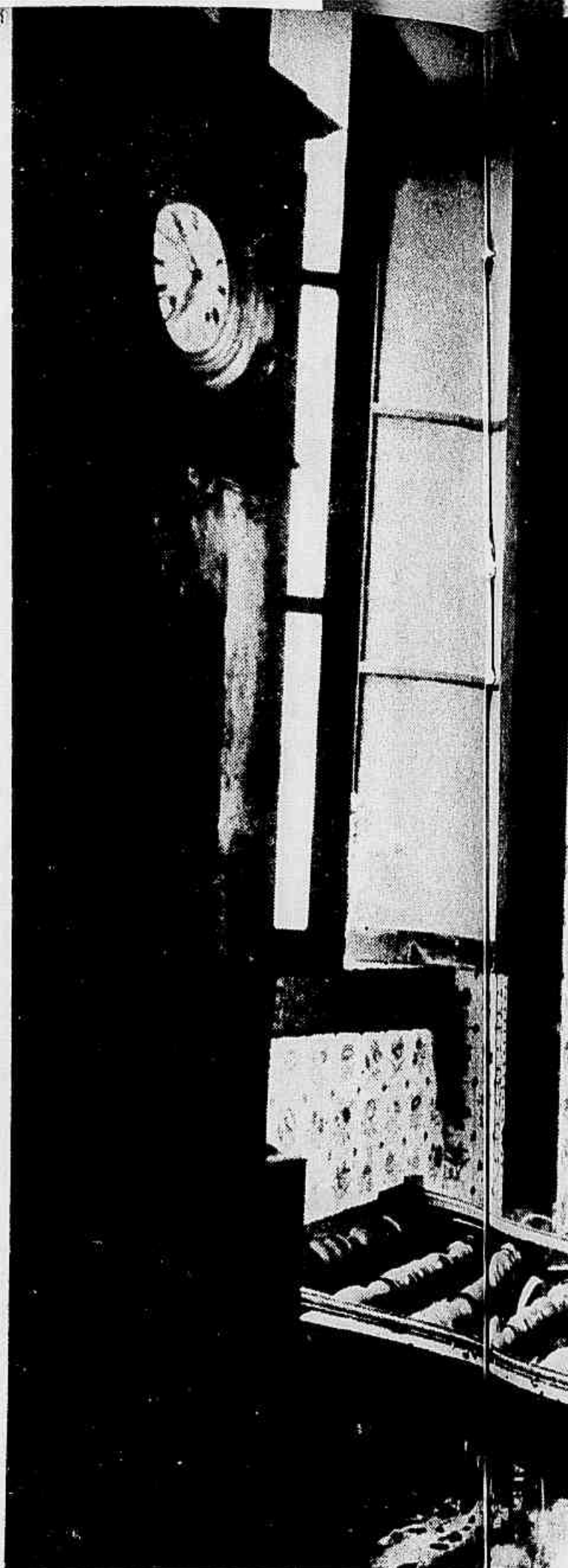
A igreja de N. S. do Carmo, no Largo da Lapa, perdeu o seu convento. Um curto-circuito motivou o sinistro.

Tesouros incalculáveis reduzidos a cinzas.



FACHADA DO CONVENTO do Carmo: só resistiram as paredes externas.

O QUE RESTOU da biblioteca. Livros raros — entre eles a obra completa de S. Teresa de Ávila, São João de La Cruz, enciclopédias e dicionários de teologia — foram reduzidos a cinzas.

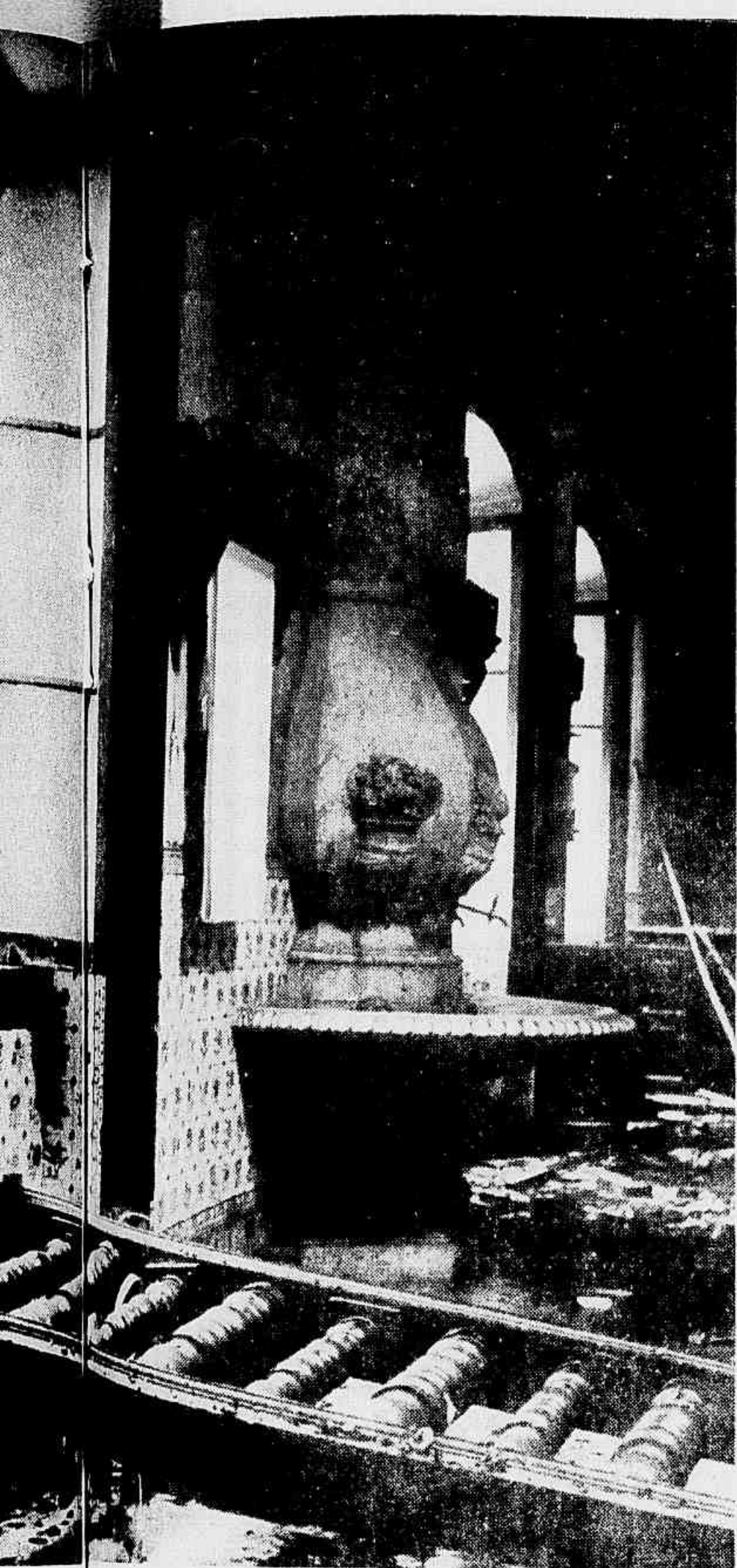


BALCÕES TOMBADOS, ar
seguro de seis milhões não

quivos
cobrir

Frei
consta
banhe
compa
vida
podem
forças
dores
para
flagelo

Com
seguin
um sil
se ma
as bea
salvar
dimos
alguém
doloric
da cat
tância
alguém
doloric
catástr
tância
descon
chama
ao ser



ar
ção

quivos destruídos, preciosidades inutilizadas. O cobrirá um terço do prejuízo.



Barbados, um "cocker", morreu soterrado. Salvou-se Bob, seu amigo. Na foto, o prior Nicolau o afaga carinhosamente.

Frei Guido, que foi o primeiro a acordar no dia do sinistro, constatou um clarão vindo dos lados da sala de recreio e dos banheiros. Minutos depois dava o sinal de alarma, acordando os companheiros, exortando-os a se porem em fuga, pois o risco de vida já era iminente. Frei Alexandre, com seus 76 anos, mal podendo caminhar, teve de ser carregado pelos outros — suas forças não eram suficientes para correr e se pôr a salvo. Moradores das redondezas, atraídos pelo vozerio e barulho, acorriam para ajudar aqueles que eram madrastamente açoitados pelo flagelo.

Como no mar, quando a calmaria sucede à tempestade, na manhã seguinte encontramos no que deixara de ser o Convento do Carmo um silêncio exangue. As paredes de sua estrutura cimentada ainda se mantinham teimosamente de pé e no seu interior os frades e as beatas se moviam como sombras. Procuravam inutilmente salvar alguma coisa que tivesse sido esquecida pelo fogo. Pedimos para falar com um dos sacerdotes — Prior Nicolau — e alguém foi chamá-lo. Veio ao nosso encontro, cansado, expressão dolorida. Queríamos que nos mostrasse algum salvado valioso da catástrofe, para que todos pudessem fazer uma idéia da importância das perdas que o Convento sofreu. Prior Nicolau — e alguém foi chamá-lo. Veio ao nosso encontro, cansado, expressão dolorida. Queríamos que nos mostrasse algum salvado valioso da catástrofe, para que todos pudessem fazer uma idéia da importância das perdas que o Convento sofreu. Prior Nicolau abanou desconsoladamente a cabeça. Nenhuma relíquia fora poupada pelas chamas. Naquele momento, mal sabia o Prior que horas depois, ao ser aberto o cofre da Sala de Arrecadações, um sorriso mere-

cido voltaria a iluminar a sua face. A coroa de ouro e as imagens de Nosso Senhor e Jesus-Menino foram retiradas incólumes e puras da urna em que jaziam trancafiadas. Enquanto caminhávamos ao lado de Prior Nicolau, pisando os monturos de ruínas carbonizadas, tropeçando em objetos enegrecidos pelas labaredas, éramos seguidos por um cachorrinho preto. De focinho baixo, com um andar descorçoado, o animal choramingava, farejando canto por canto que atravessávamos. "É Bob." — explicou-nos o Prior. — "Está sentindo a ausência de Barbados". Barbados era outro cachorro, preto como Bob, e que morrera sob os escombros. Tudo era desolação: mesmo as batinas e sandálias os frades haviam perdido.

O seguro de seis milhões a que terá direito a Ordem do Convento é insignificante sob todos os aspectos. O prédio fazia parte da paisagem da cidade desde 1773. E abrigava bens provenientes de época ainda mais longínqua. Foram destruídas coisas cujo valor o dinheiro não mais pode comprar. Coisas sem preço, insubstituíveis restos de passado. A Biblioteca, com seus quinze mil volumes, já não mais existe. Originais em pergaminhos, coleções de selos (que tinha até um "ólho de boi"), coleções de moedas, móveis coloniais, quadros antigos, castiçais e outros ornamentos, tão cuidadosamente conservados — agora não passam de pó.

Enfrentando o rude golpe com resignada humildade de sempre, os frades carmelitas mudaram-se para o prédio vizinho, o Seminário de Nossa Senhora da Lapa do Destêrro. Pacientemente recomeçarão seus afazeres e não descansarão até erguerem um novo Convento do Carmo.

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

ninha" para ele. Que tal, a turca era passável ou gorducha e nariguda?

Sérgio fingiu não se zangar com a pergunta, mas deu uma gargalhada sarcástica:

— A turca, minha filha, mete muita gente que eu conheço no chinelo. Não é nenhuma bobinha que se meta num avião para vir casar com um desconhecido aqui em S. Luís. O que ela quis foi viajar e aproveitar para ir à Europa com minha avó. Quanto a dizerem que minha avó me governa, não me interessa. Se alguém me governasse, só poderia ser ela. Minha nêga, não precisa ter ciúmes da turquinha enquanto você for sem-vergonha como é. O amor com você é muito bom, mas suas conversas me amolam.

Maria danou-se com a resposta rude, não deixou, porém, transparecer. Puxou-o com blandícia para a cama e atordoou-o com requintes de amorosa escolada.

Sérgio subia agora a escadaria do sobradão, sem sentir o bem-estar habitual, vindo dos seus encontros com ela. Sentia-se como que enjoado, farto de tanto carinho. Não assobiava como era seu costume. Percebeu luz no quarto da avó e entrou apreensivo:

— Que é que há, vovó? Você gosta de ficar acordada mesmo no escuro! Está sentindo alguma coisa?

— Nada, Sérge. Nada, nada. Só que não queria dormir de jeito nenhum hoje. Quer fica pensando noite inteirina que mina netina tá aqui. Oh moça bonita! Oh moça boa! Mê corazon fica doendo de pensá qui ni mina terra nasceu uma netina tão linda pra ieu.

Sérgio desmanchou-lhe a cabeleira alva com suas mãos grandes e de longos dedos:

— Eh! Estou ficando com ciúmes. Eu era o predileto, não era? Agora essa doninha vem roubar o meu lugar. Eu me zango, vovó, e não venho mais cobri-la quando chegar em casa de noite.

— Océ e ela bode cabe juntino ni mê corazon.

Nabira empregou o que considerava artilosa diplomacia:

— Todo mundo gostou dela. Nagib Kury disse segredo pra ieu de dá ela pro filho dêle que olhou ela tôda noite, se ocê non quer Chasmina.

Sérgio fez uma careta de surpresa:

— Puxa, que boçalidade! Essa gente ainda não se convenceu que estamos noutro século e que os casamentos não se fazem mais assim? Se ela topar, minha avó, não terá perdido o tempo, vindo do Líbano para cá. É comum isso de mandarem buscar alguém para casar com uma pessoa e esse alguém acabar casando com outra. Mas se foi a senhora quem mandou buscá-la, é mais justo Jasmina ficar na família. Por que não a casa com Oscar? Ele ficou todo bobo com ela. Mandou buscá-la para o neto mais velho, ela ficará para o mais novo. Ora, sim senhor, vocês falam em casamento como quem fala em negócios!

— Non sinhô! Negócio nós fala cum cabeça. Casamento nós fala cum cabeça e corazon.

— E o su casamnto, dona Nabira? Seu casamento foi feito e falado com que, heim? Com esse seu gênio danado de teimoso e esse coração grande como que, não foi?

Nabira virou-se de bruços e a rede gritou nos armadores:

— Vai dormir, menino. Océ fica tuberculose, Deus me livre, de dormir tarde e acorda cedo tudo dia. Océ vai vê seu castigo.

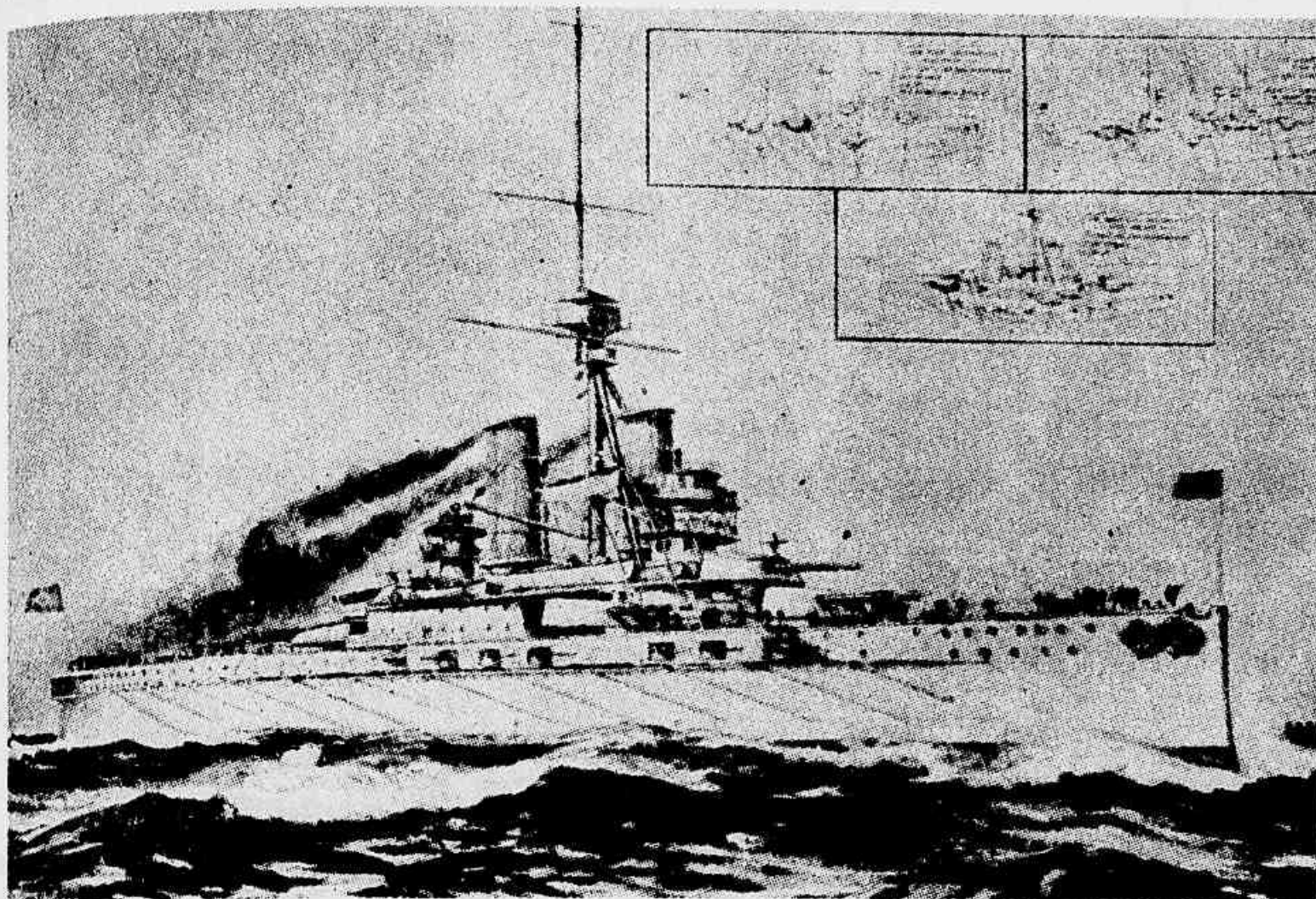
Quando o neto quis beijá-la ela virou a cabeça, emburrada. Sérgio saiu do quarto com ar divertido e apagou a luz. "Oh, velhinha danada", pensou.

(Continua)



O ANIVERSARIO DE ALVARO CARIJÓ — Alvaro de Moura Carijó é, sem dúvida, um dos nomes mais queridos dos nossos meios turfistas. Dono de raros atributos de cidadão e de amigo, granjeou largas e sólidas amizades, que não perdem vaza de lhe demonstrar a medida das suas simpatias. Agora mesmo, por ocasião da passa-

gem do seu aniversário, recebeu Alvaro Carijó uma afetuosa homenagem dos seus amigos, que lhe ofereceram um jantar, de que a fotografia ao lado mostra um aspecto parcial, tirado quando falava o nosso confrade Jorge Campos, vendo-se o homenageado à esquerda, ao lado do veterano jornalista Mário Magalhães.



A revista há 50 anos

O couraçado Minas Gerais, um dos três do tipo Dreadnought, que se está construindo em Elswick para o Brasil, e que foi ultimamente lançado ao mar.

Domingo, 27 de setembro de 1908.

NA SUA HABITUAL crônica, saúda gostosamente Raulino a chegada da primavera:

"Rezam as folhinhas, os calendários e outras coisas abelhudas sobre o giro da terra nos espaços, que entramos em plena primavera, estação das flores, do lirismo e de outras coisas bonitas. A primavera, *giu-ventu dell'anno*, apareceu com cara de inverno corriqueiro, com sua bagagem colossal de garôtas, broegas, chuviscos, céus pardacentos, ruas enlameadas, umidade a dar com um pau e sobretudo com grande concurso de sobretudos e capotes, havendo quem batesse o queixo a tiritar de frio."

"Chronos, o velho de alvas cãs — prossegue Raulino — anda a fazer-nos pirraças, alterando a marcha natural das coisas, e em vez de estrear a estação primaveril com um impingiu-nos uns dias chochos e sensabor-sol cantante, um céu suavemente anilado e a terra a transbordar de flores redolentes, impingiu-nos uns dias chochos e sensaborões! Talvez fôsse a própria primavera a chorar as mágoas que causa o desprezo humano; pois muita gente boa ainda não sabe a data natalícia dessa formosa rapariga no continente sul-americano. Muito taludo, com a mania imitativa, com a macaqueação constante de usos e costumes europeus, ainda vive na doce ilusão de considerar Maio o mês do natalício dessa formosa dama. Daí, talvez, esse pranto copioso da pobre recém-nascida, envergonhada por tanta ignorância... Coitadinha!..."

Comenta ainda Raulino alguns acontecimentos da semana — embora explicando que ela não "forneceu grande coisa, *intramuros* que mereça o comentário ligeiro do cronista". E cita a greve de Santos, "que deu que fazer e ainda promete muito pano para mangas, pois os graúdos pretendem meter os pés na parede — sem trocadilho". O caso, tão deliciosamente comentado, se refere a um movimento de operários das

docas "que não acham dique por onde possam ficar livres e desembarçados". Fala ainda no rumoroso crime da mala, de que foi vítima o negociante Elias Farhat e de que é suspeito o jovem Miguel Tradd — já amplamente divulgado em números anteriores:

"O Tradd, o tal da mala fúnebre, ocupa ainda a atenção pública e leva a gastar erudição, filosofia, literatura, prosa chilra, versos de pé quebrado em todos os idiomas, para entreter o tempo, "à espera do julgamento".

"Mostra assim" — continua Raulino — "ser da mesma têmpera do famigerado Rocca, que já deve estar escrevendo suas memórias, alguns poemas e um guia forense, coisa em que se mostra muito entendido."

O restante da crônica é dedicado à Exposição Nacional, que continua tendo a mesma repercussão das semanas anteriores.

A Semana Internacional registra a luta que vem travando há bastante tempo em Marrocos, desde a intervenção francesa, o pretendente Mulay-Hafid, irmão do Sultão Abd-El-Aziz — informa a revista — encetou contra o irmão uma revolução da qual finalmente saiu vitorioso. Esta revolução foi presenciada pelas potências européias sem que nenhuma intervisse, obedecendo destarte ao tratado das Algeciras". Mostra um flagrante do banquete oferecido em Lisboa ao Bispo de Olinda, e ainda, na parte nacional, instantâneos da festa riograndense realizada no Leme, de uma regata realizada em Vitória do Espírito Santo e da festa realizada, nesta capital, em homenagem aos tripulantes do cruzador português D. Amélia. Na página teatral — Ribalta — João Scena registra a presença de Frank Brown no São Pedro, "com os seus maravilhosos números de ginástica, mímica, dança, acrobacia e amestração de animais,

focas inclusive" e o Palace Theatre, onde a companhia italiana que tem à frente Lydia Gauthier tem atraído bastante concorrência e vai de sucesso em sucesso.

Fotos do misterioso caso havido há menos de um mês, quando apareceram mortos, em sua própria residência, dois jovens recém-casados, merecem duas páginas da Revista. Merece destaque, principalmente, um desenho do couraçado Minas Gerais — um dos três do tipo Dreadnought, que se está construindo em Elswick para o Brasil, e que foi ultimamente lançado ao mar. A propósito do "Minas Gerais" é bastante significativo o texto-legenda:

"Sob o título "O Mistério do Dreadnought brasileiro atualmente em construção em Elswick", conhecida revista inglesa publicou a gravura do nosso grande couraçado "Minas Gerais", atualmente em construção em Elswick. Ali foi igualmente feita a comparação da grande superioridade do nosso navio de guerra em relação aos do mesmo tipo pertencentes à Inglaterra e Alemanha. Os pequenos diagramas da gravura representam os três maiores couraçados do mundo, o brasileiro, o alemão e o inglês, sendo que o nosso é visivelmente superior aos demais. Segundo o mesmo jornal um grande mistério reina em Elswick, e no mundo sobre os três couraçados que se estão construindo ali para o governo brasileiro. A curiosidade que tem despertado no mundo inteiro essa grandiosa construção naval é já bem sabida e a imprensa tem se ocupado com grandes comentários do novo plano de reconstrução da nossa esquadra. Agora, então, que está visivelmente patente a superioridade do tipo dos couraçados brasileiros, maior ainda é a ansiedade com que as nações esperam a publicidade do plano político secreto, que motivou, segundo eles essa mesma construção."

O Brasil era assim, há cinquenta anos.



TEREZA — sóbria.

VOLTANDO AO RIO pude ver melhor uma série de coisas. Nada como descansar os olhos da fumaceira durante duas semanas. A primeira coisa que vi, aliás, é que não há uma só casa noturna com bons exaustores de fumaça.

A FALÊNCIA RONDA a noite. Era evidente que aquele "Boom" de casas noturnas no começo do ano só poderia resultar nisto. A mais recente e triste falência foi a do "Clube 36". Casa simpática, que apresentou não há muito tempo cartazes como Sílvio Caldas, Maysa, e Dorival Caymmi. Aliás, Dorival Caymmi foi chamado para tentar uma cura "in extremis" mas Caymmi não está mais em situação de curar casa alguma.

NO HOTEL SERRADOR verificamos detalhes no "Night and Day". O primeiro é que Carlos Machado é teimoso mesmo. Insiste em atirar pérolas... (como diz o provérbio). Deveria ter aprendido em "Satan dirige o espetáculo" que é uma pena ter tanto trabalho para apresentar uma produção tão refinada no Brasil. Não que "Bela Época 1900 e 58" não seja um sucesso. Mas não era preciso tanto esforço.

A SEGUNDA COISA que reparei foi nas "estrêlas". Será que eu as chamei de "estrêlas" no passado? Espero que não. Espero que só as tenha chamado de "vedetas", título que hoje no Rio se equivale com "candidato": só há candidatos e vedetas nesta cidade. Não há dúvida que Norma Benguel é atraente, que Elizabeth Gasper é linda, mas a grande verdade é que as principais qualidades delas são: terem altura, terem aspecto sadio, e serem do elenco.



GASPER — sadia.

ESTRÊLAS MESMO no "Night and Day" há três: Vera Regina, Ruth Lima e Madalena De Paula. O resto são moças que têm altura, que têm aspecto sadio, e que pertencem ao elenco. Umas fazem um pouco mais em cena porque já estão na casa há mais tempo. Exceto Norma Tamar, que já tem vários anos de casa e não quer mesmo fazer outra coisa a não ser apagar a beleza das novas quando aparece vestida de grande dama.

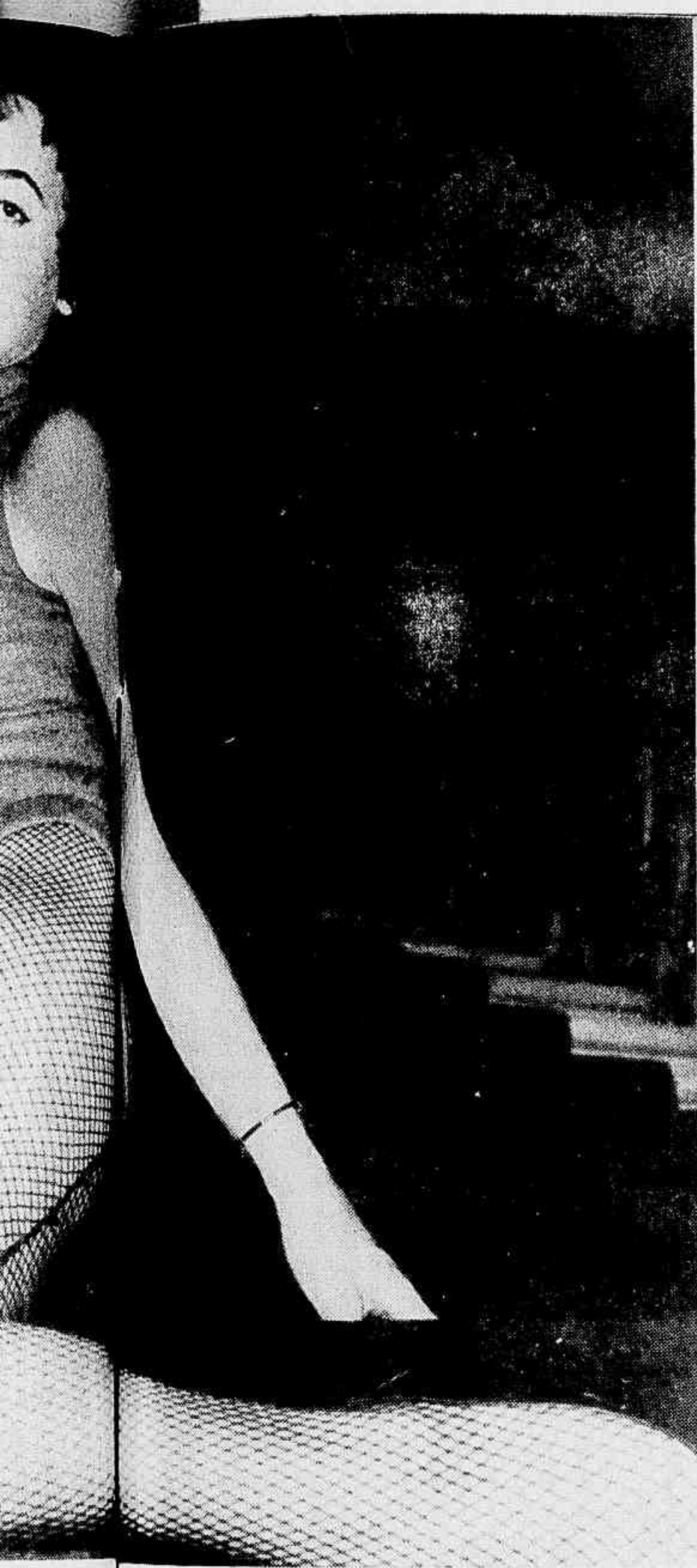
COMIDA NA NOITE não há problema: basta ir a "Le Bistro", ou ao "Sacha's" ou "Au Bon Gourmet". Está claro que se pode comer no "Night and Day" para gastar a consumação-mínima. Ou provar o picadinho do "Drink" para não ir dormir de barriga vazia. Ou passar cedo em "Le Bec Fin" contanto que conheça o dono da casa, e ele saiba que o freguês é do tipo que não apenas entende de comida, como reclama violentamente quando é mal servido. De resto...

DE DIA ALMOÇAR na cidade não é problema. Há boas casas. Mas eu gosto sobretudo de serviço atencioso. Fui ao "Verde-Mar". Já lera tanto a respeito dele. Fui para desmascará-lo. Verifiquei que tinha vinhos e queijos importados, e isto é bom sinal. Verifiquei que os garçons não deixam acumular duas pontas de cigarro num cinzeiro, e isto é raro. Verifiquei que o café é feito na hora, que há sempre manteiga na mesa, que assim que cai uma migalha na mesa é retirada, e que, para meu espanto, ainda por cima a comida era boa. O dono deve ser um idealista.

ZILCO RIBEIRO resolveu fazer um espetáculo no Copacabana-Palace. Digamos que é fabuloso, que é o melhor do mundo. Digamos, porque não é tudo isto, mas façamos de conta para poder

analisa
são p
que
que
apres
cadas
são 8
minir
cruze
fica c
quase
de 20

E
parec
Baby
saíra
fecha
quest
corar
novic
saíra
já nã
espir
afora
bella
passa
encar
de n
novic



KALEIDOSCÓPIO



PRIMO — simpática.

BENGUEL — alta.



a Regina,
que têm
o. Umas
há mais
de casa
a beleza

Bistro",
se pode
mínima.
e barriga
onheça o
o apenas
o é mal

as casas.
de-Mar".
erifiquei
al. Veri-
s de ci-
é feito
que cai
o, ainda
a.

acabana-
do. Di-
ra poder

analisar o cérebro do produtor. Segundo informam, as despesas são por conta dele. O Copacabana lhe dá 400 cruzeiros por pessoa que assistir ao espetáculo. Vocês sabem qual é a média diária que Zilco Ribeiro terá (se tiver tanto) na segunda semana da apresentação? Se chegar a 200 pessoas estará com sorte. As escadas do Copacabana-Palace assustam o público. Ora, 200 pessoas são 80 contos. Quanto será a despesa diária? Uns 40 contos, no mínimo. Sobram 40 contos por dia para amortizar 3 milhões de cruzeiros da montagem, segundo o próprio empresário. Isto significa que Zilco precisa ter uma média diária de 200 pessoas durante quase três meses para poder **não perder dinheiro**. E uma média de 200 pessoas é um quase-milagre depois da terceira semana...

E A SOCIEDADE? Que anda fazendo? Nada de excepcional, parece. Tereza de Souza Campos agora se veste sóbriamente; Baby Pignatari está viajando; os príncipes de Orleans e Bragança saíram de moda; o Country Club não precisa mais ser o "mais fechado do país", já que não há mesmo ninguém fazendo grande questão de entrar. Lares desfeitos porque o marido andou decorando o lar de outro marido de esposa bonita, já não é mais novidade; a necessidade de jogar "bridge" em toda espécie de saíram de moda; o Country Club não precisa mais ser o "mais já não tem mais graça, mesmo porque riqueza é um estado de espírito, e Ricardinho nestes assuntos tem muito espírito. Enfim, agora o fato de que Jorge Guinle convidou Eloísa e Vera Dolabella, Gilda Sarmanho, Irene Dellinghausen e alguns casais para passar um fim-de semana em Teresópolis e que todos ficaram encantados com a anfitriã, Norma Primo, não há mesmo nada de novo no "front". Não que Norma Primo seja simpática, seja novidade. Ela sempre o foi!

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



Arinos.



Lacerda.

PANORAMA

POUCO DÓLAR E MUITO CAFÊ continuou a ser o quadro profundo da realidade política, econômica e social brasileira, nesta semana. Atrás de toda a encenação política de primeiro plano, nas horas pré-eleitorais de 3 de outubro, atrás da zumbaia das faixas e das listas, o que existe é isso mesmo. Condicionando tudo. O custo de vida (grande arma eleitoral), o desemprego de meios de produção (inclusive mão de obra), a arrecadação de Estados (Minas Gerais diz que perdeu 700 milhões de cruzeiros com o declínio das vendas de café, por isso vem, mais uma vez, de pires na mão, pedir socorro ao Banco do Brasil para pagar os seus funcionários). Menor euforia por parte das classes dirigentes, que ora disporão de menos recursos para renovar anualmente suas frotas de automóveis de luxo. E, até, mesmo, a grande implicação, o ponto crítico da atual política brasileira — a posse do petróleo, — se as águas continuarem a secar para os nossos lados e o Tesouro Nacional continuar a pintar imagens de D. João VI e Pedro II sem o arxparo de uma moeda forte para sustentar tão leves cédulas.

Não houve acôrdo entre os produtores, em Paris. De um lado estão os europeus, que plantam, colhem e vendem café na África para concorrer e para sufocar o café latino-americano. Nesse lado, têm de estar, por força dos fatos, os norte-americanos, que financiam essas culturas na África e querem (mui justamente) beber café mais barato, por isso estabeleceram a concorrência. De outro, estão os africanos, que entram com a terra e o título, bem como a mão de obra, para a produção do café "Robusta" (pelo nome, não se perca) mas não apitam nem estrilam no capítulo. Dêsse lado estão os latino-americanos, que apitam e estrilam mas não conseguem ser ouvidos no capítulo. Resultado para o Brasil: nem dólar nem libra nem franco. Café. Muito café. Para dar e vender. Dar — não se sabe de quem queira receber. Vender — quem sabe, mesmo, de quem quer comprar?

POUCA PROVIDÊNCIA E MUITA CONVERSA — Na verdade, o Governo movimentou-se revelando certa disposição de enfrentar o problema, com atuações em diversas frentes. Criou Grupo de Fomento de Exportações, pretende financiar exportações dentro

de um mercado regional latino-americano (José Garrido Tórres, na SUMOC, é a pessoa indicada para levar adiante esse erigido projeto), saiu com a Operação Pan-Americana para Washington (a OPA tem reflexos políticos vantajosos no elenco das possíveis escapatórias para a crise latino-americana em geral e para o tor-nel-quele brasileiro em particular) chegou a entrar pelo reflorestamento (Dia da Arvore existe para atitudes simbólicas) e foi até às raíais da coexistência pacífica entre as nações do mundo. Concluido, fala-se mais do que se aje. Por enquanto, no que se refere à soluções objetivas e prontas existe apenas muita conversa. Conversa que, até o momento, não conseguiu, sequer, fazer um boi dormir...

POUCOS ELEITORES E MUITA AGITAÇÃO — No quadro em que vinha a mais manhosa, enfadonha e condenada eleição dos últimos tempos, eleição para que todo mundo segue como quem cumpre um castigo, falando mal do processo, dizendo que não serve, mas devendo votar para não perder emprego e, um dia, poder ir ao estrangeiro, dois fatores se destacaram para lhe dar um pouco de graça e colorido. A Justiça Eleitoral descobriu que, apesar do crescimento demográfico do país e do maior número de cidadãos alistáveis, o número de eleitores diminuiu de um milhão quatrocentos e setenta e três mil novecentos e vinte nove eleitores. (Minas Gerais bate o recorde dos fantasmas: 423.590). Essa a diferença entre uma eleição e outra. Entre os fantasmas existem, sem dúvida, os que "desencarnaram" de 1955 para cá. Seu número é incomparavelmente menor do que o dos "outros" fantasmas que, agora em 3 de outubro, não terão oportunidade de continuar a fazer assombração ao meio dia. O corpo eleitoral será bem reduzido, sem falar nas abstenções dos que não acreditam em eleição.

Enquanto fantasmas eram expurgados no Além pelo TSE, espectros eram exorcizados pelo Cardeal no Largo do Machado. Os fantasmas do TSE repousaram no descanso eterno. Os espectros do Cardeal estão bem vivos e circulantes. Sobem em palanque, fazem discurso, falam no rádio, aparecem na televisão. São os comunistas do Sr. Luís Carlos Prestes (um dos velhos diabos da nossa política que viraram ermitões) e agora resolveu apoiar o

PTB, o
pulistas
chefe ve
alarmou
anterior
se osten
quela ju
ao hábil
condena
inçanda
tido". C
lula.

— To
de outub
os que s
em dire
— Por
Ferreira
getulista
a ser p
nalista".
quando
não está

— O
no Distr
sr. Aug
da Caixa
desperta
do IBG
que des
derrotad
mem qu
sado co
tornar p
resta da

— Po
molitor
tinhas
— Em
feitura
prefeito
sucessão
UDN-PS
ficar-se
sr. Ma
UDN m

— Sã
surpresa
de Mou
Experim
paulista
hora de
Quadros
Ademar
reprises
Garcez,
no "terc
amigo
Auro M
mar tan
— E,
Goulart

E
Wa

PTB, o PSP e o Sr. Lutero Vargas. A junção das forças ditas populistas com os extremistas da esquerda, simbolizados no antigo chefe vermelho, contra o qual há muitas indisposições no PC, alarmou as forças centristas e a direita conservadora. Já em dias anteriores, o Cardeal D. Carlos Carmelo, de São Paulo, colocara-se ostensivamente ao lado do Sr. João Goulart, beneficiário daquela junção. Agora, o Cardeal do Rio de Janeiro, dizendo fugir ao hábito de não pronunciar-se sobre política, veio a público para condenar, com veemência, a aliança entre o PTB, O PSP e o PC, lançando anatema, levemente encoberto, sobre "determinado partido". O "determinado partido", que se chama PTB, aceitou a lula.

As conseqüências dessa separação de águas vêm tornar mais interessantes as perspectivas do pleito, assegurando, desde já, o caminho aberto para os entendimentos das forças centristas e direitistas num lado e das forças populistas e esquerdistas do outro. O resultado pode não ter graça, mas tem lógica. O panorama político brasileiro ficará mais nítido depois das eleições vindouras. Daqui até lá, muita agitação, insultos, desaforos, de parte a parte, o eleitorado seduzido por todos os meios, o Presidente indo e vindo de Brasília (Pásargada e donzela Hermengarda do seminarista JK), Lacerda na TV, Arinos no caminhão, e o povo — ora, o povo — pagando bonde mais caro, a espera dos acontecimentos.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

— Todos os candidatos às eleições de 3 de outubro são "nacionalistas". Até, mesmo, os que são internacionalistas (especializados em direito internacional).

— Por isso mesmo, o sr. Jurandir Pires Ferreira, que já foi antigetulista, que já foi getulista, que já foi udenista, que já chegou a ser pessedista, é também agora, "nacionalista". O miudinho adora a moda, mesmo quando o povo a "consulta" e verifica que não está muito de acordo com o manequim.

— O PSD só deve fazer dois deputados no Distrito Federal: o sr. Lopo Coelho e o sr. Augusto do Amaral Peixoto (presidente da Caixa Econômica). A eventualidade tem despertado duas espécies de reação dentro do IBGE. Uma, de alegria, por parte dos que desejam ver o sr. Jurandir Ferreira derrotado. Outra, originária dos que temem que, com a derrota, o homem do passado consultado e não votado queira retornar para acabar de destruir o que ainda resta da obra de Teixeira de Freitas.

— Por isso, é muito provável que o demolidor do IBGE acabe recebendo uns votinhos inesperados.

— Em Belo Horizonte, o pleito pela Prefeitura vai ser renhido. A escolha do novo prefeito é considerada um teste para a sucessão do Estado. Só se fala em união UDN-PSD, que parece prestes a corporificar-se em vitória do esquema político do sr. Magalhães Pinto, cuja influência na UDN mineira continua a ser muito grande.

— São Paulo é capaz de apresentar uma surpresa com a eleição do sr. Auro Soares de Moura Andrade para os Campos Elísios. Experimentados observadores da política paulista diziam-me, esta semana, que, na hora de contar os eleitores, se o sr. Jânio Quadros vir a vitória sorrindo para o sr. Ademar de Barros, não terá dúvidas em reprisar o gesto do sr. Lucas Nogueira Garcez, na última eleição, e mandar votar no "terceiro homem", ou seja, desta vez, o amigo e antigo companheiro de campanha Auro Moura Andrade. Astrólogo do Miramar também diz que isso vai acontecer.

— E, no Rio Grande do Sul, Brizzola e Goulart manobram com tanto jeito que

até Gronchi serviu de cabo eleitoral para o PTB, em Caxias do Sul. Meneghetti (que também é filho de Deus, isto é, descendente de italiano) ficou indignado com a preferência (involuntária) e fez-se de vela para Porto Alegre.

— Amigos do sr. Lucas Lopes prevêem que ele terá uma saída triunfal do Ministério da Fazenda na hora em que JK verificar a extensão dos cortes que está assistando em todas as despesas. Outros acham que não será assim. O último ministro da Fazenda que saiu bem foi José Maria Whitaker. Alkmim, foi aquilo que se viu: a toque de caixa. Imagine-se o síndico da massa falida que Alkmim deixou.

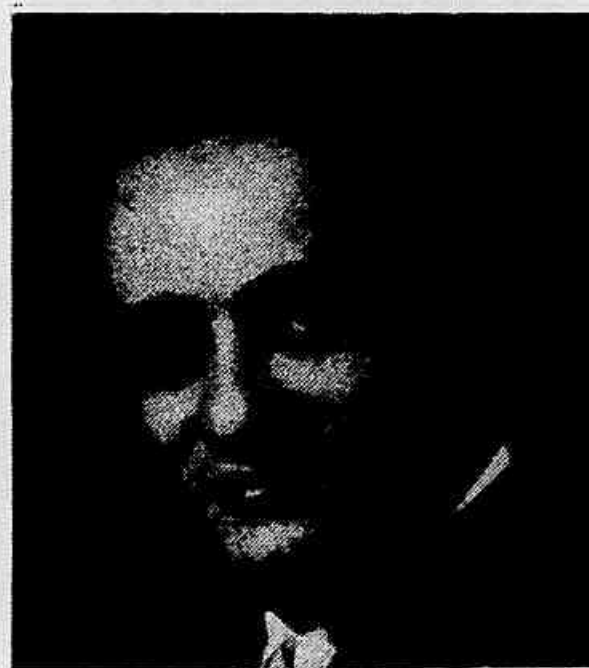
— Amaral Peixoto anda apocalíptico, nesta hora pré-eleitoral. Anda ameaçando os seus contemporâneos de, no caso de não fazerem "a reforma", serem tragados pelas conseqüências da falta dela. E anima-se a dizer que o atual sistema eleitoral favorece a corrupção. Os eleitores fluminenses da UDN estão atônitos. Têm, agora, excelente pretexto para ir à missa na paróquia eleitoral do Almirante, cuja candidatura ao Senado está subindo.

— Agora, trigo e papel de imprensa são os alvos na pauta para eliminação do câmbio favorecido que ainda resta no desfigurado mercado importador brasileiro. Estamos entrando em regime de suspensão virtual das compras no estrangeiro.

— Na eleição para a presidência da Confederação Nacional da Indústria, apontado como franco favorito o sr. Lídio Lunardi, presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais (reeleição).

— Marujo americano da Fôrça de Tarefa chegou ao bar em Copacabana, bebeu, jogou um dólar sobre a mesa e partiu. Garção agradeceu comovido: 160 cruzeiros por um chope.

E PARA TERMINAR: Diz-se, em rodas amenas, que apesar dos preconceitos racistas ainda existentes em alguns setores brasileiros, o Governo não pôde deixar de receber os diplomatas negros de Gana e Etiópia, emissários dos Estados Africanos Independentes. O Chanceler era Negrão...



Jurandir.



Brizzola.



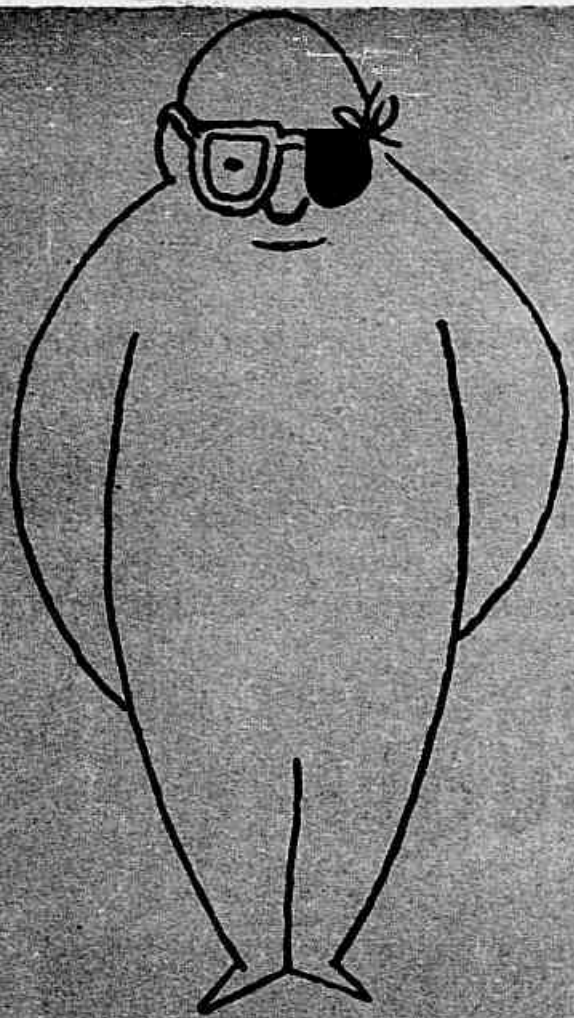
Carvalho Pinto.

QUEM ESTÁ NO TRAPEZIO

E' Negrão de Lima, tendo de defender a O.P.A., em Washington, e a Chancelaria, no Rio.

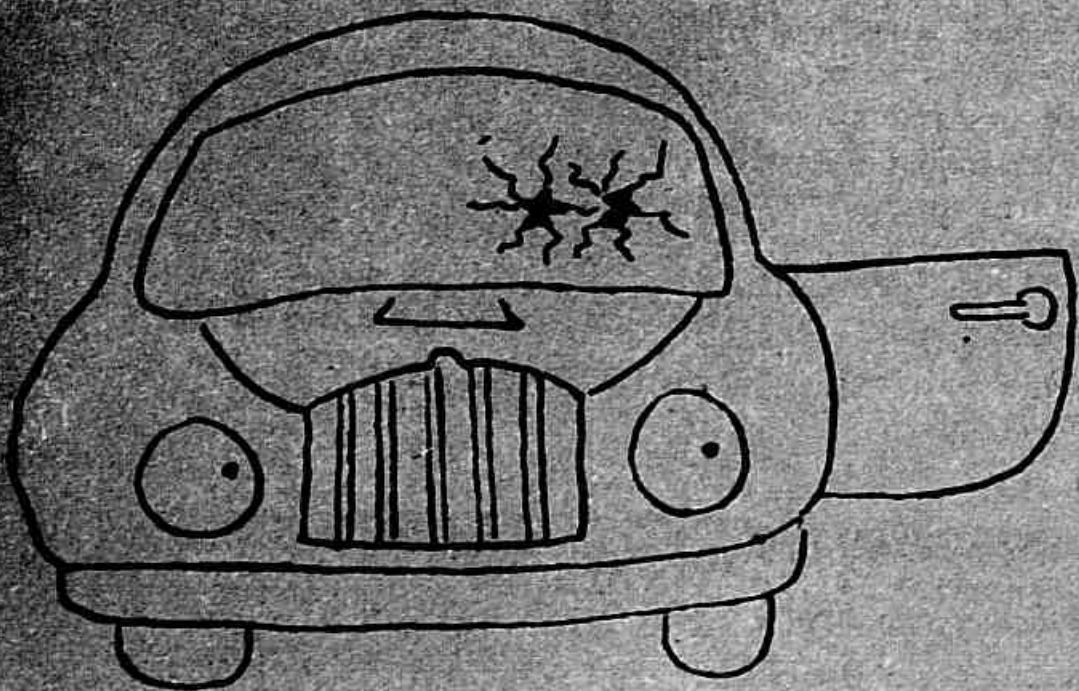
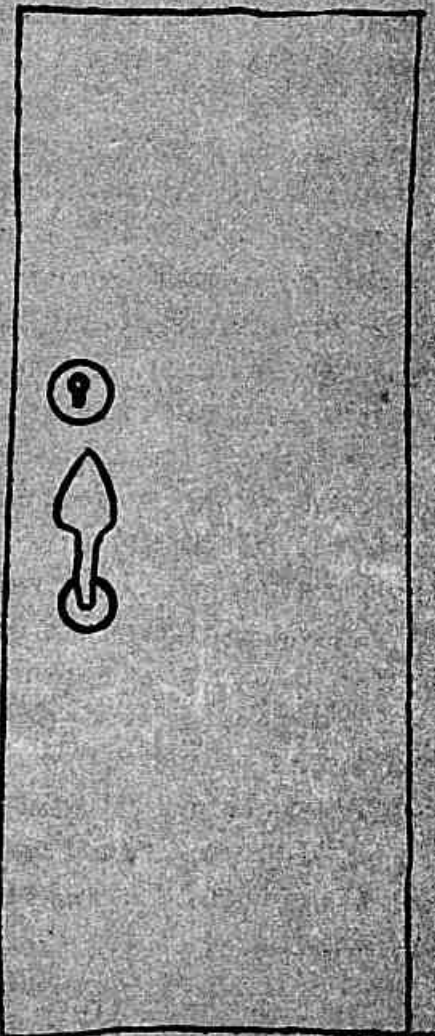
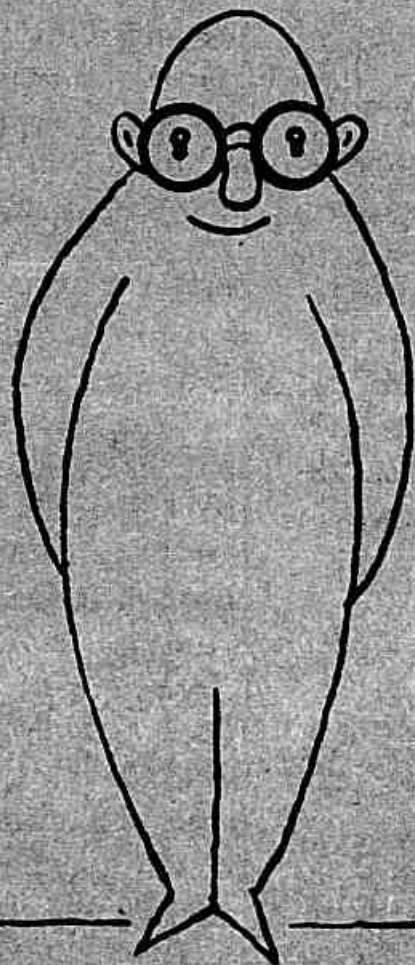
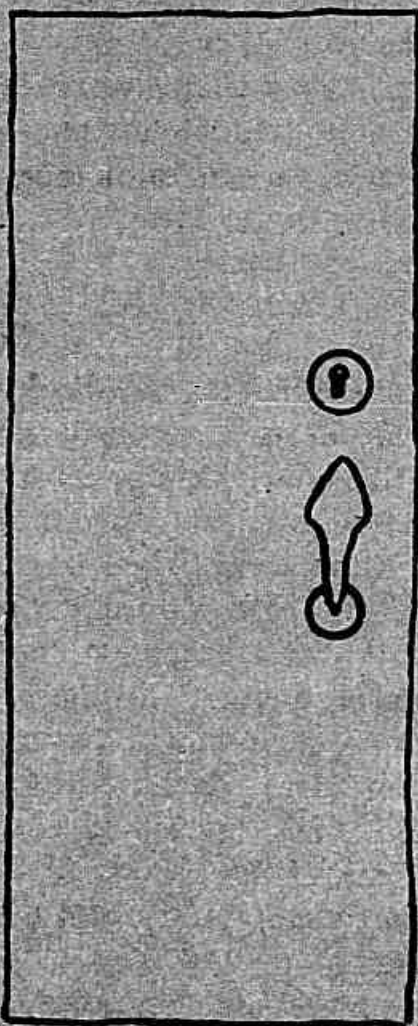
QUEM ESTÁ SENDO CHAMADO AO TRAPEZIO —

E' Amaral Peixoto — que virá para o Itamarati depois de 3 de outubro e ali será preparado para sua candidatura das forças centristas a Presidência, em 1960.



ÓCULOS

ZENON



FICOU PROVADO de uma vez por todas que não podemos convidar chefes de estado e personalidades eminentes para visitar o Brasil em período eleitoral. A falta de educação política do brasileiro se agrava de dia para dia. O Presidente Gronchi depois de funcionar como pára-choque na turrada entre Jânio e Ademar, foi testemunha da incrível cafagestada de um prefeito de Caxias, no Rio Grande do Sul. Agora só falta aparecer algum cartaz de propaganda, aproveitando fotografias da visita presidencial, com os dizeres de "Gronchi indica..."

O **COLAR** de pérolas (5 voltas) que a bonita Leila Dourado Lopes possui, fascinou uma noite dessas o compositor Ari Barroso. Ari, com seu jeitão, sugeriu apenas que o colar fôsse usado com um decote que o realçasse mais ainda. Testemunha da cena, Di Cavalcanti, referendou a sugestão com o seu senso estético de poeta e artista.

REPERCUTIU muito mal a piada infeliz do menino Jean Pouchard com a mensagem do Cardeal Jaime Câmara, advertindo o eleitorado carioca contra a infiltração comunista em determinado partido. Falta de respeito tem um limite.

OS **AMIGOS** de Adalberto do Vale estão de parabéns. Com a eleição praticamente garantida para a Câmara Federal, o futuro deputado amazonense terá de tornar o Rio de Janeiro peão obrigatório de suas múltiplas atividades.

A **REABERTURA** DOS cassinos está sendo tida como coisa certa pelas fontes bem informadas do mundo social. Vários cavaleiros de vista limpa já estão investindo seus \$\$\$\$ em áreas do litoral fluminense, cujo destino é se transformar numa Riviera papagoiaba, pontilhada de Monte Carlos de bôlso.

ESTOU INFORMADA de que dois picaretas já completaram os planos para a edição do "Informador Confidencial", pasquinzinho que fornecerá as senhoras e senhoritas desta praça a lista de presença nos bares e boites da cidade, diariamente, em primeira mão. O "Informador" será mimeografado e os vivaldinos consideram a sua publicação como um grande negócio. Além das despesas de papel e mimeógrafo, o trabalho restante consistirá apenas em abrir e fechar porta de boite durante toda a noite. Memória boa, infelizmente, eles possuem desde o berço...

UM **SÓCIO ANTIGO** do Jockey Club comentava irritado, dias atrás, que o clube deveria proceder a um expurgo no quadro de proprietários, urgentemente. Gente que come de marmitta e só paga pelo facilitário (quando paga...), aparece como dona de três e quatro cavalos. Como é que pode?

PARECE QUE O sr. Zica levou em conta os conselhos que as "verdades" lhe deram na última semana. Pelo menos, arrematou em leilão o iate "El Moujahid", primeiro passo para a sua transferência do café e bar society da Praça Mauá para o high-society de Copacabana. Bom aluno, diligente, o sr. Zica ainda acabará se transformando num Onassis brasileiros, passando a perna em alguns colegas mais adiantados neste empreendimento...

IMPOSSÍVEL ACREDITAR na conversa do costureiro Nazareth na televisão. Embora a simpatia e as referências do homem não sejam coisa pequena, o patrocínio do programa estraga tudo. Como é que um programa de elegância e alta costura traz de abre-alas uma casa intitulada "A Monarca das Setinetas" ou coisa semelhante?

JÁ É **TEMPO** do nosso Didu modificar o talhe de suas roupas. Gorduchote como anda, não lhe ficam bem aqueles paletós rasgadinhos atrás. O detalhe é de boa elegância, mas somente se recomenda aos senhores e rapazes enxutos.

OS **HOMENS DA NOITE** gostam de chorar mágoas, reclamando sempre contra a escassez da clientela. Entretanto, são incorrigíveis, só dando valor às caras mais conhecidas e não ligando a menor importância para os freqüentadores avulsos que procuram suas casas. Um amigo meu, paulista, entrou a semana passada no "Au Bon Gourmet", cujo interior mais parecia a rua do Ouvidor em tarde de domingo: um deserto. Pois bem: ficou sentado quinze minutos, ouvindo a boa música de Moacir Peixoto, sem que uma só pessoa o atendesse. Depois de um quarto de hora o maitre aproximou-se e indagou se ele estava com dor de cabeça. Divertido com a pergunta — chegou a pensar que se tratava de um drugstore com orquestra... — o meu amigo esclareceu que estava apenas com fome. E ficou com fome mais dez minutos, pois não fôsse a intervenção de um freguês amigo da casa, continuaria de castigo. E depois eles ainda se queixam da falta de movimento nas boites. Pudera! Quando não esfolam, ignoram...

CONTARAM A MARIAZINHA que a coisa mais surpreendente e instrutiva na madrugada carioca é uma incerta no "Farolito". Geralmente se pilha meia dúzia de ilustres figuras em flagrante delito, de romance com trépegas mariposas da Copacabana pecaminosa...

OS **JOTAS**, esses meus peraltas colegas, registraram maliciosamente a presença de Tenório Cavalcanti no Clube dos Banqueiros, almoçando com o presidente Johnson, da Standard Oil. Nesse passo o clube qualquer dia acaba como ponto de encontro para o angu à baiana dos banqueiros de bicho.

SOCIEDADE



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



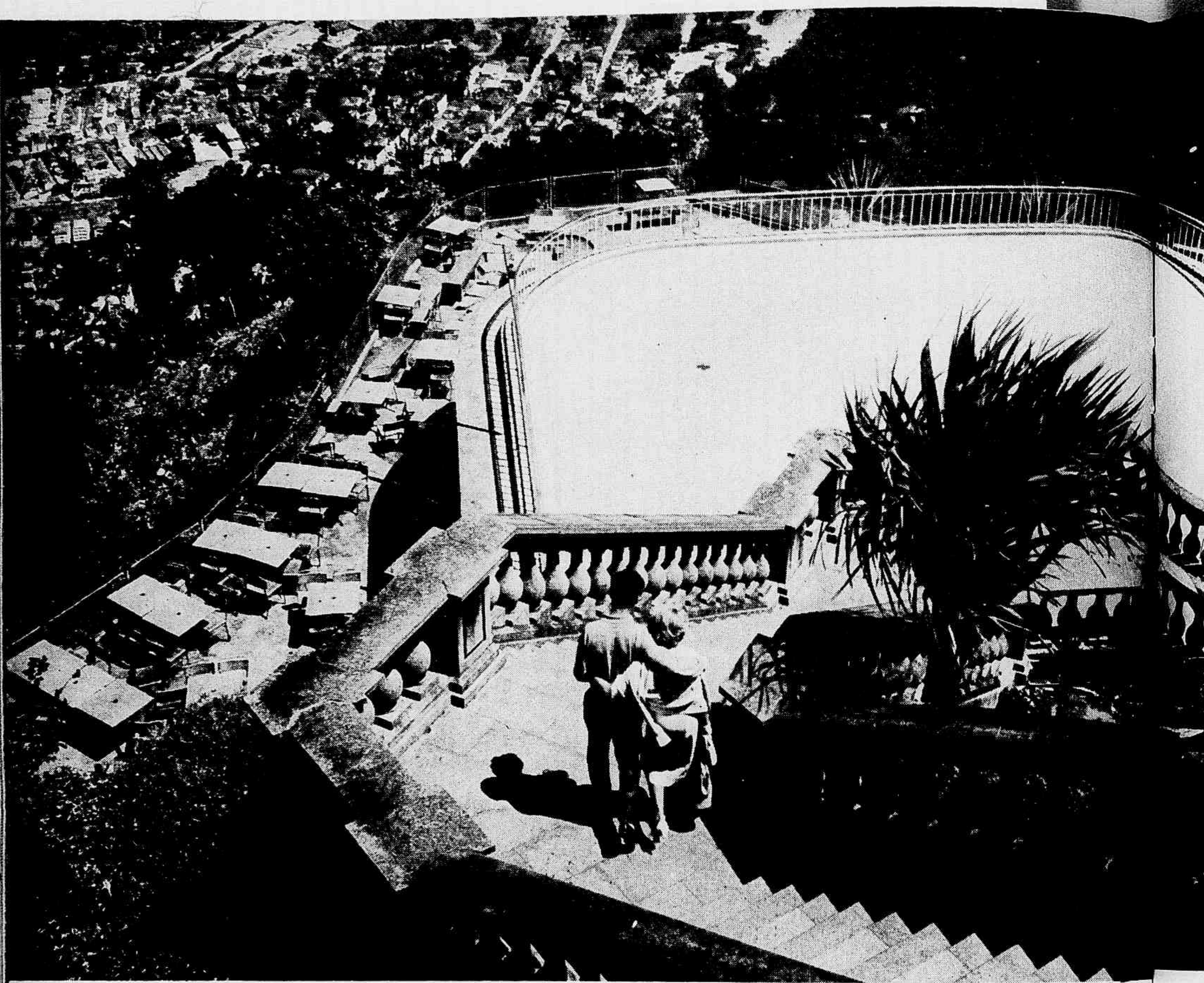


BEIJOS DE DOROTHY MALONE (EM BERGERAC) DE



AC) DEIXOU NERVOSO MOTORISTA DE CADILAC

Reportagem de HÉLIO POLITO



QUANDO A FAMÍLIA Maloney partiu da Califórnia para uma viagem pela América do Sul, a fim de visitar Lima, Rio, São Paulo, Montevideu e Buenos Aires, as instruções transmitidas ao pessoal da Braniff (companhia de aviação americana), era de que todo sigilo deveria ser mantido no sentido de evitar que fosse identificada a "estrêla" de "Palavras ao Vento". Dorothy Malone, intérprete de vários westerns e premiada com um "Oscar" (como atriz coadjuvante) depois de doze anos de cinema, fez esta exigência taxativa. Queria aproveitar bem as suas férias sem sofrer as manifestações dos fãs, e longe das entrevistas nos jornais e revistas, das cidades por onde passasse. E se aceitara o convite da Braniff, para fazer junto com a sua família e o ator Jacques Bergerac (ex-espôso de Ginger Rogers), um filme de propaganda para a televisão, representando a viagem de uma família americana ao nosso continente, fazia questão de permanecer inteiramente anônima. Bergerac, nessa película de 16 milímetros, representava o papel do tipo nativo (do brasileiro, nas tomadas em Rio e São Paulo) que conheceu uma estrangeira e, enamorado, prontificou-se a acompanhar a família por todos os pontos pitorescos da cidade.

Jacques, entretanto, desejoso de publicidade (ao contrário de Dorothy), escreveu a um seu amigo no Brasil comunicando a sua próxima vinda, com riqueza de detalhes. Isto foi o suficiente para que um cronista noticiasse em sua coluna, e que o aeroporto do Galeão estivesse repleto de fotógrafos e cinegrafistas.

Foi este o primeiro grande aborrecimento de Dorothy Malone no Brasil. Mas a estrêla continuou a irritar-se com as constantes telefonemas da imprensa para o apartamento 201, no Copacabana-Palace, e cabou perdendo a linha e dizendo desaforos a uma

jornalista que insistia em seguir os seus passos, para onde quer que fosse.

Quando a REVISTA DA SEMANA telefonou-lhe com a mesma finalidade, respondeu bruscamente:

— Não acham que estão incomodando demais? De agora em diante só atenderei a Braniff e a minha família!

Porém um representante da companhia de navegação aérea americana, promotora da viagem, já se mostrava contrariado. E com justa razão, porque a direção da empresa queria culpá-lo pelos assédios da imprensa. E nos foi dizendo:

— O sr. não pode avaliar o inferno em que tenho vivido. O nosso único interesse é fazer um filme que possa atrair turistas para a América do Sul, e não levá-los daqui para lá, para gastar os nossos minguados cruzeiros. Portanto, não temos interesse em publicidade local. Mas o sr. Bergerac botou tudo a perder, e agora ainda querem me culpar pelo que está acontecendo. Depois de espalhada a notícia da vinda de Dorothy Malone, o sr. acha que posso impedir de que a imprensa a siga? Afinal, estamos numa terra livre!

No dia seguinte, a nossa reportagem amanheceu no Copacabana-Palace.

Táxi parado à porta, a nossa missão era seguir a "estrêla", por toda a parte. Enquanto esperávamos, o porteiro comentava:

— Gente curiosa esses americanos. Um dia estão satisfeitos, no outro de mal-humor. Em uma viagem chegam com uma mulher (referia-se a Bergerac que viera ao Brasil com Ginger Rogers), e na próxima, já aparecem com outra (Dorothy)...

As nove menos dez minutos, Dorothy Malone apareceu acompanhada de toda família (pai, mãe e o irmão Robert), além de

Ela
insiste em
afirmar
que não existe
romance
mas só andam
abraçados.



e quer
mesma
ra em
a ame-
E com
pelos
ido. O
uristas
gastar
esse em
der, e
Depois
acha
estamos
abana-
a", por
va:
isfeitos,
n uma
Ginger
...
acom-
lém de



Dorothy desejava viajar incógnita para evitar ser molestada pela imprensa

Bergerac. Vestia um costume rosa, de linho, com um pequeno casaco, e usava luvas e sapatos brancos. Além de óculos de vidro escuro "para proteger do sol que está muito forte". Sua aparência era a de quem irradiava felicidade. Devia ter passado uma boa noite... E se bem que não se mostrasse gentil para com a imprensa, pelo menos a sua atitude não era hostil. Entrou em um Cadillac escuro (dos que fazem serviços para turistas, com placa particular) sendo ladeada por sua mãe e Bergerac. Na frente, o cinegrafista e o chofer. O auto 105023 rumou, então, para São Conrado, em direção ao Gávea Gôlfe Clube. Lá, ela já se mostrava mais afável. E repetia a cada instante: — "Wonderful, wonderful". Ellen Gibson (da Braniff), entregou-lhe umas papoulas vermelhas, que apanhara no campo, e ela colheu outras brancas. E guardou-as tôdas carinhosamente, na bolsa. Enquanto isso, o cinegrafista começava a funcionar. Tomadas foram feitas com ela e Bergerac, fingindo jogar gôlfe. E diga-se de passagem, Dorothy foi eficiente na tacada. A bola perdeu-se de vista no gramado verde.

Do Gôlfe Clube, a caravana rumou para as Furnas, na Tijuca, com Dorothy e seus acompanhantes já agora em outro Cadillac (8914), que era dirigido pelo simpático Nicola Perri (motorista que ficou à disposição de celebridades como Tyrone Power, Ava Gardner, Errol Flynn, e outros do "set" de Hollywood, quando aqui estiveram). Já agora, as relações, com a nossa reportagem, eram de inteira cordialidade. Vez por outra nos procurava, e dizia em português mesmo:

— Muito lindo. Muito bonito!

E só pedia:

— Tirarei as fotos que vocês quiserem. Apenas lhes imploro uma coisa: me avisem antes de bater. Não quero parecer feia...

Saindo das Furnas, foi dada uma passagem rápida pela Cascatinha, para terminar o passeio (ao mesmo tempo trabalho) no Corcovado, com algumas interrupções na estrada para pequenas filmagens. Dorothy ficou emocionada com a baiana que a nossa reportagem lhe deu como lembrança (no Corcovado), e mostrou-se deslumbrada com a vista do alto, e a grandiosidade do Cristo. E uma vez mais retocou a pintura. Terminado tudo, Dorothy e Bergerac afastaram-se do grupo que os acompanhava e desceram as escadas do Corcovado abraçados, como dois amantes. E ela a quem chamaram certa vez de "eterna solteira", parecia agora decidida ao matrimônio.

Regressando ao Copacabana-Palace, Dorothy, com um belo sorriso, negou que houvesse entre eles qualquer romance. "Somos apenas ótimos amigos. Nada mais além disso" — acrescentou ela despedindo-se amavelmente. Mas o fabuloso Nicola (motorista que os conduziu durante todo tempo, no Rio) atalhou:

— Vocês precisavam ter vindo neste meu carro para não duvidarem mais. Enquanto a mãe de Dorothy mastigava "chiclets", ela e êsse tal de Bergerac se alizavam tanto, se acariciavam de tal maneira, que cheguei a ficar nervoso olhando pelo espelho do carro. Não sei como não bati em um poste. Era cada beijo de "desentopir pia", que deixava qualquer um maluco...

E, na verdade, o repórter notara que Dorothy, que havia se pintado poucos momentos antes, no Corcovado, chegara no Copacabana-Palace com os lábios completamente pálidos. Lábios que deveriam ter sido beijados longamente, nervosamente, loucamente, como o fazem os sedentos de amor...



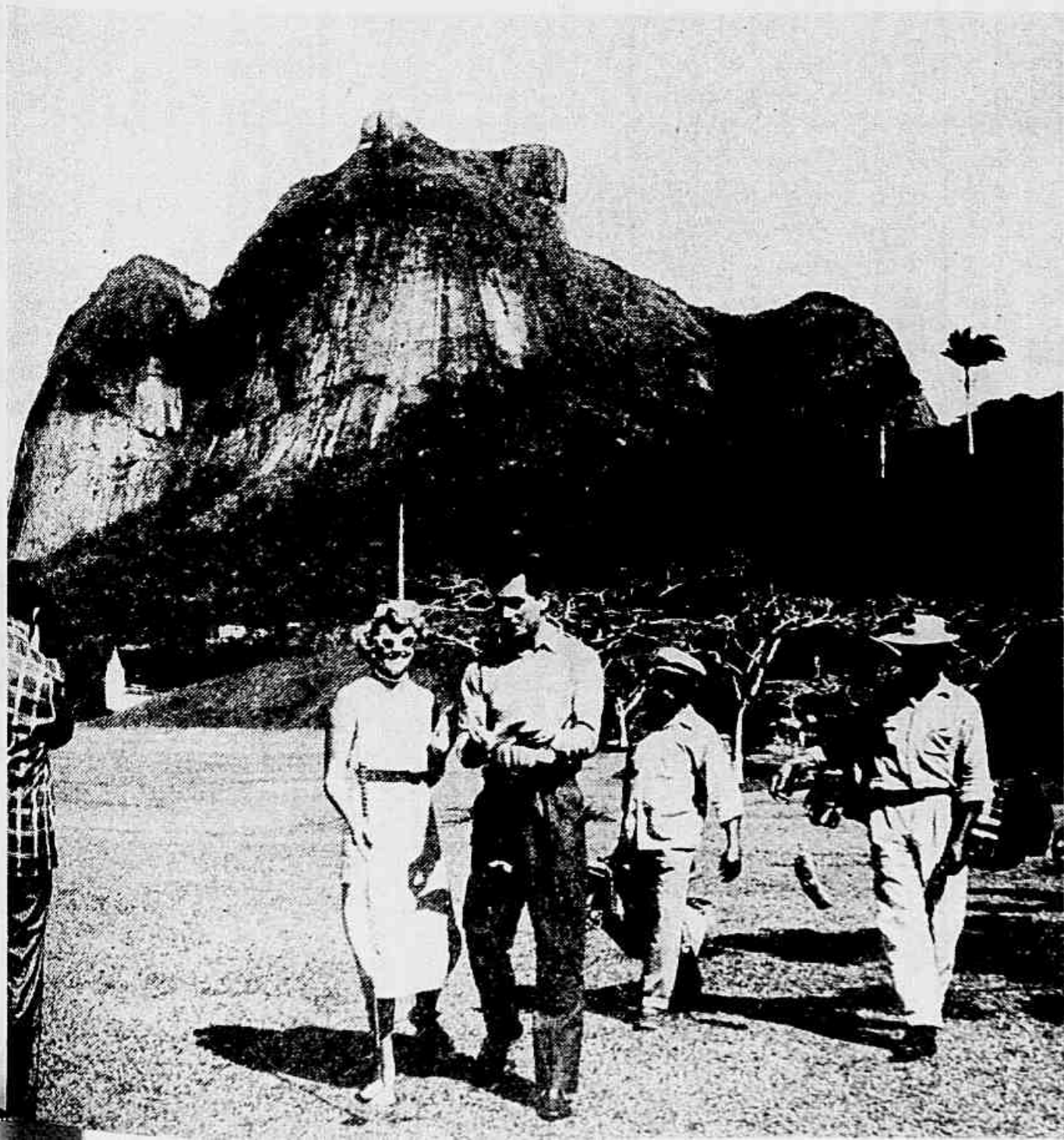
pela imprensa, mas Bergerac botou tudo a perder porque queria publicidade.

imploro
feia...
Casca-
lho) no
equenas
a nossa
strou-se
Cristo.
Dorothy
e des-
mantes.
parecia

elo sor-
"Somos
tou ela
otorista

ão du-
niclets",
ram de
elho do
eijo de

avia se
no Co-
Lábios
louca-



CRÔNICA

DESCOBERTA DA AZEITONA



ENEIDA

HOJE NÃO FALAREI das agruras da vida; não soltarei nenhuma lamúria; não contarei dos suicídios e dos assassinatos; não direi nem da fome nem da miséria. Há muito sol e preciso contar, com urgência, uma estória doméstica, íntima: José acaba de descobrir o gosto das azeitonas.

Não preciso — espero — apresentar-vos José. Nascido de pai ignorado, muito cedo arrancado do colo materno, sem brasões nem glórias, José é um gato malhado, branco e preto como é comum aos torcedores do Botafogo. Mas não é um gato qualquer. Entrou para a minha família da qual é hoje um dos membros mais ilustres. Vivemos um para o outro, se assim posso dizer. Em certos momentos, chego a temê-lo. Por que me olhará assim, com olhos azuis agora, amarelos depois, muito verdes em certos momentos, olhos que lembram os meus em passados instantes, naqueles em que eu era ainda sonhadora e visionária? Por que me olha assim José, horas a fio sem se mexer, sem pestanejar, como se estivesse me passando a limpo, me aprendendo de cor? O que quererá dizer esse olhar profundo que me acompanha nos menores gestos? Estarei sendo aplaudida, criticada ou simplesmente, apenas, amada?

José, seu comportamento, suas ações, sua maneira de encarar a vida, dá para um volume e isto é uma crônica. Ora, crônica é conversa rápida, peça jornalística ou literária que deve ser curta, pelo que vou direta às azeitonas.

A primeira vez que José viu uma azeitona, ela estava inteira. Dei-lhe porque sua presença, no momento em que me alimento, exige participação. A azeitona caiu no chão, fugiu, correu e José atrás dela. Naturalmente conseguiu afinal prendê-la, porque José, como já disse é de minha família: teimoso, persistente, corajoso. Logo que conseguiu a presa provou-a, abandonou-a. Uma conquista nem sempre vale a pena ser guardada; foi com certeza o que pensou. Azeitona conquistada, possuída, mordida, foi desprezada.

Agora, a funcionária da casa que exerce também as funções de cozinheira — e ótima — preparou um prato no qual entravam azeitonas partidas, sem caroço. Ora, uma azeitona assim, deixa de ter o interesse inicial, torna-se um ingrediente qualquer, um tempêro, uma coisa que perdeu sua origem, digamos mesmo: uma azeitona sem caroço é um simulacro de azeitona. Desejei ver o que pensaria José daquele fruto que perseguiu um dia; como iria julgá-la agora que não podia correr, fugir? Dei-lhe pedaços de azeitona do referido prato, cujo nome não sei, porque não é de minha especialidade conhecer nome de comidas.

José provou as fatias do fruto da oliveira (tentei em vão fugir deste pernosticismo) e gostou. Desde o primeiro momento, com o primeiro pedaço comido, olhou-me em êxtase. Senti que para o seu paladar muito exigente (cada um com sua personalidade e José tem a sua, bem forte), a azeitona era considerada delícia. Fiquei observando suas reações. Comeu, comeu e à medida que comia tornava-se feliz, tão feliz, que, terminando o que havia no prato, teve a mais linda demonstração de alegria: virou as patinhas para o alto, deitou-se de costas e agitou-se num contentamento total.

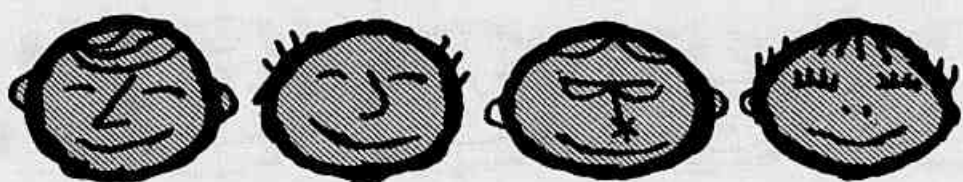
José descobriu, num almôço, o sabor das azeitonas. Não sei se percebeu que aquelas fatias eram daquele caroço vestido que perseguiu uma vez, mas nunca vi nele tanta alegria.

Poderia aqui entrar no jôgo das imagens e comparações; poderia querer tirar ensinamentos morais da alegria de José com o gosto da azeitona. Poderia fazer muitas frases, como por exemplo: quantos de nós, animais chamados racionais, não temos dessas alegrias descobrindo novidades para nosso paladar moral, físico ou intelectual? Poderia dizer muitas coisas, mas isto é uma crônica.

Conto apenas, simplesmente esta estória: José acaba de descobrir um gosto novo para sua vida, uma nova alegria, um encantamento maior para viver: as azeitonas. E deu-me uma lição de transbordamento, de comemoração. Sua alegria ensinou-me se devemos comemorar sempre e muito a vida que se renova a cada momento. A vida que é gostosa, a vida que é uma sucessão de descobertas.

Comemoro portanto com a descoberta de José a alegria de viver. É verdade que preciso confessar: eu não gosto de azeitonas. Da vida sim, muitíssimo.

TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO

Realmente

Inteiramente

COLOSSAL!

NOVO



televisor



PHILIPS

NEW VISION 59

NOVO EM TUDO!

- Moderníssima seleção de canais de maior sensibilidade
- "Crisper Switch" para uma imagem mais nítida
- Novo tubo iluminado de 40W com ímã estabilizador
- Novo sistema de som "Hi-Fi" com transformador de saída proporcionando um som mais rico em detalhes
- Altifalantes "Duo-Cone" equivalente a dois, para melhor reprodução sonora
- Controle de qualidade continua com chave de engate automática
- Novas alturas decorativas de linhas modernas de grande leveza
- Nova máscara "Golden-Grey" de grande beleza

ADQUIRE HOJE MESMO

VISION 59